
ALFAGUARA
Mario Benedetti
Primavera num espelho partido

ALFAGUARA

Mario Benedetti

Primavera num espelho partido

Tradução
Eliana Aguiar

© Mario Benedetti
c/o Guillermo Schavelzon & Asoc. Agencia Literaria
info@schavelzon.com
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Primavera con una esquina rota

Capa
Andrea Vilela de Almeida

Imagem de capa
Arthur Tress / Photonica / Getty Images

Preparação de texto
Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão
Tamara Sender
Lucas Bandeira de Melo
Ana Kronemberger

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B398p
Benedetti, Mario
Primavera num espelho partido [recurso eletrônico] / Mario Benedetti ; tradução Eliana Aguiar. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.
recurso digital
Tradução de: *Primavera com una esquina rota*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
176p. ISBN 978-85-7962-104-8 (recurso eletrônico)
1. Romance uruguaio. 2. Livros eletrônicos. I. Aguiar, Eliana. II. Título.
11-5370. CDD: 868.993953

CDU: 821.134.2(899)-3

À memória de meu pai (1897-1971)
que foi químico e boa gente.

Intramuros (Esta noite estou só)

Esta noite estou só. Meu companheiro (algum dia você saberá seu nome) está na enfermaria. É boa gente, mas de vez em quando não é tão mau ficar sozinho. Posso refletir melhor. Não preciso armar um biombo para pensar em você. Você vai dizer que quatro anos, cinco meses e catorze dias é tempo demais para se pensar. E tem razão. Mas não tempo demais para pensar em você. Aproveito para escrever porque há lua. E a lua sempre me tranquiliza, é como um bálsamo. Além do mais, ilumina, mesmo que precariamente, o papel, e isso tem lá a sua importância porque não temos luz elétrica a essa hora. Nos dois primeiros anos não havia nem mesmo a lua, de modo que não me queixo. Sempre tem alguém que está pior, como concluía Esopo. E até pior do que o pior, concluo eu.

É curioso. Quando alguém está fora e imagina que, por uma razão ou outra, poderia passar vários anos entre quatro paredes, pensa que não conseguiria aguentar, que seria simplesmente insuportável. No entanto, é suportável, como pode ver. Eu, pelo menos, suportei. Não nego que passei por momentos de desespero, além daqueles em que o desespero inclui sofrimento físico. Mas agora estou me referindo ao desespero puro, quando se começa a calcular, e o resultado é esta jornada de clausura multiplicada por mil dias. Apesar de tudo, o corpo é mais adaptável do que o espírito. O corpo é o primeiro a se acostumar aos novos horários, a suas novas posturas, ao novo ritmo de suas necessidades, a seus novos cansaços, a seus novos descansos, a seu novo fazer e a seu novo não fazer. Se tem um companheiro, você pode, inicialmente, considerá-lo um intruso. Mas pouco a pouco vai se transformando em interlocutor. O de agora é o oitavo. Creio que me dei bastante bem com todos. O duro é quando os desesperos não coincidem e o outro o contagia com os dele ou você, com os seus. Também pode acontecer que um dos dois se oponha frontalmente ao contágio e que essa resistência origine um choque verbal, um enfrentamento, e nesses casos, justamente, a condição de clausura é de pouca ajuda e, ao contrário, exacerba os ânimos, leva um (e outro) a pronunciar afrontas e até a dizer, algumas vezes, coisas irreparáveis que, em seguida, têm seu significado agravado pelo simples fato de que a presença do outro é obrigatória e, portanto, inevitável. E quando a situação se torna tão difícil que os ocupantes do lugarzinho nem sequer se dirigem a palavra, então essa companhia, embaraçosa e tensa, deteriora a pessoa

muito mais, e mais rapidamente, do que a solidão total. Por sorte, nesse já longo histórico, tive um único capítulo desse estilo, e durou pouco. Estávamos tão cheios desse silêncio em duas vozes, que uma tarde nos olhamos e quase simultaneamente começamos a falar. Depois foi fácil.

Há aproximadamente dois meses não tenho notícias suas. Não pergunto o que houve porque sei o que houve. E o que não. Dizem que dentro de uma semana tudo se regularizará outra vez. Tomara. Não sabe como uma carta é importante para qualquer um de nós. Quando tem recreio e saímos, sabe-se imediatamente quem recebeu carta e quem não. Há uma estranha luz nos rostos dos primeiros, embora muitos tratem de esconder sua alegria para não entristecer ainda mais os que não tiveram essa sorte. Nas últimas semanas, por razões óbvias, todos estávamos com caras jururus, e isso também não é bom. De modo que não tenho resposta para nenhuma de suas perguntas, simplesmente porque careço de suas perguntas. Mas eu, sim, tenho perguntas. Não as que conhece sem necessidade de que eu as faça e que, diga-se de passagem, não gosto de fazer para não lhe dar a tentação de um dia (brincando ou, o que seria muito mais grave, a sério) responder: "Não." Queria simplesmente perguntar pelo Velho. Há muito que não me escreve. E neste caso tenho a impressão de que não existe qualquer outro motivo para que eu não receba cartas. Somente faz muito tempo que não me escreve. E não sei por quê. Repasso às vezes (só mentalmente, é claro) o que consigo lembrar de ter escrito em algumas de minhas breves mensagens, mas não acho que houvesse nelas nada que o ferisse. Você o vê com frequência? Outra pergunta: como está indo Beatriz na escola? Em sua última cartinha, tive a impressão de notar certa ambiguidade em suas informações. Você já percebeu o quanto sinto sua falta? Em que pese minha capacidade de adaptação, que não é pouca, essa é uma das faltas às quais nem o espírito nem o corpo se acostumaram. Pelo menos até hoje. Chegarei a habituar-me? Não creio. Você se habituou?

Feridos e contundidos (Fatos políticos)

— Graciela — disse a menina, com um copo na mão. — Quer limonada?

Vestia uma blusa branca, calças jeans, sandálias. Os cabelos negros, compridos mas não demais, presos na nuca com uma fita amarela. A pele muito branca. Nove anos; dez, talvez.

— Já disse para não me chamar de Graciela.

— Por quê? Não é o seu nome?

— Claro que é meu nome. Mas prefiro que me chame de mamãe.

— Está bem, mas não entendo. Você não me chama de filha, mas de Beatriz.

— É outra coisa.

— Bem, quer limonada?

— Sim, obrigada.

Graciela aparenta trinta e dois ou trinta e cinco anos, e talvez os tenha. Veste uma saia cinza e uma camisa vermelha. Cabelo castanho, olhos grandes e expressivos. Lábios cálidos, quase sem pintura. Tirou os óculos enquanto falava com a filha, mas agora os coloca de novo para continuar a ler.

Beatriz deixa o copo com limonada em uma mesinha que tem dois cinzeiros e sai da sala. Porém, ao cabo de cinco minutos, volta a entrar.

— Briguei com Lucila ontem na escola.

— Ah.

— Não se importa?

— Você sempre briga com Lucila. Deve ser uma forma que vocês têm de se gostar. Porque são amigas, não é?

— Somos.

— E então?

— Das outras vezes brigamos quase como um jogo, mas ontem foi sério.

— Ah sim.

— Falou de papai.

Graciela tira os óculos outra vez. Agora demonstra interesse. Bebe a limonada de um só gole.

— Disse que se o papai está preso é porque deve ser um delinquente.

— E você, o que respondeu?

— Disse que não. Que é um preso político. Mas depois pensei que não sabia bem o que era isso. Ouço sempre, mas não sei bem o que é.

— E foi por isso que brigou?

— Por isso e também porque me disse que em casa o pai dela diz que os exilados políticos vêm para cá e tiram o trabalho das pessoas do país.

— E o que respondeu?

— Bem, não sabia o que dizer e então dei um tapa nela.

— Assim o pai dela vai poder dizer também que os filhos dos exilados agridem sua filha.

— Na verdade não foi um tapa, só um tapinha. Mas ela reagiu como se tivesse machucado.

Graciela se abaixa para ajeitar a meia e também para ganhar uma trégua ou refletir.

— Bater nela não é certo.

— Imagino que não. Mas o que ia fazer?

— Também é verdade que o pai dela não deveria dizer essas coisas. Ele, sobretudo, deveria nos compreender melhor.

— Por que *ele* sobretudo?

— Porque é um homem de cultura política.

— Você é uma mulher de cultura política?

Graciela ri, relaxa um pouco e acaricia seu cabelo.

— Um pouco, sim. Mas ainda me falta muito.

— Falta muito para quê?

— Para ser como seu pai, por exemplo.

— Ele está preso por culpa de sua cultura política?

— Não exatamente por isso. Seria mais por causa dos fatos políticos.

— Quer dizer que matou alguém?

— Não, Beatriz, não o matou ninguém. Existem outros fatos políticos.

Beatriz se contém. Parece prestes a chorar e, no entanto, está sorrindo.

— Ande, traga mais limonada.

— Sim, Graciela.

Dom Rafael (Derrota e rota)

O essencial é adaptar-se. Já sei que com essa idade é difícil. Quase impossível. E contudo. Afinal de contas, meu exílio é meu. Nem todos têm um exílio próprio. A mim quiseram empurrar um alheio. Tentativa inútil. Transformei-o em meu. Como foi? Isso não importa. Não é um segredo nem uma revelação. Eu diria que é preciso começar apoderando-se das ruas. Das esquinas. Do céu. Dos cafés. Do sol, e o que é mais importante, da sombra. É somente quando alguém chega a perceber que uma rua não lhe é estrangeira que a rua para de vê-lo como um estranho. E assim com todo o resto. No princípio, andava com uma bengala, como convém, talvez, a meus sessenta e sete anos. Mas não era coisa da idade. Era uma consequência do desalento. *Lá*, sempre fazia o mesmo caminho ao voltar para casa. E *aqui* isso me fazia falta. As pessoas não entendem esse tipo de nostalgia. Acreditam que a nostalgia só tem a ver com céus e árvores e mulheres. No máximo, com militância política. A pátria, enfim. Mas eu sempre tive nostalgias mais cinzentas, mais opacas. Essa, por exemplo. O caminho de volta para casa. Uma tranquilidade, um sossego, saber o que vem depois de cada esquina, de cada sinal, de cada banca de jornal. *Aqui*, em compensação, comecei a caminhar e me surpreender. E a surpresa me fatigava. E ainda por cima, você não chega em casa, mas chega à *residência*. Cansado de surpreender-me, isso sim. Talvez tenha sido por isso que recorri à bengala. Para amenizar tantas surpresas. Ou talvez para que os compatriotas que ia encontrando me dissessem: "Mas, dom Rafael, *lá* o senhor não usava bengala", e eu pudesse responder: "Bem, vocês também não usavam paletó." Surpresa por surpresa. Um desses assombros foi uma loja com máscaras de cores um pouco abusivas, hipnotizantes. Não conseguia me habituar às máscaras, embora sempre tenham sido as mesmas. Mas junto com a recorrência das máscaras, repetia-se também o meu desejo, ou talvez minha expectativa, de que as máscaras mudassem, e diariamente me assombrava ao encontrar as mesmas. E então a bengala me ajudava. Por quê? Para quê? Bem, para apoiar-me quando essa modesta decepção me assaltava, quer dizer, quando comprovava que as máscaras não haviam mudado. E devo reconhecer que minha expectativa não era tão absurda. Porque a máscara não é um rosto. É um artifício, não? Um rosto só muda por acidente. Em sua estrutura, digo; não em sua expressão, que, essa sim, é variável. Em compensação, uma máscara pode

mudar por mil motivos. Digamos: por ensaio, por experimentação, por ajuste, por melhoria, por deterioração, por substituição. Só depois de três meses compreendi que não podia esperar nada das máscaras. Não iam mudar, aquelas insistentes, aquelas turronas. E comecei a fixar-me nos rostos. E afinal, foi uma boa troca. Os rostos não se repetiam. Vinham para mim, e deixei a bengala. Já não precisava mais me apoiar para suportar o espanto. Talvez um rosto não mude com os dias, mas com os anos; no entanto, os que vinham a mim (com exceção de uma mendiga ossuda e tímida) eram sempre novos. E com eles vinham todas as classes sociais, em carros impressionantes, em carrinhos modestos, em ônibus, em cadeiras de rodas ou simplesmente caminhando. Parei de sentir falta do caminho, montevideano e conhecido, da volta a casa. Na nova cidade havia novas rotas. De rota vem derrota, já sei. Nossa derrota pode não ser total, mas é derrota. Já tinha entendido, mas pude confirmá-lo totalmente quando dei minha primeira aula. O aluno pôs-se de pé e pediu permissão para perguntar. E perguntou: "Mestre, por que razão seu país, uma democracia liberal estabelecida, passou tão rápido a ser uma ditadura militar?" Pedi que não me chamasse de mestre. Não é nosso costume. Mas pedi isso apenas para poder organizar a resposta. Repeti o consabido: que o processo começou muito antes, não na calma, mas no subsolo da calma. E fui anotando na lousa as várias rubricas, os períodos, as caracterizações, os corolários. O rapaz concordou. E li em seus olhos compreensivos toda a dimensão da minha derrota, da minha rota. E desde então volto cada tarde por um rota distinta. Por outro lado, agora já não regresso a *uma residência*. Tampouco é uma casa. É simplesmente um apartamento, ou seja, um simulacro de casa: uma residência com agregados. Mas a nova cidade me agrada, por que não? Sua gente — menos mal — tem defeitos. E é muito divertido especializar-me neles. As virtudes — é claro que também as possuem — são geralmente tediosas. Os defeitos, não. O pedantismo, por exemplo, é uma zona prodigiosa, na qual nunca acabo de especializar-me. Minha bengala, sem ir mais longe, era um indício de pedantismo, e obviamente tive que abandoná-la. Quando me sinto pedante, me deprecio um pouquinho, e isso é péssimo. Porque nunca é bom depreciar-se, a menos que existam razões bem fundadas, o que não é meu caso.

Exílios (Cavalo verde)

Seis meses antes havia escorregado em um piso encerado de hotel, em outra cidade, batendo violentamente com a cabeça no chão. Como consequência dessa queda, teve descolamento da retina e agora tinha sido operado. Por indicação médica, devia permanecer quinze dias deitado, com os olhos vendados, ou seja, durante esse lapso de tempo dependeria totalmente da mulher. A cada setenta e duas horas aparecia o cirurgião, destapava o olho operado, comprovava que tudo ia bem e voltava a tapá-lo. Era aconselhável que, pelo menos durante a primeira semana, não recebesse visitas, a fim de garantir a quietude completa. Mas podia ouvir rádio e gravador cassete. E, claro, atender o telefone.

As notícias do rádio não somente não eram tediosas, como nos bons tempos, mas às vezes chegavam a ser arrepiantes, já que em janeiro de 1975 costumavam aparecer dez ou doze cadáveres diários nas lixeiras portenhas. Entre noticiários e noticiários, entretinha-se ouvindo fitas de Chico Buarque, de Viglietti, de Nacha Guevara, de Silvio Rodríguez, e também A Truta *de Schubert e algum quarteto de Beethoven.*

Outra diversão era propor imagens a si mesmo, o que passou a ser a mais fascinante de suas atividades passivas, já que sem dúvida incluía um elemento criador, mais original, a bem da verdade, do que o simples e textual registro por meio da visão das imagens que a realidade ia proporcionando. Agora não. Agora era ele quem inventava e recrutava essa realidade, e ela aparecia com todos os seus traços e cores na parede interior de seus olhos fechados.

O jogo era estimulante. Pensar, por exemplo: agora vou criar um cavalo verde sob a chuva e fazê-lo aparecer no reverso das pálpebras imóveis. Não se atrevia a ordenar que o cavalo trotasse ou galopasse, porque a instrução do médico era de que as pupilas não se movimentassem, e não tinha muita certeza, em sua recente descoberta, se a pupila enclausurada sentiria ou não a tentação de seguir o galope do cavalo verde. Mas em troca tomava todas as liberdades ao conceber quadros imóveis. Digamos: três meninos (dois louros e um pretinho, como na publicidade dos grandes monopólios norte-americanos), o primeiro com skate, o segundo com um gato e o terceiro jogando com um bilboquê. Ou ainda, por que não?, uma moça nua, cujas medidas pode escolher cuidadosamente antes de concretizar a imagem. Ou uma ampla panorâmica de uma praia montevideana, com uma área de barracas de cores

muito vivas e outra, em compensação, quase deserta, com um velho, barbudo, de short, acompanhado de um cão que contempla o dono em estado de rígida lealdade.

Então o telefone tocou e foi muito fácil esticar a mão. Era uma boa amiga que, é claro, sabia da operação, mas que não perguntou como estava nem se tudo tinha corrido bem. Também sabia que o apartamento de Las Heras e Pueyrredón não dava para a rua, exceto por uma janelinha do banheiro de onde se viam três ou quatro metros da praça. No entanto, disse: "Estou ligando só para você se debruçar na varanda e ver que lindo desfile militar, bem em frente à sua casa." E desligou. Então ele disse à mulher que olhasse pela janelinha do banheiro. O previsível: uma blitz.

"Temos que queimar algumas coisas", disse ele, e imaginou o olhar preocupado de sua mulher. Apesar da urgência, tratou de tranquilizá-la um pouco: "Não tem nada de clandestino, mas se entram aqui e encontram coisas que podem ser compradas em qualquer quiosque, como os relatos de Che ou a Segunda Declaração de Havana (não digo Fanon ou Gramsci ou Lukács, pois não sabem quem são), ou alguns números da revista Militância *ou do jornal* Notícias*, isso basta para nos trazer problemas."*

Ela foi queimando livros e jornais, dando olhadas esporádicas ao pedacinho de praça. Teve que abrir outras janelas (as que davam para o jardim dos fundos, que separava os dois blocos) para que saíssem a fumaça e o cheiro de queimado. E assim foi durante vinte minutos. Ele tratava de orientá-la: "Olhe, na segunda estante, o quarto e o quinto livros à esquerda, é Estética e marxismo*, em dois tomos. Viu? Ótimo, na estante de baixo estão* Relatos da guerra revolucionária *e* O Estado e a Revolução*."*

Ela perguntou se devia queimar também O cinema socialista *e* Marx e Picasso*. Ele disse que queimasse primeiro os outros. Esses eram mais fáceis de explicar. "Não jogue as cinzas na lixeira. Use a descarga." A fumaça o fez tossir um pouco. "Será que não vai fazer mal a seus olhos?" "Pode ser, mas temos que escolher o mal menor. Além do mais, creio que não. Estão bem tapados."*

O telefone voltou a tocar. A amiga de novo: "E então? Gostou do desfile? Pena que terminou tão rápido, não é?" "Sim", disse ele respirando fundo, "foi magnífico. Que disciplina, que cor, que elegância. Os desfiles de soldadinhos me fascinavam desde quando era um moleque. Obrigado por avisar".

"Bom, não precisa queimar mais. Ao menos por hoje. Já se foram." Ela também respirou, recolheu com a pá as últimas cinzas, jogou na privada, deu a descarga, verificou se tinham sido levadas pela água, lavou as mãos e veio sentar-se, já

relaxada, ao lado da cama. Ele conseguiu pegar sua mão. "Amanhã queimamos o resto", disse ela, "mas com calma". "Tenho pena. São textos dos quais preciso, às vezes."

Tratou então de pensar no cavalo verde sob a chuva. Mas sem saber bem por que, o cavalo agora era preto retinto e montado por um robusto cavaleiro que usava quepe mas não tinha rosto. Pelo menos ele não conseguia distingui-lo na parede interior de suas pálpebras.

Beatriz (As estações)

As estações são pelo menos inverno, primavera e verão. O inverno é famoso pelas echarpes e pela neve. Quando os velhinhos e as velhinhas tremem no inverno, diz-se que tiritam. Eu não tirito porque sou menina e não velhinha e também porque me sento perto da estufa. Nos invernos dos livros e dos filmes aparecem trenós, mas aqui não. Aqui também não tem neve. Que chato o inverno aqui. No entanto, tem um vento grandioso que se sente sobretudo nas orelhas. Meu avô Rafael diz às vezes que vai se recolher para seus quartéis de inverno. Não sei por que não se recolhe para quartéis de verão. Tenho a impressão de que nos outros ele vai tiritar, pois é bem idoso. Nunca se deve dizer velho, mas sim idoso. Um menino da minha sala disse que sua avó é uma velha de merda. Eu ensinei que em todo caso deveria dizer idosa de merda.

Outra estação importante é a primavera. Minha mãe não gosta da primavera porque foi nessa estação que prenderam meu pai. Prenderam com um A na frente é o que se faz na escola. Mas sem A é como ir à polícia. Prenderam meu pai sem A na frente e como era primavera ele estava com um pulôver verde. Na primavera também acontecem coisas lindas, como quando meu amigo Arnoldo me empresta o *skate*. Ele bem que me emprestaria no inverno, mas Graciela não deixa porque diz que tenho tendência a me resfriar. Na minha sala não tem mais ninguém com tendência. Graciela é minha mãe. Outra coisa muito boa que tem na primavera são as flores.

O verão é a campeã das estações, porque tem sol e, sem dúvida, porque não tem aulas. No verão só quem tirita são as estrelas. No verão todos os seres humanos suam. O suor é uma coisa bem úmida. Quando alguém sua no inverno é porque está por exemplo com bronquite. No verão minha testa sua. No verão os vagabundos vão à praia porque de maiô ninguém os reconhece. Na praia não tenho medo dos vagabundos, mas dos cachorros e das
on
das. Minha amiga Teresita não tinha medo das ondas, era muito valente e uma vez quase se afogou. Um senhor não teve outro remédio a não ser salvá-la e agora ela também tem medo das ondas, mas ainda não tem medo dos cachorros.

Graciela, quer dizer, minha mãe, repete e torna a repetir que tem uma outra estação chamada outono. Acho que pode ser, mas nunca vi. Graciela diz que no

outono tem uma grande quantidade de folhas secas. É sempre bom que exista uma grande quantidade de alguma coisa, mesmo que seja no outono. O outono é a mais misteriosa das estações porque não faz nem frio nem calor e então as pessoas não sabem que roupa vestir. Deve ser por isso que nunca sei quando estou no outono. Se não faz frio penso que é verão e se não faz calor penso que é inverno. E acaba que era o outono. Tenho roupa de inverno, verão e primavera, mas acho que não vão me servir para o outono. Lá onde meu pai está, o outono chegou bem agora e ele escreveu que está muito contente porque as folhas secas passam entre as grades e ele imagina que são cartinhas minhas.

Intramuros (Como andam seus fantasmas?)

Hoje estive observando detidamente as manchas da parede. É um hábito que me veio da infância. Primeiro imaginava rostos, animais, objetos, a partir dessas manchas; depois, fabricava medos e até pânicos relacionados a elas. De modo que agora é bom convertê-las em coisas ou caras e não sentir medo. Mas aquela época distante em que o máximo do medo era provocado por manchas fantasmagóricas que nós mesmos fantasiávamos também me provoca um pouco de saudade. Os motivos adultos, ou talvez as desculpas adultas para os medos que chegam depois, não são fantasmais, mas insuportavelmente reais. Sem dúvida, às vezes acrescentamos fantasmas de nossa produção, não é? A propósito, como andam seus fantasmas? Alimente-os com proteínas, para não ficarem debilitados. Não é boa uma vida sem fantasmas, uma vida cujas presenças sejam todas de carne e osso. Mas volto às manchas. Meu companheiro lia, muito enfronhado em seu *Pedro Páramo*, mas eu o interrompi assim mesmo para perguntar se já tinha visto uma mancha, provavelmente de umidade, que ficava perto da porta. "Não especialmente, mas agora que está falando, vejo que é verdade, tem uma mancha. Por quê?" Fez cara de assombro, mas também de curiosidade. É preciso entender que quando se está aqui *tudo* pode chegar a ser interessante. Nem vou falar do que significa poder, de repente, distinguir um pássaro entre as grades ou (como me aconteceu na cela anterior) quando um ratinho se converte num interlocutor válido para a hora do ângelus, ou a hora do "demonius", como ironizava Sonia, lembra? Bem, disse a meu companheiro que estava perguntando porque queria saber se ele reconhecia alguma figura (humana, animal ou simplesmente inanimada) naquela mancha. Ele olhou-a fixamente por um instante e disse em seguida: "O perfil de De Gaulle." Que bárbaro. Para mim, em compensação, lembrava um guarda-chuva. Contei para ele, que ficou rindo por uns dez minutos. Essa é outra coisa boa quando se está aqui: rir. Não sei, quando se ri de verdade, com vontade, parece que de repente suas vísceras se reacomodam, como se de repente houvesse razões para otimismos, como se tudo isso tivesse algum sentido. Era preciso automedicar-se o riso como tratamento preventivo psicológico, mas o problema é que, como se pode imaginar, os motivos para rir não sobram por aqui. Por exemplo: quando me dou conta do tempo que faz que não os vejo: você, Beatriz, o Velho. E

sobretudo quando penso no tempo que ainda pode transcorrer antes que volte a vê-los. Quando meço esse valor do tempo, não vejo nada para rir. Acredito que tampouco para chorar. Eu, pelo menos, não choro. Mas não me orgulho dessa minha parcimônia emocional. Sei de muita gente aqui que solta a franga, cai num choro convulsivo durante meia hora e, em seguida, emerge desse poço em melhores condições e com mais ânimo. Como se tal desabafo lhes servisse de adaptação. De modo que, às vezes, lamento não ter adquirido esse hábito. Talvez tenha medo de me soltar e o resultado final não ser o ajuste mas o desajuste. E já tenho, desde sempre, parafusos frouxos demais para me arriscar a um descalabro maior. Além disso, para ser estritamente franco, não é que não chore por medo de me soltar, mas simplesmente porque não tenho vontade de chorar, ou seja, o pranto não chega. Isso não quer dizer que não padeça angústias, ansiedades e outros passatempos. Seria anormal se, nessas condições, não sofresse com eles. Mas cada um tem seu estilo. O meu é tratar de dominar essas minicrises pela via do raciocínio. Na maioria das vezes, tenho sucesso, mas noutras, em compensação, não há raciocínio que dê jeito. Destroçando um pouco o clássico (quem era mesmo?) diria que às vezes a razão tem arrebatamentos que até o coração desconhece. Conte-me de você, do que anda fazendo, do que anda pensando, do que sente. Como gostaria de ter caminhado algumas vezes pelas ruas que você agora percorre para que tivéssemos algo em comum aí também. É o inconveniente de ter viajado pouco. É possível que você mesma, se essa inesperada soma de circunstâncias não tivesse ocorrido, nunca tivesse viajado para essa cidade, para esse país. Talvez, se tudo tivesse seguido o curso normal (normal?) de nossas vidas, de nosso casamento, de nossos projetos de apenas sete anos atrás, teríamos algum dia juntado o suficiente para fazer uma viagem maior (não falo de viagenzinhas menores a Buenos Aires, Assunção ou Santiago, *remember*?), pois certamente o destino teria sido Europa. Paris, Madri, Roma, talvez Londres. Como tudo isso parece distante. Esse terremoto nos trouxe à terra, a esta terra. E agora, claro, quem tem que sair vai para outro país da América. E é lógico. E mesmo aqueles que hoje estão, por razões distintas, em Estocolmo ou Paris ou Brescia ou Amsterdã ou Barcelona, prefeririam seguramente estar em alguma das nossas cidades. Afinal de contas, eu também estou fora do país. Eu também suspiro pelo que você suspira. O exílio (interior, exterior) será uma palavra-chave desta década. Sabe, é provável que risquem essa frase. Mas quem o fizer deveria pensar que talvez ele também seja, de alguma maneira estranha, um exilado do país real. Se a frase sobreviveu, você deve ter percebido como ando compreensivo. Até eu me espanto. É a vida, minha cara, é

a vida. Se não sobreviveu, não se preocupe. Não era importante. Dê-se beijos e mais beijos, de minha parte.

O outro (Única testemunha)

Puta, que olheiras, disse e se disse Rolando Asuero diante do espelho e de sua ferrugem. Mas eu mereço depois de tanta birita, acrescentou, tentando fazer com que os olhos ficassem enormes, mas conseguindo apenas uma expressão que definitivamente o deixava com cara de doido, de orate. Oratangongo, pronunciou lentamente e teve que rir, apesar da ressaca. Era assim que Silvio chamava os milicos *in illo tempore*, quando se reuniam no sítio do Balneário Solís, um pouco antes de o futuro se tornar definitivamente insalubre. Não são sequer gorilas, diagnosticava. Apenas orangotangos e além do mais, orates. Resumindo: oratangongos.

Tinham se juntado os quatro: Silvio, Manolo, Santiago e ele, nas últimas férias que tiveram. Estavam também as mulheres, as esposas (bah!). Na realidade, três: María del Carmen, Tita e Graciela, porque ele, Rolando Asuero, sempre foi um solteiro profissional e nunca quis misturar seus programinhas ocasionais com os amores demasiado estáveis de seus amigos. Mas as mulheres sempre tinham fofocas e modas e horóscopos e receitas de cozinha para trocar, pelo menos naquela época, e talvez por isso eles quase sempre se reuniam à parte para consertar o mundo. E quase consertavam. Silvio, por exemplo, era muito bom, mas meio ingênuo. Nunca seria capaz de empunhar uma arma, garantia, mas acabou empunhando e também empunharam contra ele de modo que agora está no cemitério do Buceo, para mais informações no mausoléu de propriedade de seus sogros, que ainda têm dinheiro, embora estejam tristes. E a gordinha María del Carmen, em Barcelona, com dois moleques, vendendo bugigangas nas Ramblas ou onde quer que os tenham alojado. Manolo era cáustico, incisivo e mordaz, três palavras contíguas que, nele, não eram precisamente sinônimas, mas antes trincheiras de sua timidez. A prova era que nunca se excedia com eles, acabava sempre sendo suave e compreensivo. *Chapéu, lenço e alpargatas / e uma mirada sem fim*.[1] Com exceção do chapéu, esse tango podia ser o seu retrato. Santiago era a enciclopédia, claro, mas era acima de tudo boa gente. Conhecia botânica, marxismo, filatelia, poesia de vanguarda e além disso era um arquivo vivo da história do futebol. E não somente o gol de Piendibeni no divino Zamora, ou o "é sua, Héctor!" da epopeia olímpica. Isso já era parte do folclore. Santiago tinha, além disso, na memória já repleta todo registro, partida por

partida, da dupla Nazassi/Domingos (era tricolor até o tutano) ou o último chutaço de Perucho Petrone, já na época em que oito em dez chutes a gol iam direto para o azul do firmamento, enquanto os outros dois serviam milagrosamente para aumentar o *score*; e também, a fim de mostrar que não era sectário, contava como o magro Schiaffino era um gênio mesmo sem a bola, coisa das mais difíceis no campo da conciliação, e o respeito que sempre lhe inspirou um certo gigante chamado Obdulio, que se fazia obedecer, e isso não é fichinha, até pelo garoto Gambetta.

E agora, puta, que olheiras, diz e se diz Rolando Asuero diante do espelho de três ferrugens, *entreguei-me às penas, bebi meus anos*.[2] A verdade é que se entregou à tristeza, mas bebeu outra coisa. Aí está o arcano, pensa difícil. Por que, de vez em quando, digamos uma vez por mês, toma um porre de primeira e, em contrapartida, mantém-se sóbrio, quase abstêmio, entre uma carraspana e outra? Quase abstêmio, porque de vez em quando um clarete (ou *rosé*, como dizem os que padecem de uma penetração cultural cartesiana), bem, um clarete é quase um coquetel de aleluias com testosterona. Será que a saudade depende das luas, algo assim como as regras das minas. Bem, não só das minas, também das onze mil virgens e mãe só existe uma, que desproporção, não? Afinal, mais vale ser bêbado conhecido do que alcoólatra anônimo. Quem terá parido essa sabedoria? A verdade é que os alcoólatras anônimos sempre lhe deram no saco. A pessoa se embebeda ou não se embebeda, de acordo com sua própria exigência ou humores ou necessidades ou bodes ou descaramento e não de acordo com a rigidez dos imaculados ou a pressão do puritanismo. Que maravilha o puritanismo, pensa Rolando Asuero fazendo uma careta. E se detém com deleite no exemplo ao norte do rio Bravo. Que maravilha. Campanha moralista contra o martíni ou o bourbon de cada crepúsculo, mas em prol do napalm de cada aurora.

Ah, se pudesse jogar no imperialismo a culpa por essas olheiras. Mas não. *Única testemunha a luz do carpinteiro*.[3] Não precisa de terapia coletiva ou individual. É foda o exílio, não? Até o pobre analista passou maus bocados. Lá, negou-se a entregar as fichas de seus pacientes subversivos e menos ainda as dos subversivos impacientes. E claro, passou maus bocados. A cana tem sua própria terapia, não admite competidores. *Única testemunha*. Silvio morto, Manolo em Gotemburgo, Santiago na Penal. E María del Carmen, viúva da repressão, vendendo bugigangas. E Tita, separada de Manolo, juntada agora com um garoto muito sério (vou "me amigar" com o Sardina Estévez, escreveu um ano antes), nada menos que em Lisboa. E Graciela aqui, desajustada e linda, com a

Beatricita de Santiago e trabalhando como secretária. E ele? Puta, que olheiras.

A gente deste bendito e maldito país é realmente simpática. Ele, para que negá-lo, gosta desses sorridentes, sobretudo delas. Mas há dias e noites em que sente falta do subentendido. Dias e noites em que tem que explicar tudo e escutar tudo. Uma das pequenas vantagens de fazer amor com uma compatriota é que, num instante dado (essa hora zero que sempre soa depois das urgências, do entusiasmo e do vaivém), quando não se está para muita conversa, pode se dizer ou ouvir um lacônico monossílabo e essa palavrinha se enche de subentendidos, de significados implícitos, de imagens em comum, de passados compartilhados e sabe-se lá mais o quê. Não há nada que explicar nem que lhe expliquem. Não é necessário se lamuriar. As mãos podem ir sozinhas, sem palavras, as mãos podem ser eloquentíssimas. Os monossílabos também, mas só quando rebocam seu comboio de subentendidos. Tem que ver quantos idiomas cabem num só idioma, diz e se diz Rolando Asuero, enfrentando sua própria imagem, e acrescenta, repetitivo e sombrio: puta, que olheiras.

1 *Funyi, lengue y alpargatas/ y una mirada sin fin.* Do tango *Se llamaba Serafin*, de A.H. Acuña e C. de La Púa. (N. da T.)

2 *Me hice a las penas, bebí mis años*. Do tango *Cafetin de Buenos Aires*, de Mariano Mores e Enrico S. Discepolo. (N. da T.)

3 *Testigo solito la luz del candil*. Do tango *A la luz del candil*, de Carlos Vicente G. Flores e Julio Navarrine. (N. da T.)

Exílios (Convite cordial)

Mais ou menos às 6 p.m. da sexta-feira 22 de agosto de 1975, estava lendo no apartamento que alugava na rua Shell, de Miraflores, Lima, sem nenhuma preocupação à vista, quando alguém lá embaixo tocou a campainha e perguntou pelo senhor Mario Orlando Benedetti. Já me cheirou mal, pois esse segundo nome só figura em minha documentação e nenhum dos meus amigos me chama assim.

Desci, e um sujeito em trajes civis mostrou sua carteira da PIP4 e disse que queria me fazer umas perguntas sobre meus documentos. Subimos e ele me disse que tinham recebido a denúncia de que meu visto estava vencido. Peguei o passaporte e mostrei que tinha sido renovado a tempo. "De todo modo, terá que me acompanhar, pois o Chefe quer falar com o senhor." "Estará de volta em meia hora", acrescentou. E diante dessa declaração imprudente tive quase certeza de que seria deportado. Todas as repressões do mundo usam linguagem cifrada.

Durante a curta viagem até a Central de Polícia, ficou criticando o governo, armando, com torpeza digna de causas piores, ingênuas ciladas para ver se eu mordia o anzol e também criticava a revolução peruana. Meus elogios foram cautelosos, mas concretos.

Uma vez na Central, me deixaram esperando meia hora e em seguida fui recebido por um inspetor. Falou de novo no documento com o visto vencido e mais uma vez mostrei o passaporte. Disse então que eu estava recebendo salários, o que é proibido quando se tem um visto turístico. Disse que meu caso apresentava certas peculiaridades, já que, com plena autorização dos Ministérios das Relações Exteriores e do Trabalho, o diário Expresso *tinha firmado comigo um contrato de trabalho como jornalista, que o referido contrato estava atualmente no Ministério do Trabalho e que o Ministério das Relações Exteriores, em seus mais altos escalões, tinha conhecimento desses trâmites. O inspetor ficou um pouco desconcertado com o alto escalão, mas então outro funcionário, certamente superior hierarquicamente, disse de outra mesa e em voz alta: "Não lhe coloque mais objeções! Ele vai continuar a destruí-las com raciocínios válidos. Tem que ir direto ao ponto." E dirigindo-se a mim: "O governo peruano quer que saia do país!" Minha pergunta lógica: "Pode-se saber por quê?" "Não, nem nós sabemos a razão. O ministro envia a ordem e nós a cumprimos." "Quanto tempo tenho?" "Se for possível, dez minutos. Como não vai ser*

possível, pois não tem como ir embora tão rápido, direi que irá na primeira oportunidade em que isso for possível: uma, duas horas." "Posso escolher para onde vou?" "Para onde gostaria de ir? Considere que não vamos pagar sua passagem." "Como fui ameaçado de morte na Argentina pela AAA, a Aliança Anticomunista Argentina, e como já trabalhei em Cuba por dois anos e meio, em outras épocas, e ainda tenho possibilidades de trabalho, quero saber se tenho permissão para ir para Cuba." "Não. Não temos voos para Cuba e o senhor tem que partir o mais rápido possível." "Bem, então me diga quais são as minhas opções reais." "São as seguintes: ou o deixamos na fronteira com o Equador por via terrestre ou usa a sua passagem aérea de volta para Buenos Aires."

Pensei rapidamente e não me seduziu a ideia de um caminhão militar me deixando, no meio da madrugada, na fronteira de um país que eu não conhecia na época, de modo que disse: "Buenos Aires. Nunca estive no Equador." Tive que assinar um documento no qual me perguntavam como recebia meus rendimentos no Expresso. *Disse que recebia na Caixa e reiterei a existência do contrato, do trâmite no Ministério do Trabalho etc.*

Voltamos ao apartamento. No início, deram-me 15 minutos, depois uma hora, e, à medida que faziam ligações telefônicas e não conseguiam lugar em nenhum voo para Buenos Aires, fui ganhando mais tempo. No entanto, só me permitiram levar uma mala, de modo que tive que deixar muita coisa para trás.

O inspetor me disse então (a essa altura dos acontecimentos, já estavam me tratando melhor) que meu caso não era de expulsão nem de deportação e que, portanto, não colocariam em meu passaporte o carimbo deportado. *Para a deportação — explicou — é necessário um decreto supremo, o que não tinha ocorrido em meu caso. Por isso, era apenas "um convite cordial para que fosse embora imediatamente". Perguntei o que aconteceria se não aceitasse o convite. "Ah, teria que ir do mesmo jeito." Disse-lhe que, nesses casos, costumamos dizer em meu país: "Estou cagando para a diferença."*

Pedi que me deixassem ligar para alguém em Lima. Não permitiram. Estava incomunicável. Em troca, consentiram que fizesse ligações internacionais. Portanto, telefonei para meu irmão em Montevidéu para que dissesse a minha mulher que fosse se encontrar comigo em Buenos Aires. Tentei ligar também para duas ou três pessoas em Buenos Aires, mas não consegui completar a ligação. Minha preocupação era conseguir que alguém me esperasse em Ezeiza. Pedi que pelo menos me deixassem falar com a dona do apartamento. Disseram que podia ligar, desde que informasse

que tinha resolvido ir embora do Peru imediatamente e que, portanto, deixaria o apartamento. Disse que uma ligação desse tipo não se faz e que ela sempre teve comigo um comportamento muito correto. Sugeri que eles ligassem. Disseram que não.

Ao cabo de alguns minutos o inspetor perguntou que condições eu colocava para falar com a proprietária. Disse que falaria com ela se pudesse dizer que estavam me expulsando. Finalmente, aceitou. Liguei, então, para a mulher, às três da manhã. A pobre quase desmaiou. "Ai, senhor, fazer isso com um cavalheiro como o senhor!" Expliquei que deixaria uma lista das coisas que ficavam no apartamento e que eram minhas, e que mais tarde mandaria alguma indicação sobre o destino das mesmas.

A essa altura, os sujeitos já estavam tão suaves que me pediram um pôster com uma de minhas canções, que estava na parede, e um outro pediu que lhe desse um de meus livros. "Não acha que vai comprometê-lo?", perguntei. "Esperemos que não", disse sem muita convicção.

Como a essa altura da noite fazia muito frio, dois dos homens (eram quatro no total) pediram permissão ao chefe para buscar agasalhos. Ele concordou. Continuei arrumando minha mala sob o olhar vigilante de meus guardas. De repente, notei que ambos tinham adormecido. Roncavam tão pacificamente que tirei os sapatos para que meus passos no carpete não perturbassem seu sono. Tive uma hora e meia para arrumar melhor a mala, e o cano do incinerador de lixo também teve bastante trabalho.

Ao cabo dessa hora e meia, calcei novamente os sapatos e sacudi discretamente o inspetor: "Desculpe acordá-lo, mas se sou tão subversivo que resolveram me expulsar do país, por favor não durmam e tratem de me vigiar." O inspetor explicou que estavam trabalhando desde cedo e estavam muito cansados. Disse que compreendia, mas que a culpa não era minha.

Às quatro e meia saímos os cinco (os outros dois tinham voltado com seus agasalhos) num carro grande e preto. Passamos pelo apartamento da proprietária. Entregaram-lhe as chaves e o inventário. Essa viagem foi meu único motivo real de preocupação, já que me levaram por um caminho que não era o habitual. Totalmente escuro, entre terrenos baldios, iluminado apenas pelos faróis do carro. Demoramos muito mais do que normalmente. Quando reconheci de longe a torre do aeroporto, confesso que respirei um pouco melhor. Já no aeroporto, só pude embarcar no voo das 9 a.m. de sábado. Felizmente era a Aeroperú. Não conseguiram um lugar para mim no voo das 8, que era da LAN.

Não recebi, em momento algum, qualquer coisa para comer ou beber. Fiquei vinte e quatro horas sem tocar em comida. Acredito que isso se devia simplesmente ao fato de eles não terem dinheiro, pois também não comeram nada. Quando o inspetor me entregou os documentos junto da escada do avião, disse: "O senhor certamente vai partir ressentido com o governo, mas não guarde ressentimentos dos peruanos." E apertou minha mão.

4 Policía de Investigaciones del Perú. (N. do E.)

Feridos e contundidos (Uma ou duas paisagens)

Graciela entrou no quarto, tirou o casaquinho, olhou-se no espelho do toucador e franziu o cenho. Em seguida tirou a blusa, a saia e estendeu-se na cama. Dobrou uma perna e logo voltou a esticá-la. Então percebeu um fio corrido na meia. Sentou-se, tirou as meias e começou a examiná-las em busca de outro fio corrido. Depois fez um montinho com o par e colocou numa cadeira. Olhou-se no espelho de novo e apertou as têmporas com os dedos.

Pela janela ainda entrava a penúltima luz de uma tarde que tinha sido fresca e ventosa. Abriu uma das vidraças e olhou para fora. Na frente do edifício B seis ou sete crianças brincavam. Reconheceu Beatriz, despenteada e agitada, mas em plena curtição. Graciela sorriu sem muita convicção e passou a mão pelo cabelo.

O telefone tocou junto à cama. Era Rolando. Deitou-se de novo para falar mais à vontade.

— Que tarde desagradável, não? — disse ele.

— Bem, nem tanto. Gosto do vento. Não sei por que, mas quando ando contra o vento, parece que as coisas se apagam. Quer dizer: coisas que quero apagar.

— Como o quê?

— Não lê jornais, você? Não sabe que isso se chama intervenção nos assuntos internos de outra nação?

— Está certo, república.

— Pelo menos república amiga, não?

Passou o fone para a mão e o ouvido esquerdos, a fim de poder coçar atrás da outra orelha.

— Novidades? — perguntou ele.

— Carta de Santiago.

— Ah, que bom.

— Um pouco enigmática.

— Em que sentido?

— Fala de manchas na parede e das figuras que imaginava a partir delas quando criança.

— Acontecia comigo também.

— Com todo mundo, ou não?

— Realmente, o tema pode não ser muito original, mas também não me parece enigmático. Ou queria que lhe mandasse uma declaração contra os milicos?

— Não seja bobo. Acho simplesmente que ele se atrevia mais antes.

— Sim, claro, e por acaso você ficou mais de um mês sem receber notícias por causa dessa ousadia.

— Já verifiquei. Foi uma medida geral, um dos tantos castigos coletivos.

— Para os quais geralmente se baseiam num pretexto tão pueril quanto esse: alguém que ultrapassou, conscientemente ou não, os limites não estabelecidos, mas reais.

Ela não respondeu. Ao cabo de alguns segundos, ele falou outra vez.

— Como está Beatriz?

— Brincando lá fora com a turminha.

— Gosto dela. É cheia de vida e saudável.

— Sim, bem mais do que eu.

— Não é tanto assim. É verdade que essa vitalidade maior ela herdou de Santiago, mas de você também.

— De Santiago, isso sim.

— E de você também. O que acontece é que anda deprimida ultimamente.

— Pode ser. A verdade é que não vejo saída. E além de tudo meu trabalho é de uma chatice monumental.

— Logo vai conseguir outro mais estimulante. Por enquanto, tem que se conformar.

— Deveria me dizer agora que tive muita sorte.

— Teve sorte.

— Também caberia dizer que nem todos os exilados do Cone Sul conseguiram um emprego tão bem remunerado, com apenas seis horas de trabalho e ainda mais com os sábados livres.

— Nem todos os exilados do Cone Sul conseguiram um emprego tão bem remunerado etc. Posso acrescentar que você merece, porque é uma secretária eficientíssima?

— Pode. Mas a eficiência é justamente uma das razões do meu tédio. Seria mais divertido se de vez em quando eu me equivocasse.

— Não acho. É possível que se entedie com a eficiência, mas em geral os patrões e gerentes se entediam muito mais e mais rápido com a ineficiência.

Mais uma vez não respondeu. E outra vez foi ele quem reiniciou o diálogo.

— Posso lhe fazer uma proposta?

— Se não for desonesta.

— Digamos que é semi-honesta.

— Então eu só autorizo pela metade. Fale.

— Quer ir ao cinema?

— Não, Rolando.

— O filme é bom.

— Não duvido. Tenho confiança em seu gosto. Pelo menos em seu gosto cinematográfico.

— E dava para tirar também um pouco das suas teias de aranha.

— Estou bem com minhas teias de aranha.

— Pior ainda. Rei ter o oconvite. Quer ir ao cinema?

— Não, Rolando. Agradeço, de verdade. Mas estou arrebentada. Se não tivesse que cozinhar alguma coisa para Beatriz, juro que ia dormir sem jantar.

— O que também não é nada bom. Qualquer coisa menos se deixar vencer pela rotina.

Graciela acomodou o fone entre a mandíbula e o ombro. Evidentemente, tinha muita experiência nesse gesto de secretária profissional. Além do mais, deixava as duas mãos livres para, nessa ocasião, olhar as unhas e corrigi-las aos bocadinhos com uma lixa.

— Rolando.

— Sim, estou ouvindo.

— Alguma vez viajou de trem com outra pessoa, sentados frente a frente, cada um em sua janela?

— Acho que sim. Agora não me lembro da ocasião precisa. Mas por que isso agora?

— Não percebeu que se as duas pessoas começassem a comentar a paisagem que estão vendo, o comentário da que olha para a frente não seria exatamente igual ao da que olha para trás?

— Confesso que nunca atentei para esse detalhe. Mas é possível.

— Mas eu sempre observei. Porque desde menina, quando viajava de trem, adorava olhar a paisagem. Era um de meus prazeres favoritos. Nunca lia nos trens. Até hoje, não gosto de ler quando viajo de trem. Fico fascinada com a paisagem vertiginosa que corre a meu lado, mas em direção contrária. Mas quando vou sentada para a frente, parece que a paisagem vem para mim, sinto-me otimista, sei lá.

— E se estiver olhando para trás?

— Parece que a paisagem se esvai, se dilui, morre. Francamente, me

deprime.

— E agora, como está sentada?

— Não brinque. Foi o que percebi no outro dia quando comecei a reler as cartas de Santiago. Ele, que está na prisão, escreve como se a vida viesse a seu encontro. Eu, em compensação, que por assim dizer vivo em liberdade, tenho às vezes a impressão de que a paisagem vai se afastando, diluindo, acabando.

— Nada mal. Como intenção poética, claro.

— Intenção poética coisa nenhuma. Nem mesmo prosa. É simplesmente como me sinto.

— Bem, agora estou falando sério. Sabe que esse seu estado de espírito me preocupa? E, embora esteja convencido de que cada um é o único que pode resolver seus próprios problemas, acho também que alguém de muita confiança pode ajudar às vezes, só ajudar. E me ofereço para essa ajuda relativa. Mas é essencial que você mergulhe em si mesma.

— Mergulhar em mim mesma? Pode ser. Pode ser. Mas não tenho certeza de que vou gostar.

Dom Rafael (Uma culpa estranha)

Santiago queixou-se a Graciela de que faz tempo que não lhe escrevo. Está certo. Mas o que lhe dizer? Que o que está acontecendo com ele é consequência de sua atitude? Isso ele já sabe. Que me sinto um pouco culpado por não ter falado o bastante com ele (quando ainda era tempo de falar e não de engolir as palavras) para convencê-lo a não seguir esse caminho? Isso ele talvez não saiba conscientemente, mas talvez imagine. Também deve imaginar que, mesmo que ele e eu tivéssemos tido todas essas discussões em profundidade, ele teria seguido o caminho que definitivamente escolheu de qualquer maneira. Que cada vez que acordo no meio da noite não consigo evitar a apreensão, a sensação ou o mau pressentimento, que sei eu, de que por acaso o estejam torturando naquela mesma hora ou que esteja se recuperando de uma sessão de tortura ou se preparando para as próximas ou maldizendo alguém? Talvez não tenha vontade de imaginar uma coisa assim. Já tem o suficiente com seu próprio suplício, seu próprio isolamento, sua própria angústia. Quando alguém suporta sofrimentos próprios não tem necessidade de atribuir-se dores alheias. Mas às vezes imagino que estão aplicando choques elétricos nos testículos de Santiago e nesse mesmo instante sinto uma dor real (não imaginária) em *meus* testículos. Ou se penso que o estão submetendo ao *submarino*, afogo-me literalmente eu também. Por quê? É uma velha história ou, melhor dizendo, um velho sinal: o sobrevivente de um genocídio experimenta uma estranha culpa por ter sobrevivido. E quem consegue, por alguma razão válida (não considero aqui as razões indignas), escapar da tortura experimenta uma certa culpa por não ser torturado. Ou seja, não tenho muitos assuntos. Certos assuntos logicamente não podem ser mencionados numa carta a um preso, ainda mais quando está na prisão por subversão. Quanto a outros assuntos, sou eu quem não quer mencioná-los. Os temas que restam, depois dessas ressalvas, são bem estúpidos. Santiago aceitaria que lhe escrevesse futilidades? Haveria um assunto sobre o qual poderia, em outras circunstâncias, lhe escrever, ou melhor, falar. Mas nunca nessas. Refiro-me ao estado de espírito de Graciela. Graciela não está bem. Está cada vez mais desanimada, mais cinza. Ela que sempre foi tão linda, tão simpática, tão perspicaz. E o pior é que tenho a impressão de que seu desalento vem do fato de estar se afastando de Santiago. Motivos? Como saber? Ela o admira, tenho

certeza disso. Não lhe faz críticas políticas, já que mente tem (ou teve) a mesma posição que ele. Será que a mulher, para manter incólume o seu amor, necessita, mais do que da existência, da presença física do homem? Será que Ulisses está se tornando caseiro, mas Penélope, em troca, já não se conforma em ficar tecendo e destecendo? Quem sabe? O certo é que, se não me atrevo a tratar do assunto com ela, a quem vejo quase diariamente, atrevo-me menos ainda com Santiago, a quem só envio uma carta de vez em quando. Também poderia lhe contar de minhas aulas, das perguntas dos rapazes. Ou talvez de certo projeto de voltar a escrever. Outro romance? Não. Um fracasso já é suficiente. Talvez um livro de contos. Não para publicar. Na minha idade isso já não importa muito. Tenho a impressão de que significaria um estímulo para mim. Faz quinze anos que não escrevo nada. Pelo menos, nada literário. E durante quinze anos não tive vontade de fazê-lo. Agora sim. Será um sinal? Algo que devo interpretar? Será um sintoma? Mas de quê?

Intramuros (O rio)

Venho do rio. Acha que estou um pouco louco? Nem muito nem pouco. Se não enlouqueci em outras circunstâncias, creio que a essa altura já estou vacinado contra a loucura. E no entanto, venho do rio. Há algumas semanas descobri o sistema. Antes, as recordações assaltavam-me sem ordem. De repente, estava pensando em você ou em Beatriz ou no Velho, e dois segundos depois num livro que li na época do ginásio, e quase imediatamente em algumas das sobremesas que a Velha me fazia, quando vivíamos na rua Hocquart. Ou seja, as recordações me dominavam. E uma tarde pensei: vou pelo menos libertar-me desse domínio. E a partir de então sou eu quem dirige minhas lembranças. Parcialmente, claro. Sempre há certos momentos do dia (geralmente quando o desânimo me invade ou me sinto fodido) em que as recordações ainda me pegam desprevenido. Mas não é o habitual. O normal agora é que eu planeje a memória, isto é, que decida o que vou recordar. E assim decido recordar, por exemplo, uma noite de farra com amigos, ou alguma das intermináveis discussões na Federação dos Estudantes Universitários Uruguaios ou os vaivéns (até onde isso pode efetivamente ser recordado) de alguma de minhas poucas bebedeiras, ou um diálogo profundo com o Velho, ou a manhã em que Beatriz nasceu. É claro que vou alternando tudo isso com as recordações que se referem a você, mas resolvi botar ordem nelas também. Porque se não boto ordem, todas as suas imagens se concentram em seu corpo, em mim e você fazendo amor. E isso nem sempre me faz bem. Passa a ser uma constância dolorosa de sua ausência. Ou de minha ausência. Primeiro gozo angustiosa e mentalmente. Desfruto no vazio. Em seguida fico deprimido. De maneira que, quando digo que tive que botar ordem nesse campo também, quero dizer que decidi incorporar outras recordações que lhe (e me) concernem e que são tão decisivas e valiosas como as noites de nossos corpos. Tivemos muitas conversas que, pelo menos para mim, são inesquecíveis. Lembra do sábado em que a convenci (depois de cinco dialéticas horas) dos novos rumos? E quando estivemos em Mendoza? E em Assunção? Não importa a ordem das datas. Importa a ordem que imponho a minhas invocações. Por isso comecei dizendo que hoje venho do rio. E é uma recordação em que você não está. O rio Negro, perto de Mercedes. Quando tinha doze ou treze anos, ia passar as férias de verão na casa de uns tios. A propriedade não era muito grande

(na realidade, um sitiozinho), mas chegava até o rio. E como havia entre a casa e o rio muitas e frondosas árvores, quando estava na margem ninguém podia me ver da casa. E aquela solidão me agradava. Foi uma das poucas vezes em que ouvi, vi, cheirei, apalpei e saboreei a natureza. Os pássaros se aproximavam e não se assustavam com minha presença. Talvez me confundissem com uma arvorezinha ou uma moita. Em geral o vento era suave e talvez por isso as grandes árvores não discutiam, mas simplesmente trocavam comentários, cabeceavam com bom humor, faziam-me sinais de cumplicidade. Às vezes, apoiava-me em algumas das mais velhas e a cortiça rugosa me transmitia uma compreensão quase paternal. Alisar a cortiça de uma árvore experimentada é como acariciar a crina de um cavalo que se monta diariamente. Estabelece-se uma comunicação muito sóbria (não melosa, como pode ser a relação com um cão insuportavelmente fiel), mas bastante intensa para se sentir falta dela quando se volta à agitação da cidade. Em outras ocasiões entrava no bote e remava até o meio do rio. A equidistância das duas margens era particularmente estimulante. Sobretudo porque eram distintas e polemizavam. Nem tanto os pássaros, que as compartilhavam, mas antes as árvores, que se sentiam locais e um pouco sectárias, cada uma na sua, ou seja, na sua ribeira. Eu não fazia nada. Simplesmente olhava. Não lia nem brincava. A vida passava sobre mim, de margem a margem. E eu me sentia parte dessa vida e chegava à estranha conclusão de que não seria chato ser pinho ou salgueiro ou eucalipto. Mas, como aprendi vários anos mais tarde, as equidistâncias nunca duram muito, e tinha que me decidir por uma ou outra margem. E estava claro que pertencia apenas a uma delas. Pode ver como estava certo o que eu disse no início: venho do rio.

Beatriz (Os arranha-céus)

No singular se escreve *rascacielos* e no plural também se escreve *rascacielos*. O mesmo acontece com *escarbadientes*.[5] Os arranha-céus são edifícios com muitíssimos banheiros. Isso tem a enorme vantagem de que milhares de pessoas podem fazer xixi ao mesmo tempo. Os arranha-céus têm elevadores que balançam. Os elevadores com balanço são muito modernos. Os edifícios velhíssimos não têm elevadores ou só têm elevadores sem balanço e as pessoas que vivem ou trabalham neles morrem de vergonha porque são muito atrasados.

Graciela, ou seja minha mãe, trabalha num arranha-céu. Uma vez me levou a seu escritório e foi a única vez em que fiz xixi num arranha-céu. É bárbaro. O arranha-céu de Graciela tem um elevador com balanço totalmente importado e por isso meu estômago fica muito embrulhado. Outro dia contei isso na minha sala e todas as crianças morreram de inveja e queriam que as levasse ao elevador com balanço do arranha-céu de Graciela. Mas eu disse que era muito perigoso porque o elevador sobe rapidíssimo e se a pessoa bota a cabeça na janelinha pode ficar sem ela. E todos acreditaram, são uns bobos, imagine se os elevadores dos arranha-céus vão ser tão atrasados para ter janelinha.

Quando acontece um apagão nos elevadores de arranha-céus o pânico grassa. Na minha sala, quando chega a hora do recreio a alegria grassa. O verbo grassar é um lindo verbo.

Além de elevadores com balanço, os arranha-céus têm porteiro. Os porteiros são gordos e nunca poderiam subir uma escada. Quando os porteiros emagrecem não podem continuar trabalhando nos arranha-céus, mas têm a oportunidade de ser taxistas ou jogadores de futebol.

Os arranha-céus se dividem em arranha-céus altos e arranha-céus baixos. Os arranha-céus baixos têm muito menos banheiros do que os arranha-céus altos. Os arranha-céus baixos também são chamados de casas, mas é proibido que tenham jardim. Os arranha-céus altos fazem muita sombra, mas é uma sombra diferente da das árvores. Gosto mais da sombra das árvores, porque tem manchinhas de sol e além do mais se move. Na sombra dos arranha-céus grassam as caras sérias e as pessoas que pedem esmolas. Na sombra das árvores grassam gramados e joaninhas.

Acho que onde meu pai está, na última hora da tarde deve grassar a tristeza.

Gostaria muito que meu pai pudesse, por exemplo, visitar o arranha-céu onde trabalha Graciela, ou seja minha mãe.

5 *Rascacielos* (arranha-céu) é, assim como *escarbadientes* (palito), um substantivo de dois números em espanhol. (N. da T.)

Exílios (Vinha da Austrália)

Eu o conheci no aeroporto da cidade do México, em frente aos balcões da Cubana de Aviación. Eu viajava para Havana com três malas e tinha que pagar excesso de peso. Então um senhor que estava atrás de mim na fila sugeriu que, como ele viajava apenas com uma pequena maleta, registrássemos juntos as nossas bagagens, que no total chegavam exatamente aos 40 quilos permitidos. Aceitei, claro, agradecendo o favor, e o empregado da Cubana começou a despachar as quatro malas. Mas quando o meu espontâneo benfeitor mostrou seu passaporte, eis que era, para minha surpresa, um documento uruguaio. Não oficial, nem diplomático, mas um passaporte comum. Ele sorriu: "Achou estranho, não?" Admiti que sim. "Vou lhe explicar enquanto tomamos um café."

Tomamos o café. Ele perguntou: "O senhor é Benedetti, não?" "Claro, mas de onde me conhece? Não me lembro de seu rosto." "Lógico. Estava no palanque e eu no meio do público. Pude ouvi-lo muitas vezes em atos públicos durante a campanha eleitoral de 71. Lembra da manifestação final da Frente Ampla, diante do Legislativo e com a Diagonal Agraciada totalmente cheia? Dessa vez, não falou, mas estava no palanque. Seregni foi o único orador. Esteve muito bem o general." Creio que me dava tantos dados para inspirar confiança, mas eu já não precisava deles. Seu rosto era honesto, sem ambiguidades.

Disse seu nome. Seu sobrenome é outro, mas aqui vou chamá-lo de Falco. De todo modo, o verdadeiro é tão uruguaio quanto esse. "Para começar, quero esclarecer que vivo há mais ou menos cinco anos na Austrália. Sou operário. Bombeiro ou encanador, segundo os países." "E por que veio a Cuba?" "Como turista. Faço parte de uma excursão. Economizei durante dois anos para me dar o gosto de uma semana em Cuba." "E o que achou de lá?" "No aspecto econômico, bem. Mas nada de mais. Por outro lado, você sabe (posso chamá-lo de você, não?), a imigração para a Austrália não foi precisamente política, mas sim econômica, mesmo que diga que isso significa que é indiretamente política. Seria correto, mas em geral os imigrantes econômicos não têm consciência dessa relação. Nesse sentido, é um exílio bastante ingrato, muito diferente de outros lugares. Às vezes há uma trégua, como quando Los Olimareños se apresentaram por lá e, apesar dos pesares, as pessoas foram ouvi-los porque os temas da terrinha continuam a comovê-las. E não somente os temas.

Também os nomes de árvores, flores, montes, figuras históricas, ruas, cidadezinhas, referências ao céu, aos crepúsculos, aos rios, a qualquer riachinho dos cafundós. Mas os Olima vão embora e voltamos todos a nossa rotina, a nosso isolamento. Costumo dizer que na Austrália nós somos o Arquipélago Uruguaio, porque na realidade constituímos um conjunto de ilhas, ilhotas, de sujeitos ou casais ou famílias, todos isolados em solidões mais ou menos confortáveis, mas que não deixam de ser solidões. Alguns mandam dinheiro às porções de família que ficaram no Uruguai e isso dá um certo sentido a suas vidas e a seu trabalho." "E não tentam pelo menos se integrar no ambiente, fazer amigos australianos?" "Olhe, não é fácil. Antes de mais nada, há a barreira do idioma. É claro que, com o tempo, qualquer um acaba aprendendo inglês, mas quando chega a esse ponto, a pessoa já se acostumou ao isolamento e é difícil mudar a rotina. Além do mais, a sociedade australiana, embora precise de mão de obra estrangeira, não se abre assim tão facilmente para os imigrantes. Entrei em muitas casas australianas, mas como bombeiro. E se a família está reunida quando passo com minha caixa de ferramentas, param automaticamente de falar." "E por que tanto interesse em vir a Cuba?" "Não sei exatamente. É uma dessas fascinações parecidas com as que temos na infância ou na adolescência. Pode dizer que um tonto como eu já não está mais na idade de fascinações. Mas é como uma paixonite, sabe? Veja só, falei paixonite e percebi que deve fazer uns cinco anos que não pronunciava essa palavra. Lá não só o vocabulário vai se perdendo, mas também incorporamos sem sentir palavras inglesas à fala diária. Bem, voltando a Cuba. A verdade é que, no Uruguai, nos iludimos demais, por volta de 69, 70, e um pouco menos em 71. Acreditamos que uma mudança radical também seria possível em nosso país. E não foi possível, pelo menos por um longo agora. Então me deu uma certa impaciência de conhecer um país como Cuba, que conseguiu levar a cabo sua mudança. Mas me diga, acha que haveria alguma possibilidade de eu ficar em Cuba? Trabalhando, claro." "Espere para ver como vai se sentir. Imagine, por exemplo, que pode gostar das pessoas, pode concordar com o sistema político e, no entanto, o clima pode deixá-lo arrasado. Nada de quatro estações, mas só verão, com uma temporada seca e outra chuvosa. A mim pessoalmente não incomoda, mas sei de vários rio-platenses que se sentem sufocados com tanto calor e umidade. De todo modo, sete dias são muito pouco tempo para as providências necessárias. Lembre-se de que há um fim de semana bem no meio." "Sim, claro, mas os cubanos veem com bons olhos a incorporação de estrangeiros?" "Lá você não seria estrangeiro. É latino-americano, não? O problema é mais complexo. Imagine só o que aconteceria se Cuba

(que acabou de abrir as portas para que todos os que não estão de acordo vão embora) abrisse essas mesmas portas para todo mundo que quisesse vir para cá? As filas que se formariam em Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, La Paz, Porto Príncipe! Além disso, continua tendo sérios problemas de moradia." "Mas você acha que poderia tentar?" "Claro, tente. Não há nada a perder."

Aquela voz, suave e anônima, que em todos os aeroportos do mundo convoca para o embarque e que parece sempre a mesma, avisou-nos que deveríamos ir para o portão oito. Durante o voo, continuamos a conversar e quando a aeromoça (na Cubana de Aviación, chamam-se comissárias de bordo) nos deixou nossos respectivos refrigerantes, Falco comentou: "É incrível. Não são bonecas, como nas outras companhias aéreas. São mulheres, você viu?"

Perdi-me dele no aeroporto José Martí, depois de recolhermos nossas quatro malas (uma dele, três minhas). Ele teve que se juntar ao resto da excursão e eu encontrei com vários amigos que tinham ido me esperar.

Dois dias depois houve a manifestação diante do Escritório Comercial norte-americano. A invasão dos dez mil na embaixada peruana já tinha se concluído. Agora a questão era outra: o anúncio de manobras navais na base de Guantánamo e as ameaças diárias de Carter.

Eu também desfilei pelo Malecón com meus companheiros da Casa das Américas. Em meus vários anos de residência em Cuba, nunca tinha visto uma manifestação de massa tão impressionante. Estávamos esperando, na altura da Rampa, que a passeata tivesse início, quando de repente entrevi Falco a uns dez metros de distância.

A multidão era compacta, de modo que era difícil avançar. Então gritei: "Falco! Falco!" Ouviu meu grito desde o começo, mas sem dúvida não conseguia acreditar que quarenta e oito horas depois de ter chegado a Havana alguém o reconhecia e o chamava. Mas assim é o acaso. Eu era a única pessoa em Cuba que poderia reconhecê-lo, e ali estava, a poucos passos dele.

Finalmente me viu e só então fez uma cara de espanto e ergueu seus longos braços alegremente. Passaram-se dez minutos antes que conseguíssemos nos aproximar. Abraçou-me. "Que coisa fantástica, chê! Um milhão de pessoas e você me encontra!" Estava eufórico. "Isso é estimulante. Não o faz lembrar do ato final da Frente?" "Bem, aqui tem mais gente." "Claro, mas me refiro ao entusiasmo, à alegria."

Começamos, por fim, a desfilar, primeiro lentamente, depois um pouco mais

rápido. De repente, senti que me dava uma cotovelada de cumplicidade. "Sabe que hoje dei o primeiro passo?" "Que primeiro passo?" "Para ficar aqui." "Ah." "Fui ao escritório que me indicaram: era justamente onde havia uma grande quantidade de gente querendo ir embora. No exato momento em que cheguei à porta de vidro, ela foi fechada. Comecei então a fazer sinais para o funcionário que fechou a porta. E ele a me fazer sinais de não. E eu a insistir que me ouvisse só um instantinho. Então tive uma ideia. Tinha um papel no bolso. Escrevi a palavra companheiro *e apertei o papel contra o vidro. Talvez tenha sido mordido pela curiosidade, pois abriu a porta uns cinco centímetros, o suficiente para que pudéssemos nos ouvir mutuamente. 'Hoje não atendemos mais solicitações de saída, entendeu?' 'Sim, entendi, mas é que não vim para isso.' 'E veio para quê, então?' 'Estou numa excursão. Turistas. Quero ficar.' O rapaz (porque era um rapaz) não podia acreditar. Então abriu um pouco mais a porta para que eu entrasse, provocando compreensíveis protestos por parte dos candidatos a exilados em Miami. 'Disse que quer ficar aqui?' 'É, foi o que disse.' O rapazinho me olhou, como quem examina em profundidade. Depois pegou um caderninho, arrancou uma folha, escreveu um nome e entregou-me. 'Olhe, rapaz, venha amanhã, mas bem cedinho, e pergunte por esse companheiro. Ela vai atendê-lo. E boa sorte.' E então vou até lá amanhã. O que acha? Ou como dizem por aqui: o que opina?" "Estou vendo que se adapta melhor aos modismos cubanos do que aos australianos."*

A marcha acelerou seu ritmo. Pouco a pouco fomos nos separando e por um instante eu o perdi de vista. Estávamos passando exatamente em frente ao edifício do Escritório Comercial norte-americano (não se via ninguém nas janelas) quando voltei a vê-lo, agora um pouco mais atrás. Com voz retumbante e áspero sotaque montevideano, fazia vibrar uma das palavras de ordem que aquela jubilosa multidão cantava em coro: "Fora cambada, abaixo a gusanada!"[6]

[6] *Pin, pon, fuera, abajo la gusanera! Gusano* (verme, caruncho) é a forma como os cubanos chamam os compatriotas que se exilaram em Miami depois da revolução castrista. (N. da T.)

O outro (Querer, poder etc.)

Você está maluco, recorda nitidamente Rolando Asuero que Silvio tinha murmurado naquela manhã em que Manolo expôs o que denominava Visão Pessoal e Panorâmica da Realidade Nacional e Outros Ensaios. Mas Manolo, que nesse meio-tempo só tinha falado uma meia horinha, disse apertando os lábios, deixe-me falar, pois não? E Silvio o deixou terminar. E agora, o que acha, disse Manolo muito cheio de si, depois do ponto final. Você está maluco, insistiu Silvio, inabalável, e quase acabam aos bofetões. Mas Santiago e ele, Rolando, intervieram rapidamente, e além do mais María del Carmen e Tita já estavam fazendo bico, ataque de nervos, claro; Graciela não, porque sempre foi mais dura ou mais equilibrada ou mais pudica, e Silvio e Manolo voltaram a se sentar e Silvio começou a recuperar-se com o mate, dando umas chupadas na bomba que se ouviam num raio de três quilômetros. O certo é que a tese de Manolo era muito concreta, mas também muito catastrofista. Circular, sentenciava Silvio. É verdade, era mesmo circular e sem saída, mas Manolo lhe dava uma ênfase que a tornava obrigatória. Os que tinham dinheiro e poder nunca cederiam. Não tenham ilusões, rapazes, essa não é a burguesia escandinava que vai reduzindo seus dividendos para poder sobreviver. Esses aí vão apelar para a milicada, mesmo que a milicada acabe por devorá-los. Constitucionalistas? Legalistas? Vergonha ou pudor de usar uniforme ou de tapar a careca com um quepe? Deixem de sacanagem, caros compatriotas. Tudo isso é pretérito imperfeito. Vão nos atacar e liquidar como se fôssemos guatemaltecos, nem mais nem menos. De modo que temos que lutar com o partido deles em outro campo que não seja o do mero debate político. Temos que combater o partido e enfiar um monte de gols neles. Nem que seja de fora da área. Essa metáfora agradou especialmente a Santiago, que começou a se interessar a partir desse momento. E Manolo insistindo e insistindo, colocando todo mundo no mesmo saco (tango *habemus*: *se uma mosca é igual a um cipreste*),[7] porque o que ele queria era a mudança, não só na conversa, mas nos fatos, cita textual. E não lhe importavam muito os meios (*se Jesus não ajuda que ajude Satã*),[8] o essencial eram os fins. Isso me soa familiar, comentou Silvio com ironia marginal. E acredita que vamos desalojá-los, perguntava Santiago, chupando a bomba, mas em relativa surdina. Não, respondia sem vacilar Manolo, tão eufórico que parecia

estar vendendo futuro. Não, não vamos conseguir, vão nos arrebentar, vão nos botar em cana, vão nos esmagar, vão nos liquidar. E depois, inquiria Silvio, queimando etapas entre a ironia e a perplexidade. Ele, Rolando, tinha se limitado a levantar as sobrancelhas com saudável ceticismo. E depois nada, estalava o dinamismo do orador. Nada de imediato, mas a vitória, a deles, será uma vitória de Pirro. Ganharão e não saberão o que fazer com o troféu. Vão ganhar nos papéis e perder o povo. (Palminhas de aplauso na ala feminina.) Vão perdê-lo definitivamente. E olhando com certa provocação para Silvio, continua achando que estou maluco, hein? No mínimo, disse o outro para relaxar um pouco, todos estamos, e então Manolo levantou-se e deu-lhe um abraço de molusco cefalópode com oito tentáculos, ou seja, de polvo, segundo Larousse. Enquanto isso, María del Carmen e Tita, já recuperadas, riam entre lágrimas, como dois arco-íris. Mas Santiago estava insolitamente sério e explicou em seguida que, colocada nesses termos, a luta era apenas moral, e a mim que me importa ser um vencedor ético se vão continuar existindo favelas e latifúndio e camarilha bancária e ostentação, se eu me metesse nessa briga seria para ser um vencedor real. Ótimo, disse Manolo, mas todos queremos ser vencedores reais, não pense que está descobrindo a pólvora, só que a questão não é querer, mas poder. E mais uma vez Silvio se exalta, percebeu agora que o objetivo de Manolo era mais amplo, a coisa não era querer nem poder, mas foder. Risinho na bancada feminina, e os nhoques estão prontos, ai que rápido, vamos que senão passam do ponto, e eu que estou com a barriga cheia de mate, acontece que vocês se empolgam discutindo e não se dão conta de que beberam duas garrafas térmicas inteiras, que zona, vamos aos nhoques, senhores, aos nhoques, esse tinto parece de missa do galo, sensacional, e você acha que depois da revolução continuará havendo nhoques, hein?

7 *Si igual es una mosca que un ciprés*. Do tango *Ya a mi, qué?*, de Anibal Triolo e Catullo Castillo. (N. da T.)

8 *Si Jesús no ayuda que ayude Satán*. Do tango *Pan*, de Eduardo Pereyra e Celedonio E. Flores. (N. da T.)

Dom Rafael (Com a ajuda de Deus)

Fechar os olhos. Como queria fechar os olhos e começar de novo e abri-los depois com a tardia lucidez que trazem os anos, mas com a vitalidade que não tenho. Deus dá nozes a quem não tem dentes, mas antes, muito antes, deu fome a quem os tinha. Bela trapaça de Deus. Afinal, os refrões populares são algo assim como um currículo divino. Deixa estar que a mão de Deus vai te pegar de jeito: virulência e fúria. Deus os cria e eles se juntam: conspiração e perseguição. A Deus o que é de Deus e a César o que é de César: partilha e pro rata. Como Deus manda: prepotência e império. Deus passou longe: indiferença e menosprezo. Fé em Deus e cacete no resto: parapoliciais, paramilitares, esquadrões da morte etc. Se Deus quiser: poder ilimitado. Deus nos livre e guarde: neocolonialismo. Deus castiga sem pau nem pedra: tortura subliminar. Vá com Deus: más companhias.

Fechar os olhos, mas não para meus pesadelos correntes, porém para tocar o fundo das coisas. Lá estão as imagens, as eloquentes, as só para mim. Cada uma delas como a revelação que não entendi nem atendi. E não se pode voltar atrás. Pode-se guardar o aprendido, mas de pouco serve.

Fechar os olhos e ao abri-los encontrá-la. Qual delas? Uma é um rosto. Outra é um ventre. Outra ainda um olhar. Quantas mais? No amor não há posturas ridículas nem pedantes nem obscenas. No amor tudo é ridículo e pedante e obsceno. Também a norma, também a tradição.

De repente o passado se torna luxuoso, não sei por quê. Meu corpo que tive, o ar que respirei, o sol que me iluminou, os alunos que ouvi, o púbis que convenci, um crepúsculo, uma axila, um pinheiro ondulante.

O passado se torna luxuoso e no entanto é apenas uma desilusão de ótica. Porque o pobre, mesquinho presente só ganha uma e decisiva batalha: existe. Estou onde estou. O que é este exílio senão outro começo? Todo começo é jovem. E eu, velho reiniciante, rejuvenesço. Escalada de viúvo, veterano professor, arquivo de palavras. Estou condenado a rejuvenescer. Última melhora, dizem os cretinos. Estou fraco, porra. Na minha terra eu diria caralho, mas também estava fraco. Do caralho à porra, pátria grande esta América. E um filho preso. Tristemente preso, porque se sente dinâmico e otimista e vital e não tem muitas razões para esse singular estado de espírito. Meus sentimentos oscilam,

ora, ora. Estou onde estou e ele está onde está. Pobre filho. Se pudesse trocar com ele. Mas não me aceitam. Não sou suficientemente odioso. Não quis derrubá-los, desarmá-los, vencê-los. Ele sim o quis, e fracassou. Se eu pudesse entrar lá para que ele saísse, talvez eu não ofi casse tão mal. Aos sessenta e sete não iam me torturar, acho. Bem, nunca se sabe. E fecharia os olhos lá também e assim me livraria das grades. E quem sabe pudesse tocar o fundo das coisas. Mas não. Estou onde estou e ele está onde está. Fechar os olhos e ver meu filho, mas abri-los e vê-la. Qual? Provavelmente a do barco. Ou a da árvore. Ou a do pássaro. Deus as cria e elas se separam. Se eu fosse Deus ordenaria terminantemente que comparecesse a da árvore. Mas não sou, e Lydia - comparece.

Feridos e contundidos (Um medo terrível)

Graciela pôs um ponto final no relatório do segundo semestre. Respirou profundamente antes de tirar o original com sete cópias da máquina elétrica. Não havia mais ninguém no escritório. Tinha trabalhado três horas extras. Não para cobrá-las, mas porque o chefe estava em apuros, era boa gente e o prazo para a entrega do relatório do segundo semestre vencia no dia seguinte.

Juntou a última folha com as trinta e três restantes. Amanhã à primeira hora distribuiria original e cópias em oito pastas. Agora estava cansada demais. Deixou tudo na segunda gaveta, pôs a capa de plástico sobre a máquina de escrever e olhou as próprias mãos, sujas de carbono preto.

Entrou um instante no banheiro, lavou cuidadosamente as mãos, penteou-se, passou batom por cima do anterior, já desbotado e seco, olhou-se no espelho sem sorrir para si mesma, mas levantou levemente as sobrancelhas como quem se interroga ou se questiona ou simplesmente para verificar seu grau de cansaço. Uniu por um momento os lábios recém-repintados e emitiu um suspiro inócuo. Em seguida voltou à mesa de trabalho; da primeira gaveta extraiu a bolsa, tirou o casaco de um cabide e vestiu. Abriu a porta, saiu para o corredor, mas antes de apagar a luz e fechar, deu uma olhada geral. Tudo estava em ordem.

Quando a porta do elevador se abriu, espantou-se. Não esperava encontrar ninguém e lá estava Celia, também surpresa.

— Há séculos que não a via. O que está fazendo no escritório a uma hora dessas?

— Tive que bater o relatório do segundo semestre. E era enorme.

— Você faz muitas concessões a seu chefe. Qualquer dia desses vai acabar dormindo com ele.

— Não, meu bem, pode ficar tranquila. Não é meu tipo, mas é boa gente. Além do mais, nem pediu que eu fizesse esse trabalho. E como se isso não fosse suficiente, não ficou comigo no escritório.

—Não precisa se justificar, querida. Era brincadeira.

Chegaram à rua. Havia muita neblina e a consequente irritação dos motoristas.

— Quer tomar um chá?

— Um chá exatamente não. Mas talvez um drinque. Cairia bem melhor

depois de minhas trinta e quatro páginas com sete cópias.

— Assim é que se fala. Viva a evasão!

Sentaram-se juntas à janela. De uma mesa vizinha, um homem jovem e elegante deu uma olhada investigativa.

— Bom — disse Celia em voz baixa. — Parece que ainda somos dignas de uma olhada.

— Para você isso é estimulante ou deprimente?

— Não sei. Depende muito do meu estado de espírito e também, por que não?, da aparência de quem olha.

— E esse, especificamente, é estimulante?

— Não.

— Menos mal.

O garçom depositou suavemente os dois copos.

— Saúde.

— Saúde e liberdade.

— Está bem. É mais completo.

— E além disso acho que era a palavra de ordem de Artigas.

— É mesmo? Como sabe disso?

— Se tivesse vivido os anos que vivi com Santiago, você também seria doutora em Artigas. Para ele sempre foi uma obsessão.

Celia aproveitou para tomar um golinho.

— Quais são as últimas notícias?

— As de sempre. Escreve regularmente, salvo quando é castigado por uma coisa qualquer. Está com bom ânimo.

— E há alguma esperança de que o soltem?

— Motivos haveria. Mas esperanças, não muitas.

A rua era, naquelas horas, uma realidade pouco menos que hipnotizante. As duas mulheres ficaram um bom tempo caladas olhando os automóveis, os ônibus repletos e também as senhoras com cachorros, os mendigos com cartazes explicativos, as crianças maltrapilhas, os bons moços, os policiais. Celia foi a primeira a se desprender daquela rotina espetacular.

— E você? Como se sente? Como suporta uma separação tão longa? — Fez uma pausa. — Se não quiser, não responda.

— Na realidade, gostaria de responder. O problema é que não tenho resposta.

— Não sabe como se sente?

— Sinto-me desajustada, desorientada, insegura.

— Parece lógico, não?

— Pode ser. Mas já não me parece tão lógico quando tento responder a sua segunda pergunta. Essa de como suporto a separação.

— O que acontece?

— Acontece que vou simplesmente suportando. Simplesmente demais. E isso não é normal.

— Não estou entendendo, Graciela.

— Você sabe que ótimo casal formávamos, Santiago e eu. Sabe também como sempre nos identificamos na política. Tínhamos a mesma posição. Embora ele esteja em cana e eu aqui. Quando o levaram, pensei que não poderia suportar. Nossa união não era apenas física. Também era espiritual. Não tem ideia de como precisei dele nos primeiros tempos.

— Não mais?

— A coisa não é assim tão fácil. Continuo amando. Como não continuaria depois de dez anos de excelente relação? E acho horrível que esteja preso. E tenho plena consciência do que essa ausência significa para Beatriz.

— Sim, tudo isso fica num dos pratos da balança. E no outro?

— O problema é que a separação forçada tornou-o mais terno e a mim, ao contrário, ela me endureceu. Resumindo em poucas palavras (e isso é algo que não confesso a ninguém e que me custa confessar até a mim mesma): preciso cada vez menos dele.

— Graciela.

— Sei o que vai me dizer: que é injusto. Eu sei perfeitamente. Não sou tão estúpida a ponto de não saber.

— Graciela.

— Mas não posso me enganar. Continuo a ter muito afeto por ele, mas como poderia ter se fosse uma companheira de militância, não sua mulher. Ele vive desejando meu corpo (sempre dá a entender em suas cartas) e eu, em troca, não sinto necessidade do dele. E isso faz com que me sinta, como dizer?, culpada. Porque na verdade não sei que diabos está acontecendo comigo.

— Pode haver uma explicação.

— Claro, está pensando que tenho outro. Mas não tenho.

— Tem certeza?

— Ainda não tenho.

— Por que acrescentou ainda?

— Porque a qualquer momento pode acontecer. O fato de que não sinta necessidade concreta do corpo de Santiago não significa que o meu esteja inerte.

Celia: faz mais de quatro anos que não faço amor com ninguém. Não lhe parece um exagero?

— Não sei. Não sei.

— Claro, você tem Pedro a seu lado. E gosta disso. Por sorte. Pode, porém, saber o que teria acontecido se passasse quatro anos sem vê-lo ou tocá-lo, sem ser vista ou tocada por ele?

— Não sei e não quero saber.

— Acho justo que se negue a enfrentar gratuitamente um conflito que não é seu. Mas sei o que acontece comigo. Não tenho outro remédio senão saber. E posso garantir que não é fácil, nem cômodo, nem agradável.

— E já pensou em contar para ele, pouco a pouco, carta a carta?

— Claro que pensei. E me dá um medo terrível.

— Medo?

— De destruí-lo. De destruir-me. Sei lá...

Intramuros (O complementar)

Ter notícias suas é como abrir uma janela. O que me conta de você, de Beatriz, do Velho, do trabalho, da cidade. Tenho em mente os horários de todos, assim posso organizar minha visualização a qualquer momento: Graciela agora está escrevendo à máquina, ou o Velho vai terminar sua aula nesse instante, ou Beatriz está tomando um café da manhã apressado porque se atrasou para a escola. Quando se tem que ficar irremediavelmente parado, é impressionante a mobilidade mental que se pode adquirir. Pode-se ampliar o presente tanto quanto se quiser, ou lançar-se vertiginosamente para o futuro, ou dar marcha a ré, que é mais perigoso porque lá estão as lembranças, todas as lembranças, as boas, as regulares e as execráveis. Lá está o amor, ou seja, está você, e as grandes lealdades e também as grandes traições. Lá está o que a pessoa podia fazer e não fez, e também o que podia não fazer e fez. A encruzilhada na qual o caminho escolhido foi o errado. E aí começa o filme, quer dizer, como teria sido a história se tivesse tomado outro rumo, aquele que foi descartado na época. Geralmente, depois de vários rolos, a pessoa suspende a projeção e pensa que o caminho escolhido não foi tão equivocado e que, por acaso, e numa encruzilhada semelhante, a escolha de hoje seria a mesma. Com variantes, claro. Com menos ingenuidade, é evidente. Com mais alertas, por via das dúvidas. Mas mantendo, isso sim, o rumo primordial. Esses grandes espaços em branco são normalmente zonas de desalento, mas em outra acepção são proveitosos também. Nos últimos e penúltimos tempos antes da internação forçada, tudo aconteceu de maneira tão atropelada e em meio a tantas tensões, rodeado por tantas urgências implacáveis, por tantas decisões a tomar, que não havia tempo nem ânimo para reflexão, para pensar e repensar sobre nossos passos, para olhar com clareza para nós mesmos. Agora sim, há tempo, tempo demais, insônias demais, noites demais com os mesmos pesadelos e as mesmas sombras. E a tendência natural, e também mais fácil, é perguntar-se de que me serve o tempo agora, para que esta meditação tardia, atrasada, anacrônica, inútil. E no entanto serve. A única vantagem desse tempo baldio é a possibilidade de amadurecer, de ir conhecendo os próprios limites, as próprias debilidades e fortalezas, de ir se aproximando da verdade sobre si mesmo, e não se iludir acerca de objetivos que nunca se poderia alcançar e, em compensação, aprontar o espírito, preparar a atitude, treinar a paciência

para obter o que algum dia poderá estar ao alcance. Nessa altura se consegue, nestas peculiaríssimas condições, afundar na análise e me atrevo a confessar-lhe algo: embora não possa fazer um plano quinquenal de meus pesadelos, posso sonhar acordado e em capítulos. E assim vou debulhando, esmiuçando o que quis e o que quero, o que fiz e o que farei. Pois algum dia poderei voltar a fazer coisas, não acha? Algum dia deixarei esse estranho exílio e me reintegrarei ao mundo, não? E serei alguém diferente, creio mesmo que alguém melhor, porém nunca inimigo do que fui ou do que sou, mas antes complementar. Sim, ter notícias suas é como abrir uma janela, mas então me dá uma vontade quase irreprimível de abrir mais janelas e, o que é mais grave (que loucura), de abrir uma porta. Sem dúvida, estou condenado a ver as costas desta porta, seu lombo hostil, duro, inexpugnável, concretíssimo, mas nunca tão sólido quanto um bom argumento, quanto uma boa razão. Ter notícias suas é como abrir uma janela, mas ainda não é como abrir uma porta. Talvez repita demasiado a palavra porta, mas precisa entender que aqui essa palavra é quase uma obsessão e, embora possa lhe parecer incrível, muito mais obsessiva que a palavra grade. As grades estão aí, são uma presença real, admitida, compreendida em toda a sua chata magnitude. Mas as grades não podem ser outra coisa senão o que efetivamente são. Não há grades abertas e grades fechadas. Em compensação, uma porta é muitas coisas. Quando está fechada, e sempre está, é a clausura, a proibição, o silêncio, a raiva. Se abrisse (não para um recreio ou para um trabalho ou para um castigo, que são várias outras maneiras de estar fechada, mas para o mundo) seria a recuperação da realidade, da gente querida, das ruas, dos sabores, dos cheiros, dos sons, das imagens e do tato de ser livre. Seria, por exemplo, a recuperação de você e de seus braços e de sua boca e de seu cabelo e ah, de que adianta tentar dar voltas em um trinco que não cede, em uma fechadura empedernida. Mas é certo que a palavra porta está entre aquelas que mais vêm à baila por aqui, mais ainda que as outras palavras que esperam atrás desta porta, pois todos sabemos que para chegar a elas, para chegar às palavras filho, mulher, amigo, rua, cama, café, biblioteca, praça, estádio, praia, porto, telefone, é imprescindível transpor a palavra porta. E ela, que sempre nos mostra as costas, mas está aqui, nos olha férrea e sectária, cruel e duríssima, sem nos fazer nenhuma promessa, sem nos dar nenhuma esperança e fechando-se sempre em nossos narizes. No entanto, não nos deixamos vencer assim sem mais nem menos, nós também organizamos nossa campanha anticlausura, e escrevemos cartas, considerando simultaneamente o destinatário e o censor, ou projetos de carta onde, por hábito, continuamos a nos autocensurar, mas somos um pouquinho mais ousados ou

mastigamos livres monólogos como este que jamais chegará ao papel e a seus limites. Mas um dos matizes mais notáveis e positivos dessa campanha é justamente fazer promessas a nós mesmos, dar-nos esperanças (não as incríveis e triunfalistas, mas as austeras e verossímeis), imaginar que abrimos a porta em nossos narizes. Às vezes, podemos jogar xadrez ou cartas, mas nem sempre. Ah, mas temos o direito de jogar futuro e, é claro, nesse jogo de azar sempre guardamos uma carta na manga ou reservamos um xeque-mate originalíssimo e secreto que não vamos desperdiçar no jogo cotidiano, mas na grande ocasião, por exemplo, quando enfrentarmos Capablanca ou Alekhine, não vamos dizer Karpov, pois esse afinal existe e além do mais seu nome poderia ser riscado. Também falamos de música e músicos, sempre e quando não nos levem, a meu companheiro de turno ou a mim, para outra parte com a música. Mas a sós ou com alguém, posso recordar, por exemplo, minhas várias glórias de espectador. E assim, conto ou, no mais anacoreta dos casos, conto-me que vi e ouvi Maurice Chevalier no Solís, já veteraníssimo o sujeito, mas ainda bem-humorado e tão gentil que nos fazia acreditar que improvisava cada uma de suas piadas pré-históricas; e vi e ouvi Louis Armstrong na Plaza e ainda posso repetir a convincente humanidade de sua rouquidão; e vi e ouvi Charles Trenet em não sei que Centro espanhol da rua Soriano, todos sentados numas cadeiras que pareciam de restaurante e nós, os guris, no chão e ele, o francês, um pouco afetado, mas hábil, cantando o que anos mais tarde vim a saber que se chamava *La mer* ou *Bonsoir jolie madame*, e vi e ouvi Marian Anderson, não lembro mais se no Sodré ou no Solís, mas guardo bem nítido o porte daquela negra enorme e dulcíssima, instalada como um mantra na trágica assunção de sua raça; e muito depois vi e ouvi Robbe-Grillet dizendo todo tranquilo que o emprego do pretérito imperfeito em *O estrangeiro* de Camus é mais importante que a história contada; e vi e ouvi Mercedes Sosa, cantando sozinha e quase clandestina no Zitlovsky da rua Durazno; e vi e ouvi Roa Bastos, modestíssimo sem dissimulação, dizendo diante de um auditório vergonhosamente escasso que o Paraguai viveu sempre em seu ano zero; e vi e ouvi dom Ezequiel Martínez Estrada, alguns meses antes de sua morte, pronunciando uma conferência sobre um tema que não lembro porque minha atenção foi tomada por seu rosto enxuto, citrino, ressecado, recuperado para a vida apenas por uns olhinhos de mirada agudíssima; e vi e ouvi Neftalí Ricardo Reyes,[9] gozador, irônico, sutilmente vaidoso e poetíssimo, debulhando como um salmo as suas recordações de Isla Negra; e vi e ouvi o da outra ilha, na Esplanada, no meio de um público vibrante diante da duração, do ímpeto e do estilo do inesperado

concerto, que para tantos outros era desconcerto. Lembranças de menino, de adolescente, de homem, mas lembranças indiscutivelmente minhas. Ou seja, quando levanto a cortina eu sou, como você deve ter percebido, interessantíssimo, e eu mesmo me aplaudo e me exijo outra, outra, outra, outra.

9 Neftalí Ricardo Reyes é o nome do poeta Pablo Neruda. (N. da E.)

Exílios (Um homem num saguão)

Tinha conhecido o dr. Siles Zuazo em Montevidéu, já se vão uns vinte anos, quando chegou exilado (naquele tempo dizíamos exiliado) ao Uruguai, depois do triunfo de um dos tantos golpes militares que sempre ulceraram a história da Bolívia. Na época, eu tinha poucos livros publicados e trabalhava no departamento contábil de uma grande companhia imobiliária.

Uma tarde o telefone tocou em minha mesa e uma voz grave disse: "Quem está falando é Siles Zuazo." No início pensei que era gozação e, consequentemente, não respondi, contabilizando talvez uma leve possibilidade de que fosse verdade. Continuava espantado, mas em seguida ele esclareceu minhas dúvidas. Na realidade, estava me convidando para ir vê-lo no Hotel Nogaró. Pensei que iria falar da Bolívia e dos milicos que tinham tomado o poder, mas de todo modo não conseguia atinar comos motivos que o fizeram escolher precisamente a mim. Mas estava equivocado.

Alguns anos antes eu tinha publicado um ensaio sobre Marcel Proust e o sentimento da culpa. *Pois bem, Siles Zuazo queria conversar comigo sobre Proust e outros temas literários. Descobri que aquele político sem saída para o mar, aquele personagem cujas anedotas de valor cívico eu tinha ouvido de vários amigos, era um homem excepcionalmente culto, empedernido leitor da literatura contemporânea.*

Falamos sobre Proust, claro, enquanto tomávamos um chá com torradas. Só faltavam as madeleines. *As poucas vezes em que tocamos na questão política, foi graças às minhas perguntas. Ele, ao contrário, queria falar de literatura e certamente disse coisas mais interessantes e sagazes.*

Depois desse encontro inicial, tomamos chá várias vezes no Nogaró, e guardo uma lembrança muito plácida e agradável daquelas conversas. Um pouco mais tarde, deixou Montevidéu e reintegrou-se às lutas e vaivéns políticos de sua incambiável Bolívia.

Fiquei muitos anos sem vê-lo, embora acompanhasse sempre sua incansável atividade política: legal, quando era possível, clandestina, quando não. Numa noite de chuva grossa em Buenos Aires, por volta de 1974, vinha eu pela rua Paraguai, creio, tratando de me abrigar, quando de repente, ao passar quase correndo diante de um saguão, tive a impressão de reconhecer um homem que também se protegia do

aguaceiro.

Voltei atrás. Era o dr. Siles. Ele também tinha me reconhecido. "Então o senhor também teve que se exilar." "Sim, doutor. Quando nos falamos em Montevidéu isso parecia impossível, não é mesmo?" "Sim, parecia." Naquela penumbra não conseguia distinguir seu sorriso, mas podia imaginá-lo. "E nesse seu exílio inesperado, em que etapa está agora?" Respondi com um pouco de vergonha. "A número três." "Então não se aflija. Eu já vou lá pela quatorze."

Naquela noite não falamos de Proust.

Beatriz (Este país)

Este país não é o meu, mas gosto muito dele. Não sei se gosto dele mais ou menos do que do meu país. Vim muito pequena e não me lembro como era. Uma das diferenças é que no meu país tem *cabayos* e aqui tem *cabaios*. Mas são todos cavalos e relincham. E as vacas mugem e as rãs coaxam.

Este país é maior que o meu, sobretudo porque o meu é bem pequenininho. Neste país vivem meu avô Rafael e minha mãe Graciela. E também outros milhões. É muito agradável saber que se vive em um país com muitos milhões. Quando Graciela me leva ao centro, passa um monte de gente pela rua. É tanta tanta tanta gente passando que parece que já conheço todos os milhões deste país.

Nos domingos as ruas ficam quase vazias e pergunto onde terão se metido todos os milhões que vi na sexta-feira. Meu avô Rafael diz que aos domingos as pessoas ficam em casa descansando. Descansar quer dizer dormir.

Neste país se dorme muito. Sobretudo nos domingos, porque são muitos milhões dormindo. Se cada um que dorme ronca nove vezes por hora (minha mãe ronca quatorze), quer dizer que cada milhão de habitantes ronca nove milhões de vezes por hora. Ou seja, os roncos grassam por aqui.

Às vezes, quando durmo, começo a sonhar. Quase sempre sonho com este país, mas algumas noites sonho com o meu país. Graciela diz que não pode ser porque não posso me lembrar do meu país. Mas quando sonho, eu lembro sim, embora Graciela diga que estou trapaceando. Não estou trapaceando.

Então sonho que meu pai me leva pela mão a Villa Dolores, que é o nome do jardim zoológico. E compra amendoins para eu dar aos macacos e esses macacos não são os do zoológico daqui, porque esses eu conheço muito bem e também suas esposas e filhos. Os macacos dos meus sonhos são os de Villa Dolores e meu pai diz está vendo, Beatriz, essas grades, é assim que eu vivo também. Então acordo chorando neste país e Graciela tem que vir me dizer filhinha é só um sonho.

Eu digo que é uma pena que entre os milhões de pessoas que há neste país não esteja, por exemplo, o meu pai.

Feridos e contundidos (Sonhar acordada)

— Viu, é por isso que não quero que venha sozinha.

— O que foi que eu fiz?

— Não se faça de sonsa.

— Mas o que fiz?

— Ia atravessar com o sinal vermelho.

— Não vinha nenhum carro.

— Vinha sim, Beatriz.

— Mas estava muito longe.

— Vamos logo.

Passam diante do supermercado. Em seguida, diante da tinturaria.

— Graciela.

— O quê?

— Prometo que só vou atravessar com sinal verde.

— Foi o que me prometeu na semana passada.

— Mas agora estou prometendo de verdade. Você me desculpa?

— Não é questão de desculpar ou não desculpar. Não percebe que se atravessar com sinal vermelho pode ser atropelada por um carro?

— Tem razão.

— O que vou fazer, Beatriz, se acontecer alguma coisa com você? E seu pai, como vai se sentir se lhe acontecer alguma coisa? Não pensa nisso?

— Não vai acontecer nada, mãe. Não chore. Por favor. Vou atravessar sempre com sinal verde. Graciela. Mãe. Não chore.

— Sim, não estou chorando, boba. Vamos, entre.

— Ainda é cedo. As aulas só começam em vinte minutos. E o solzinho está uma delícia. E quero ficar mais um pouquinho com você.

— Puxa-saco.

Quando diz isso, Graciela relaxa um pouco e sorri.

— Já me perdoou?

— Sim.

— Vai para o escritório agora?

— Não.

— Está de férias?

— Trabalhei muito na semana passada e me deram a segunda-feira de folga.

— E o que vai fazer? Vai ao cinema?

— Acho que não. Acho que vou voltar para casa.

— Vem me buscar na saída? Ou posso voltar sozinha?

— Queria ter confiança em você.

— Pode ter, mãe. Não vai acontecer nada. De verdade.

Beatriz não espera a resposta de Graciela. Ela a beija quase no ar e entra correndo na escola. Graciela fica um momento imóvel, olhando-a se afastar. Depois aperta os lábios e parte.

Caminha lentamente, balançando a bolsa, parando de vez em quando, como desorientada. Ao chegar à Avenida, percorre com o olhar a cadeia de grandes edifícios. De repente, os que vão atravessar a tocam, a empurram, dizem algo e então ela finalmente decide atravessar. Mas antes que chegasse à outra calçada, os sinais ficaram vermelhos e um caminhão tem que desviar para evitá-la.

Dobra agora numa rua quase deserta, onde há várias latas de lixo transbordantes e hediondas. Aproxima-se de uma delas e olha com certo interesse o conteúdo. Faz um gesto como se fosse enfiar a mão, mas se contém.

Caminha duas, três, cinco, dez quadras. Na esquina anterior a outra Avenida há uma mulher pedindo esmolas. Junto dela dormem duas crianças bem pequenas. Ela se aproxima e a mulher recomeça sua cantilena.

— Por que pede esmolas? Hein?

A mulher olha para ela espantada. Está acostumada à dádiva, à rejeição, à indiferença. Não ao diálogo.

— Como?

— Perguntei por que pede esmolas.

— Para comer, senhora. Pelo amor de Deus.

— E não pode trabalhar?

— Não, senhora. Pelo amor de Deus.

— Não pode ou não quer?

— Não, senhora.

— Não o quê?

— Não há trabalho. Pelo amor de Deus.

— Deixe o amor de Deus em paz. Não percebe que Deus não quer amá-la?

— Não diga isso, senhora. Não diga isso.

— Tome.

— Obrigada, senhora. Pelo amor de Deus.

Agora caminha com passos mais firmes e mais rápidos. A mendiga fica para trás, atônita. Uma das crianças começa a chorar. Graciela vira a cabeça para olhar o grupo, mas não para.

Quando está a duas quadras de sua casa, vê a imagem desfocada de Rolando. Está apoiado na porta. Caminha outro quarteirão e acena para ele, levantando o braço. Parece que não a viu. Ela repete o gesto e então ele responde agitando seu braço também e vem a seu encontro.

— Como soube que estava vindo para casa?

— Muito simples. Liguei para o escritório e me disseram que hoje você não ia trabalhar.

— Quase fui ao cinema.

— Sim, pensei nessa possibilidade. Mas o sol estava tão lindo que me pareceu pouco provável que resolvesse se fechar num cinema. E bem, vim para cá e, como pode ver, acertei.

Ele a beija no rosto. Ela procura na bolsa, encontra a chave e abre.

— Venha. Sente-se. Quer beber alguma coisa?

— Nada.

Graciela abre as persianas e tira o casaco. Rolando olha para ela de modo indagador.

— Andou chorando?

— Dá para notar?

— Está com aquela aparência denominada tecnicamente: depois da tempestade.

— Ora, só um chuvisco.

— O que houve?

— Quase nada. Um injusto desânimo diante de uma mendiga e antes uma justa briguinha com Beatriz.

— Com Beatriz? Tão linda, ela.

— É uma figura. E sempre me ganha.

— O que houve?

— Estupidez minha. É tão imprudente ao atravessar as ruas. Fico com medo.

— Só isso?

Rolando oferece um cigarro, mas ela recusa. Ele pega um e acende. Dá a primeira baforada e olha para ela através da fumaça.

— Graciela, quando vai se decidir?

— Decidir o quê?

— Confessar não sei o que a você mesma. Evidentemente, há algo que você quer admitir.

— Não comece outra vez, Rolando. Detesto esse tonzinho paternal.

— Eu a conheço há muito tempo, Graciela. Antes de Santiago.

— É verdade.

— E como a conheço, sei que não está bem.

— Não estou.

— E continuará não estando até admitir isso.

— Pode ser. Mas é difícil. É duro.

— Sei disso.

— Trata-se de Santiago.

— Ah...

— E sobretudo de mim. Ufa, não é tão complicado. Mas é duro. Não sei o que há comigo, Rolando. É terrível de admitir. Mas não sinto necessidade de Santiago.

— E tem se sentido assim desde quando?

— Não me peça datas. Sei lá. É absurdo.

— Melhor não qualificar ainda.

— É absurdo, Rolando. Santiago não me fez nada. Só foi preso. O que acha? Afinal de contas, pode-se fazer com alguém algo pior que isso, mais execrável? Ele me fez isso. Foi preso. E me abandonou.

— Não abandonou, Graciela. Foi levado.

— Eu sei. Por isso disse que é absurdo. Sei que foi levado e mesmo assim sinto como se tivesse me abandonado.

— E o recrimina por isso?

— Não, como vou recriminá-lo? Ele se comportou bem, bem demais, suportou a tortura, foi corajoso, não delatou ninguém. É um exemplo.

— E mesmo assim.

— E mesmo assim fui me afastando. E a distância me deu espaço para reavaliar toda a nossa relação.

— Que era boa.

— Muito boa.

— E então?

— Não é mais. Ele continua me escrevendo cartas carinhosas, cálidas, ternas, mas eu as leio como se fossem para outra pessoa. Pode me esclarecer o que aconteceu? Será que a prisão transformou Santiago em outro sujeito? Será que o exílio me transformou em outra mulher?

— Tudo é possível. Mas tudo pode se complementar também. E enriquecer-se. E melhorar.

— Pois não melhorei, nem enriqueci. Sinto-me mais pobre, mais seca. E não quero continuar empobrecendo e secando.

— Graciela, você continua partilhando as posições políticas de Santiago?

— Claro. São as minhas também, não? Só que ele caiu. E eu, ao contrário, estou aqui.

— Você o recrimina pelos compromissos que assumiu?

— Está louco? Fez o que tinha que fazer. Eu também fiz a minha parte. Por aí você está no caminho errado. Nisso estivemos e estamos unidos. Onde não me sinto unida é na relação a dois. Não na social, mas na conjugal, entende? Isso pelo menos está claro para mim. O que não está claro é o motivo. E isso me angustia. Se Santiago tivesse me feito alguma coisa ou se o tivesse visto fazer uma baixeza com alguém. Mas não. É um sujeito de primeira. Leal, bom amigo, bom companheiro, bom marido. Eu era muito apaixonada por ele.

— E ele?

— Também. E ao que parece continua sendo. A louca sou eu.

— Graciela. Você ainda é moça. É linda, é inteligente, é carinhosa às vezes. Talvez o que lhe faça falta seja a contrapartida, a retribuição afetiva.

— Ui, que difícil!

— Aquilo que Santiago não pode lhe dar por correspondência e menos ainda por correspondência sob censura.

— É possível.

— Posso lhe fazer uma pergunta muito, mas muito indiscreta?

— Pode. E eu também posso não responder.

— Certo.

— Pode mandar, então.

— Sonha com outros homens?

— Você quer dizer sonhos amorosos?

— Sim.

— Está falando de sonhar dormindo ou sonhar acordada?

— De ambos.

— Quando durmo não sonho com homem nenhum.

— E acordada?

— Acordada sonho. Você vai rir. Sonho com você.

Dom Rafael (Loucos lindos e feios)

Santiago me escreveu e está bem. Aprendi a ler suas entrelinhas e sei por elas que continua mentalmente são. Meu temor era esse. Não que delatasse ou esmorecesse. Isso não. Acho que conheço meu filho. Meu temor era de que deslizasse da sanidade para sabe-se lá o quê. Como um diretor da Prisão disse a ele, não sei se o último ou o penúltimo: "Não nos atrevemos a liquidar todos vocês quando tivemos a oportunidade e, no futuro, teremos que soltá-los. Temos que aproveitar o tempo que nos resta para deixá-los loucos." Pelo menos foi franco, não é mesmo? Franco e abjeto. Mas de alguma maneira essa confissão impudica nos deu a chave: é neles, nos tiras, que existe algo de demente. São eles que aproveitaram o tempo para enlouquecer. Mas não são loucos lindos; são loucos disformes, grotescos. Loucos por vocação e livre escolha, que é a forma mais ignóbil de loucura. Ganharam bolsas em Fort Gulick para se diplomarem dementes. Atualmente, embora aquele diretor da Prisão tenha dito essas palavras há mais de cinco anos, continuo me agarrando às únicas seis palavras aproveitáveis de seu programa arrepiante: "No futuro teremos que soltá-los." Digamos que *não se atreveram a liquidá-lo quando tiveram a oportunidade*, mas Santiago estará entre os que eles serão obrigados a soltar antes de tê-los enlouquecido? Espero que sim. Santiago conseguiu gerar, ou talvez descobrir em si mesmo, uma estranha vitalidade. Sua descida aos infernos não o incinerou. Chamuscou talvez. Penso que, mais do que se entregar a uma esperança, o que conta ali é agarrar-se à sanidade. E ele continua sensato. Bato na madeira. E por via das dúvidas que seja sem pés: por exemplo, essa colher de oliveira que, além do mais, é um presente de Lydia. Continua sensato porque se incrustou voluntariamente na sensatez. E está dosando seus ódios com prudência e sagacidade, o que é decisivo. Os ódios só vivificam e estimulam se você os governa, mas destroem e desajustam quando são eles que dominam. Sei que é difícil ter bom senso quando se passou pela humilhação e pelo mutismo obstinado e pelo asco à morte e pelo alerta sem trégua e pelo pavor solitário e pelo martírio em cotas incômodas. Depois desse itinerário, agarrar-se à sensatez pode ser uma forma de delírio. Só isso pode explicar essa ferrenha lealdade ao equilíbrio. Além dos princípios, claro. Mas teve gente com muitos e sólidos e declarados princípios que, no entanto, baqueou e depois ficou se sentindo um

cu. Gente que não julgo, que isso fique e me fique bem claro, porque ninguém sabe quem é realmente, quão incinerável ou incombustível é, até passar por alguma fogueira. Digo sinceramente que os princípios são, sem dúvida, um elemento fundamental, mas apenas um. O resto é respeito a si mesmo, fidelidade aos demais e sobretudo muita tenacidade, muita obstinação em estado bruto, e também, ocorreu-me agora, uma desmistificação progressiva da morte. Porque esse é definitivamente o argumento mais contundente e penetrante que eles esgrimem: a possibilidade certa, o comparecimento genuíno da morte, não uma morte qualquer, mas a própria morte. E somente ao rebaixá-la diante de si mesmo, somente ao mutilá-la de sua lendária reputação, um homem pode ganhar a peleja. Convencer-se de que morrer não é, afinal de contas, tão fodido assim quando se morre bem, quando se morre sem rancores contra si mesmo. No entanto, ocorreu-me também (a mim, que nunca passei por esse risco) que não deve ser fácil, pois numa conjuntura assim a pessoa fica espantosamente só, não tem sequer a companhia da presença suja do teto ou das paredes, nem dos rostos imundos dos que o destroçam; está só com seu capuz, ou mais exatamente com o avesso do capuz; só com sua taquicardia, suas ânsias, sua asfixia ou sua angústia sem fim. É claro que, quando isso acaba, quando se conclui e se tem a consciência de ter sobrevivido, deve restar um sedimento de dignidade e também uma borra permanente de rancor. Algo que nunca mais se perderá, mesmo que o futuro ambíguo traga seguranças e confianças e amor e passo firme. Uma borra de rancor que pode se tornar endêmica e até chegar a contaminar as seguranças e as confianças e o amor e o passo firme, talvez incorporado em mais de um futuro individual. Ou seja, esses implacáveis, esses peritos da sevícia, esses canibais inesperados, esses sacerdotes da Sagrada Ordem do Cepo, não têm somente a culpa atual, mas também uma projeção dessa culpa que roça o infinito. Não são apenas responsáveis por cada mancha individual ou pela soma dessas manchas, mas também por terem apodrecido os velhos cimentos de uma sociedade inteira. Quando supliciam um homem, matem-no ou não, martirizam também (apesar de não prendê-los, embora os deixem desamparados e atônitos em sua casa violada) sua mulher, seus pais, seus filhos, aqueles com quem se relaciona. Quando arrebentam um militante (como foi o caso de Santiago) empurrando sua família para um exílio involuntário, rasgam o tempo, transmudam a história para esse ramo, para esse mínimo clã. Reorganizar-se no exílio não é, como se diz tantas vezes, começar a contar do zero, mas começar de menos quatro ou menos vinte ou menos cem. Os implacáveis, os que ganharam seus galões na crueldade militante, esses que começaram puritanos e acabaram corruptos, eles abriram um

enorme parêntese nessa sociedade, um parêntese que certamente se fechará um dia, mas quando ninguém mais for capaz de retomar o fio da antiga oração. Será necessário começar a tecer outra, a incorporar outra na qual as palavras não serão as mesmas (porque houve também lindas palavras que eles torturaram e justiçaram ou incluíram nas listas de desaparecidos), na qual os sujeitos e as preposições e os verbos transitivos e os complementos diretos já não serão os mesmos. A sintaxe terá mudado nessa sociedade, ainda recém-nascida, que nessa ocasião se mostrará débil, anêmica, vacilante, excessivamente cautelosa, mas que com o tempo irá se recompondo, inventando novas regras e novas exceções, palavras chamejantes a partir das cinzas das que foram prematuramente calcinadas, conjunções copulativas mais adequadas a servir de ponte entre os que ficaram e os que se foram e que então voltarão. Mas nada poderá ser igual à pré-história de setenta e três. Para melhor ou para pior; não tenho certeza. E tenho menos certeza ainda de que poderei me habituar, de que algum dia voltarei a esse país distinto que está se formando agora, atrás das cortinas do proibido. Sim, é provável que o *desexílio* seja tão duro quanto o exílio. A nova sociedade não será erguida pelos veteranos como eu, nem sequer pelos jovens maduros como Rolando ou Graciela. Somos sobreviventes, claro, mas também feridos e contundidos. Eles e nós. Será construída então pelas crianças de hoje, como minha neta? Não sei, não sei. Talvez os oficiantes, os fazedores dessa pátria pendular e peculiar sejam aqueles que hoje são crianças mas permanecem no país. Não os meninos e meninas que trazem na retina as neves de Oslo ou os entardeceres do Mediterrâneo ou as pirâmides de Teotihuacán ou as lambretas da Via Appia ou os negros céus do inverno sueco. Tampouco os meninos e meninas que carregam na memória as crianças mendigas da Alameda ou os drogados do Quartier Latin ou a bebedeira consumista de Caracas ou o *tejerazo* de Madri ou as algazarras neonazistas do milagre alemão. No máximo pode ser que ajudem, que transmitam o aprendido, que perguntem pelo desaprendido, que tentem se adaptar e lutar. Mas quem forjará o novo e peculiar país do futuro mediato, essa pátria que ainda é um enigma, serão os púberes de hoje, os que estiveram e estão lá, os que a partir de uma ótica infantil, mas nada amnésica, viram uma boa parte dos duros confrontos e viram como outros adolescentes, os de sessenta e nove e setenta, eram feridos como inimigos e como sequestraram seus pais, às vezes suas mães e até seus avós, que eles só voltariam a ver muito mais tarde e ainda atrás das grades e de longe ou também de uma proximidade feita de incomunicação e distância. E viram chorar e choraram eles mesmos junto de ataúdes que era proibido abrir, e viram como depois veio o silêncio

estrondoso nas esquinas, e as tesouras nos cabelos e no diálogo, e isso sim, muito *rock* e *jukeboxes* e caça-níqueis para que esquecessem o inesquecível. Não sei como nem quando, mas essa garotada de hoje será a vanguarda de uma pátria realista. E nós, os veteranos? Nós, as carroças, como dizem os galegos? Bem, os que ainda estivermos lúcidos na época, nós, as carroças que ainda estivermos rodando, nós os ajudaremos a recordar o que viram. E também o que não viram.

Exílios (A solidão imóvel)

Em Sófia, Bulgária, foi parar H., jornalista, especialista em assuntos internacionais, correspondente de um diário búlgaro em Montevidéu. Logo depois de uma das tantas investidas do regime, teve que se exilar na Argentina, onde viveu sete meses, mas após o assassinato de Zelmar Michelini e Gutiérrez Ruiz a Argentina também se tornou inabitável para os exilados uruguaios. Sob a proteção das Nações Unidas, subiu para Cuba e de lá para a Bulgária.

Vivia só, longe da mulher e dos filhos, mas fez sem dúvida muitos amigos entre os búlgaros, uma gente calorosa e acolhedora, amiga das celebrações nobres e sentimentais, e deve ter desfrutado daquelas avenidas incríveis, com canteiros de rosas que se encontram por todo lado naquela terra linda de Dimitrov, claro, mas também de meu amigo Vasil Popov, que há mais de dez anos escreveu e publicou um conto muito carinhoso sobre dois tupamaros que encontrou certa vez no elevador de um hotel havanês.

Sim, com certeza acostumou-se ao iogurte (fermentos casualmente búlgaros) e aos sacerdotes ortodoxos e ao café à turca, que para mim é insuportável. Mas mesmo assim deve ter experimentado a indesejada humilhação de estar só e de olhar-se cotidianamente com novo espanto e velha resignação.

Quando em meados de 1977 cheguei a Sófia para assistir ao Encontro de Escritores pela Paz, fazia poucos dias que H., que era tão jornalista, tinha se tornado notícia. Como todas as tardes, chegou a seu apartamento, provavelmente se deitou e só se ficou sabendo dele vários dias depois, quando os colegas de trabalho, estranhando sua ausência, foram bater em sua porta e, ao não obterem resposta, trouxeram a polícia para abri-la.

Estava em sua cama, ainda com vida, mas já sem sentidos. Um derrame tinha provocado uma hemiplegia. Estava naquele estado havia pelo menos três dias. De nada valeram os cuidados intensivos.

A rigor, não morreu de hemiplegia, mas de solidão. Os médicos disseram que se tivesse sido encontrado a tempo, teria certamente sobrevivido. Quando seus amigos o encontraram, já tinha perdido os sentidos, mas se supõe que, pelo menos durante as primeiras vinte e quatro horas, soubesse o que estava ocorrendo. É desolador tentar introduzir-me, inventando seus pensamentos de homem imobilizado. Não vou fazê-

lo por respeito, embora talvez tivesse possibilidades particulares de torná-los verossímeis.

Um par de anos antes, em meu exílio portenho, em meu apartamento de solteiro em Las Heras e Pueyrredón, passei por uma situação bastante semelhante. Estive inconsciente um dia inteiro, vítima do chamado mal asmático. Segundo parece, alguns amigos telefonaram, mas não percebi, embora o telefone estivesse sobre a cama. Pensaram certamente que eu não estava. Naqueles meses sombrios da Argentina de López Rega, em que apareciam dez a vinte cadáveres nas lixeiras por dia, era frequente que muitos de nós, em certas noites particularmente inquietantes, dormísssemos na casa de amigos. Em meu chaveiro havia sempre pelo menos três chaves solidárias.

Durante a tarde, recuperei vagamente a consciência, atendi um telefonema, apenas um, e voltei a desfalecer. Esse único gesto conseguiu salvar-me. H. não teve sequer essa possibilidade. A solidão o deixou imóvel.

O outro (Titular e suplente)

Uma coisa louca, a Beatricita, ah se Santiago pudesse vê-la, Rolando sabe que essa deve ter sido a prova mais dura para aquele sabichão famoso. Anos sem Beatriz, sabe-se lá quantos. Agora existe alguma esperança, mas na época. Claro que Santiago tem vários outros verbetes de nostalgia, Graciela entre eles, evidentemente, mas o mais feroz deve ser Beatriz, pois quando caiu mal tinha começado a desfrutar de sua companhia. Não muito, claro, pois foram anos tremendos, mas de qualquer maneira a cada dois ou três dias separava um tempinho para vê-la: ele a levava para a cama grande e papeava um pouco com a pequena, que sempre foi espertíssima, desde pequenininha. Santiago sim era um pai por vocação, não como ele, Rolando Asuero, *habitué* de bordéis em primeira instância e de motéis em seguida. Na realidade, foi a política que acabou com seu latin american way of life, há que lembrar que nos últimos tempos até os motéis eram usados para reuniões clandestinas, que desperdício, sempre sentia um pouco de vergonha por não tirar nem a jaqueta e por ter que respeitar rigorosamente a companheira (tango habemus: *me dei mal, que imbecil*)[10] naquele ambientão clássico de folgança, bem, na verdade algumas vezes o contexto foi mais forte que o texto, mas de todo modo sempre me pareceu que era um abuso de autoridade por parte dos irresponsáveis Responsáveis, porque as companheiras eram em geral gostosíssimas e era preciso ficar atento para não se excitar, tão concentrado em pensar em blocos de gelo e cumes nevados que depois esquecia a mensagem recebida e a transmitir.

Uma coisa louca, a Beatricita. Hoje tinha conversado com ela um bom tempo, enquanto esperavam por Graciela. Rolando se encanta com o modo como a menina fala da mãe e como a enquadra direitinho, como conhece todas as suas fortalezas inexpugnáveis e os pontos vulneráveis. Mas o curioso é que ela o diz sem vaidade, sem petulância, com um rigor quase científico. É claro que esse rigor se esfuma quando começa a falar de Santiago. Ela o endeusou. Hoje azucrinou Rolando, o tio Rolando (para ela, todos os amigos e amigas de Graciela são *tios*), perguntando sobre a Prisão, como eram as celas, se era mesmo verdade que dá para ver o céu (ele responde que sim, mas ela pensa que deve ser para que Graciela e eu não choremos) e por que exatamente estava preso se tanto Graciela quanto ele, o tio Rolando, garantiam que era muito bom e amava

muitíssimo sua pátria. E nesse momento calou-se um instantinho para perguntar depois, com os olhos semicerrados, concentrada em uma preocupação que sem dúvida não era nova, tio, qual é a *minha* pátria, a sua eu sei que é o Uruguai, mas estou falando no *meu* caso, que vim para cá pequenininha, hein, diga a verdade, qual é a *minha* pátria. E quando dizia *minha* tocava o peito com o indicador e ele teve que pigarrear e até assoar o nariz para ganhar tempo e em seguida dizer que existem pessoas, sobretudo crianças, que têm duas pátrias, uma titular e outra suplente, mas a garota insistia; qual era então a sua pátria titular e ele claro que sua pátria titular é o Uruguai, e a garota enfiando o dedinho na ferida e por que então não me lembro de nada da minha pátria titular e em compensação sei um monte de coisas da minha pátria suplente. Menos mal que Graciela chegou bem na hora e abriu a porta (porque estavam esperando perto da janela e sem poder entrar) e foi lavar as mãos e pentear-se um pouco e ordenou que Beatriz também lavasse as mãos e a garota disse já lavei ao meio-dia e Graciela se irritando levando-a por um braço até a pia com certa brusquidão e/ou impaciência, voltando agitada para onde Rolando estava, sentado na cadeira de balanço, olhando-o como se só agora percebesse a sua presença e dizendo oi com uma voz cansada e indefesa que só de longe parecia a sua.

10 *Me cachendié, qué gil*. Do tango *Che Tango, che*, de Astor Piazzola e Horacio Ferrer. (N. da T.)

Intramuros (O balneário)

Não sei por que hoje estive rememorando longamente os verões em Solís. A casinha era linda e bem próxima da praia. Às vezes, quando fico impaciente ou irritado, penso nas dunas e me tranquilizo. Naquelas pequenas temporadas tão calmas, tão parecidas com a felicidade, quem poderia pensar que depois viria o que veio? Lembro quando subimos a Serra e quando nos encontramos com Sonia e Rubén e quando alugamos os cavalos e você só ficava no trote e não conseguia, apesar de suas ordens e seus esforços, fazer o cavalinho galopar, e ficava péssima por causa disso. Mas não me lembro apenas desses detalhes costeiro-bucólicos; também tenho presente certo mal-estar incômodo que não me deixava usufruir plenamente daquele sóbrio conforto de três semanas. Lembra-se do que conversamos umas tantas vezes, quando a tarde caía sobre a casa e a hora do ângelus nos punha melancólicos e até um pouco sombrios? Sim, nosso conforto era terrivelmente austero, nosso descanso era baratíssimo e nada ostentoso, e no entanto pensávamos naqueles que nada tinham, nem trabalho, nem pão, nem moradia, e muito menos uma hora especial para a melancolia pois sua amargura era em tempo integral. E assim acabávamos em silêncio, sem soluções à vista, mas nos sentindo vagamente culpados. E obviamente, na manhã seguinte, quando o ar fresco de maresia e o primeiro sol penetravam desde cedo na casinha, diante desse respaldo da natureza, a tristeza ia embora e voltávamos a nos sentir plenos e otimistas: você se dedicava a juntar conchinhas e eu a andar de bicicleta porque já naquele anos você argumentava que eu tinha certa tendência a criar barriga mas, como pode ver, passaram-se muitos anos mais e não fiquei barrigudo, claro que o método talvez não seja o mais recomendável. E os últimos tempos, quando os amigos vinham também. Isso tinha um lado bom e outro ruim, não? Era mais divertido, claro, e estimulava proveitosas (embora longas demais, às vezes) discussões, que para mim sempre tiveram uma utilidade evidente: serviam para descobrir em mim mesmo o que realmente pensava sobre tantas questões. Mas esse verão coletivo também tinha seu lado ruim, pois nos tirava intimidade e cerceava nossa possibilidade de diálogo (nós, os dois), limitando-a apenas à cama, um lugar onde em geral usávamos outros meios de comunicação. E em que dispersão terminou todo o clã. Alguns já nem existem mais. Acho que as mulheres estão

pela Europa (vocês se escrevem?). Tenho ouvido dizer que um dos rapazes anda por aí, você encontra com ele às vezes? Dê-lhe um abraço meu: o que está fazendo? Trabalha? Estuda? Continua muito mulherengo? Guardo uma boa lembrança de sua erudição tanguista e de sua veia conciliadora. Como estará Solís? El Chajá continuará existindo? Era fantástico almoçar em seu salão de troncos de madeira, em geral repleto de ingleses, amáveis e distantes como sempre. Por que será que os ingleses gostavam tanto dessa praia? No mínimo, pelas mesmas razões que nós: ali ainda era possível (pelo menos naqueles anos) recuperar a sensação de espaço, ver a praia como praia e não como um vasto comércio com areia; a estrutura natural tinha sobrevivido, pois as casas, mesmo as suntuosamente decoradas, não agrediam a paisagem. De manhã cedo era bárbaro caminhar e caminhar na beira da praia, recebendo nos pés as ondinhas suaves que davam vontade de seguir vivendo. Acho que gostávamos disso também porque de alguma forma simbolizava o Uruguai de então, país de ondinhas suaves, não das tempestades furiosas que vieram depois. Em um dos extremos havia umas pedras, mas não grandes rochedos. A pessoa simplesmente se sentava e a água invadia os espaços entre as pedras, percorria e limpava os canaizinhos, botava os caranguejos de patas para o ar e sacudia as metades dos mexilhões sempre agrupados em alguma reentrância nas pedras e cantos. Ao entardecer, a sensação era distinta, talvez gerasse menos energia e otimismo, mas era portadora de um sossego que nunca voltei a experimentar. O sol ia se escondendo atrás das dunas de Jaureguiberry, e o marulhar rítmico das ondas mansas se misturava a algum mugido que parecia longínquo e que talvez por isso mesmo soasse taciturno e agourento. Certos dias, essa angústia providencial nos contagiava, mas às vezes se convertia inesperadamente no sal do dia, simplesmente porque não tínhamos motivos pessoais para hipocondrias e, portanto, embora às vezes seus olhos verdes se umedecessem e um nó se formasse em minha garganta, sempre tínhamos consciência de que não havia causas concretas para a tristeza, salvo as congênitas, as que são inerentes ao mero fato de viver e morrer. E voltávamos caminhando devagarinho, agora abraçados e em silêncio, e na palma de minha mão direita sentia que a pele de sua cintura nua se arrepiava, certamente porque começava a soprar um anúncio da brisa noturna, e dava vontade de chegar em casa para vestir o pulôver e tomar uma grapinha com limão e preparar o churrasco com ovos e salada e nos beijar um pouco, não demais, pois o melhor ficava para depois.

Beatriz (Uma palavra enorme)

Liberdade é uma palavra enorme. Por exemplo, quando terminam as aulas, pode-se dizer que uma pessoa fica em liberdade. Enquanto a liberdade dura, você passeia, brinca, não tem por que estudar. Dizem que um país é livre quando uma mulher qualquer ou um homem qualquer pode fazer o que lhe der na cabeça. Mas até nos países livres tem coisas proibidas. Matar, por exemplo. Mas aí que está, matar mosquitos e baratas pode e vacas também, para fazer churrasco. Por exemplo, é proibido roubar, mas não é tão grave ficar com umas moedinhas quando Graciela, que é minha mãe, me manda fazer alguma compra. Por exemplo, é proibido chegar tarde à escola, embora nesse caso tenha que escrever uma cartinha, ou melhor, Graciela tem que escrever uma cartinha justificando por quê. É o que diz a professora: justificando.

Liberdade quer dizer muitas coisas. Por exemplo, se você não está presa se diz que está em liberdade. Mas meu pai está preso e no entanto está em Liberdade, pois é assim que se chama a prisão onde está há muitos anos. Tio Rolando chama isso de sarcasmo. Um dia, contei a minha amiga Angélica que a prisão em que meu pai está se chama Liberdade e que tio Rolando tinha dito: que sarcasmo, e minha amiga Angélica gostou tanto da palavra que quando seu padrinho lhe deu um cachorrinho ela botou o nome de Sarcasmo. Meu pai é um preso, mas não porque tenha matado ou roubado ou chegado tarde à escola. Graciela diz que meu pai está em Liberdade, ou seja preso, por suas ideias. Parece que meu pai era famoso por suas ideias. Eu também tenho ideias, às vezes, mas ainda não sou famosa. Por isso não estou em Liberdade, ou seja não estou presa.

Se estivesse presa, gostaria que minhas bonecas, Toti e Mónica, também fossem presas políticas. Porque gosto de dormir abraçada pelo menos com a Toti. Com a Mónica nem tanto, porque é muito resmungona. Eu nunca bato nelas, sobretudo para dar bom exemplo a Graciela.

Ela já me bateu umas poucas vezes, mas quando faz isso eu queria ter muitíssima liberdade. Quando me bate ou ralha comigo eu a chamo de Ela, porque ela não gosta que a chame assim. É claro que tenho que estar de muito mau humor para chamá-la de Ela. Se, por exemplo, meu avô chega e pergunta onde está sua mãe e eu respondo Ela está na cozinha, todo mundo sabe que

estou de mau humor, porque quando não estou de mau humor digo só Graciela está na cozinha. Meu avô sempre me diz que sou a mais mal-humorada da família e isso me deixa muito contente. Graciela também não gosta muito que eu a chame de Graciela, mas eu chamo porque é um nome lindo. Só quando gosto muito, muito dela, quando a adoro e a beijo e a aperto e ela diz ai pequerrucha não me aperte assim, então eu a chamo de mamãe ou mami, e Graciela se comove e fica toda derretida e faz carinho no meu cabelo, e isso não seria assim tão bom se eu a chamasse de mamãe ou mami por qualquer besteira.

De forma que liberdade é uma palavra enorme. Graciela diz que ser um preso político como meu pai não é nenhuma vergonha. Que é quase um orgulho. Por que quase? É orgulho ou é vergonha? Gostaria que eu dissesse que é quase vergonha? Estou orgulhosa, não quase orgulhosa, de meu pai, porque teve muitíssimas ideias, tantas e tantas que foi preso por causa delas. Acho que agora meu pai vai continuar tendo ideias, ideias espetaculares, mas é quase certo que não fale sobre elas com ninguém, porque se falar, quando sair da Liberdade para viver em liberdade, podem fechá-lo outra vez na Liberdade. Estão vendo como é enorme?

Exílios (Penúltima morada)

A morte de um companheiro (mais ainda quando se trata de alguém tão querido quanto Luvis Pedemonte) é sempre um dilaceramento, uma ruptura. Mas quando a morte arremata seu bote no exílio, mesmo que tenha lugar num âmbito tão fraterno quanto este, o dilaceramento tem outras implicações, outro significado.

Esse desenlace natural, esse final obrigatório que é a morte, tem sempre alguma coisa de regresso. Volta à terra nutriz; volta à matriz de barro, de nosso barro, que nunca vai ser igual aos outros barros do mundo. A morte no exílio é aparentemente a negação do regresso, e esse talvez seja seu lado mais obscuro.

Por isso, durante o longo período da penosa enfermidade de Luvis, era tão difícil vê-lo animar-se, sorrir, fazer projetos, e mais difícil ainda continuar a dissidar, - nomear futuros que o incluíam, imaginar ou subentender que voltaria a respirar o ar de seu bairro, a ver a praia, esse luminoso coração do dia montevideano, e a saborear as uvas e os pêssegos, esses luxos de pobre.

Como falar das boas coisas simples que dão gosto à vida e que davam sentido à sua, se sabíamos que a morte seguia seu rastro e que ninguém poderia livrá-lo nem escondê-lo, nem morrer por ele, e menos ainda convencer seu algoz, nem sequer derramar um pranto em sinal de sua presença vital entre nós.

Nos primeiros tempos, o exílio era, entre outras coisas, o duro osso de viver longe. Agora é também o de morrer longe. A lista já tem cinco ou seis nomes. A solidão, as enfermidades ou os tiros acabaram com eles e quem sabe com quantos mais, agora são tantos: menos no vastíssimo país errante.

O trago é mais amargo se pensamos que morrer no exílio é o sinal de que nos foi negado, não apenas a Luvis, mas a todos nós, o supremo direito de abandonar o trem na estação onde a viagem começou. Tiraram de nós a nossa morte doméstica, simplesmente nossa, essa morte que sabe de que lado dormimos, de que sonhos se nutrem nossas vigílias.

Por isso, quando admitimos agora que Luvis, companheiro querido como poucos, partiu sem ter regressado, nós lhe prometemos lutar não somente para mudar a vida, mas também para preservar a morte, essa morte que é matriz e nascimento, a morte em nosso barro.

Luvis foi um excelente jornalista, um militante revolucionário, um amigo leal,

um fervoroso admirador da Revolução Cubana, mas talvez possamos sintetizar todos esses matizes dizendo que foi um excepcional homem do povo, com os atributos de simplicidade e modéstia, de paixão e generosidade, de capacidade de afeto e de trabalho, alegria e coragem, eficiência e responsabilidade que resumem de certa maneira o melhor de nosso povo.

Nele conviviam dois traços complementares que nem sempre coexistem no exilado; por um lado, olhos e ouvidos indeclinavelmente atentos aos sofrimentos e às lutas, aos rumores e às imagens da pátria distante e, por outro, a ampla capacidade de ser útil posta a serviço da fecunda integração em Cuba, cuja revolução compreendia, defendia e queria como se fosse a própria, sabendo de algum modo que era a dele, era a nossa.

Com todas as frustrações e amarguras, o exílio nunca foi para ele um motivo e muito menos um pretexto para autoconfinamento e solidão. Sabia que a melhor fórmula contra o açoite do exílio é a integração na comunidade que acolhe o exilado e assim, firme em sua convicção, trabalhou com desembaraço e alegria, quase como um cubano mas sem nunca deixar de ser plenamente uruguaio.

Recordemos que entre os lugares comuns que cercam o negócio da morte no mundo capitalista, fala-se frequentemente da "última morada". Sem dúvida para um companheiro como Luvis, a morada em que o deixamos hoje será a penúltima, já que a última estará sempre em nós, em nosso afeto, em nossa lembrança. E será uma morada de portas abertas e janelas para o céu.

Só assim venceremos essa morte que parece sem regresso. E haveremos de vencê-la porque ninguém duvida de que Luvis regressará com aqueles de nós que conseguirmos voltar um dia à terrinha. Regressará em nossos corações, em nossa memória, em nossas vidas. Corações, memória e vidas que serão consideravelmente melhores pelo simples fato de retornarem com tão honesto e leal, tão digno e generoso, tão simples e veraz homem do povo.

Feridos e contundidos (Verdade e prorrogação)

Na última hora da tarde foi ver o sogro. Fazia uns quinze dias que não o visitava. O único problema era que seus horários não coincidiam.

— Caramba, caramba! — disse dom Rafael depois de beijá-la. — Deve ter acontecido algo de muito grave para você vir me ver.

— Por que está dizendo isso? Sabe bem que gosto muito de conversar com você.

— Eu também gosto de conversar com você. Mas você só vem quando está com problemas.

— Pode ser. Peço que me perdoe.

— Não se chateie. Venha quando quiser, com ou sem problemas. E minha neta?

— Um pouco resfriada, mas em geral bem. Nos últimos meses tem conseguido boas notas na escola.

— É inteligente, mas além disso é esperta. Digamos que puxou o avô. Não a trouxe por causa do resfriado?

— Um pouco por isso, mas também porque queria lhe falar a sós.

— Bem que adivinhei, viu só? Pois bem, qual é o problema?

Graciela sentou no sofá verde, quase se jogou nele. Olhou lenta e detidamente para o aposento levemente desordenado, aquele apartamento de velho solitário, e sorriu com tristeza.

— É difícil para mim começar. Sobretudo porque é o senhor. E no entanto é o único com quem quero falar sobre isso.

— Santiago?

— Sim. Melhor dizendo: sim e não. O tema paralelo é Santiago, mas o central sou eu.

— Veja só como são egocêntricas as mulheres.

— Não somente as mulheres. Mas falando sério, Rafael, o tema específico talvez seja Santiago e eu.

O sogro sentou-se também, mas na cadeira de balanço. Seus olhos ensombreceram-se um pouco, mas antes de falar se balançou um par de vezes.

— O que é que não vai bem?

— Eu não vou bem.

O sogro pareceu disposto a cortar caminho.

— Deixou de amá-lo?

Evidentemente Graciela não estava preparada para entrar tão abruptamente no assunto. Ele emitiu um som pouco menos que gutural e depois bufou.

— Fique calma, mulher.

— Não consigo. Olhe como minhas mãos estão tremendo.

— Se lhe servir para alguma coisa, posso dizer que já sentia que algo assim estava para acontecer há alguns meses. De modo que não vou me assustar com nada.

— Sentia que algo ia acontecer? Então dava para notar?

— Não, mocinha. Não se nota assim, em geral. Eu notei simplesmente porque a conheço há muitos anos e além do mais sou o pai de Santiago.

Graciela tinha diante dela uma boa reprodução do *Fumante*, de Cézanne. Tinha visto aquela imagem tranquilamente umas cem vezes, mas sentiu de repente que não conseguia suportar aquele olhar, que lhe parecia oblíquo. Em outras tardes e em outras penumbras o olhar do Fumante lhe pareceu perdido em divagações, mas agora, ao contrário, teve a impressão de que olhava para ela. Talvez tudo viesse daquele cachimbo, sustentado na boca de modo muito semelhante ao de Santiago. Então desviou os olhos e fitou suavemente o sogro.

— Vai achar que é uma loucura, uma insensatez. Posso adiantar que eu também penso assim.

— Na minha idade nada parece loucura. Acabamos por nos acostumar aos inesperados, aos repentes, aos impulsos. A começar pelos próprios.

Graciela pareceu animar-se. Abriu a bolsa, tirou um cigarro e acendeu. Ofereceu o maço a dom Rafael.

— Obrigado, mas não. Faz seis meses que não fumo. Não tinha percebido?

— E parou por quê?

— Problemas de circulação, mas nada sério. No fim das contas, foi bom. No começo era desesperador, sobretudo depois das refeições. Agora já me acostumei.

Graciela aspirou lentamente a fumaça, e ao que parece isso lhe deu coragem.

— Perguntou-me se deixei de amar Santiago. Tanto se lhe disser que sim, quanto se lhe disser que não estarei distorcendo a verdade.

— Parece que a coisa é complicada, não?

— Um pouco. É claro que num certo sentido continuo a amá-lo, entre outras coisas porque Santiago não fez nada para que eu deixasse de amá-lo. Sabe melhor que ninguém como ele tem se comportado. E não somente em suas

lealdades políticas, militantes. No pessoal também. Sempre foi muito bom comigo.

— E então?

— Então eu continuo a gostar dele como se gosta de um amigo maravilhoso, de um companheiro de comportamento impecável que, por outro lado, não é nada mais nada menos do que o pai de Beatriz.

— Porém...

— Porém, como mulher, deixei de amá-lo. No sentido em que não sinto necessidade dele, entende?

— Claro que entendo. Não sou tão tapado. Além do mais, você explicou com muita clareza e com muita convicção.

— Como poderia resumir? Talvez falando abertamente. E espero que possa me perdoar. Não gostaria de ter que dormir com ele de novo. Parece horrível, não é mesmo?

— Não, não parece horrível. Parece triste, talvez, mas a verdade é que ultimamente o mundo não é uma festa.

— Se Santiago não estivesse preso, não seria tão grave. Seria simplesmente o que acontece com tanta gente. Poderíamos falar do assunto, discutir. Tenho certeza de que Santiago acabaria entendendo, mesmo que minha decisão o amargurasse ou decepcionasse. Mas ele está na prisão.

— Sim, está na prisão.

— E isso faz com que eu me sinta acercada. Ele está preso lá, mas eu também estou aprisionada em uma situação.

O telefone tocou. Graciela fez um gesto de irritação: a campainha destruía o clima de comunicação, estragava a confidência. O sogro saiu da cadeira de balanço e tirou o fone do gancho.

— Não, no momento não estou sozinho. Mas venha amanhã. Quero muito vê-la. Sim, de verdade. Não estou sozinho, mas não é uma presença que possa preocupá-la. Bem, estarei esperando à tardinha. Às sete, está bem para você? Tchau.

O sogro desligou e voltou a se instalar na cadeira. Olhou para Graciela, avaliou sua expressão de surpresa e não teve outro remédio senão sorrir.

— Bem, estou velho mas nem tanto. E além do mais, a solidão completa é muito dura.

— Fiquei um pouco surpresa, mas alegre, Rafael. Também me deu um pouco de vergonha. Estamos sempre atentos demais a nossos próprios umbigos, parece que os nossos são os únicos problemas importantes. Nem sempre nos

damos conta de que os outros também têm os seus.

— Devo dizer que não chamaria isso propriamente de problema. Não é uma moça, sabe? Embora seja bem mais jovem que eu. Isso sempre estimula. E também é boa gente. Ainda não sei quanto vai durar, mas por agora me parece muito bom. Confidência por confidência, direi que estou me sentindo menos inseguro, mais otimista, com mais vontade de seguir vivendo.

— Fico contente, de verdade.

— Sim, sei que está sendo sincera.

O sogro esticou o braço para uma portinha da estante de livros, abriu e tirou uma garrafa e dois copos.

— Quer um trago?

— Sim, cairia bem.

Antes de beber, olharam-se e Graciela sorriu.

— Com sua inesperada história quase me fez esquecer a minha.

— Não acredito.

— Estou brincando. Como posso esquecer?

— É só isso mesmo, Graciela? Não ir mais para a cama com Santiago quando ele sair algum dia da Prisão? É simplesmente isso ou tem mais?

— No início não tinha. Era apenas o afastamento, na realidade, *meu* afastamento. Descartar uma futura relação conjugal com Santiago.

— E agora?

— Agora é diferente. Acho que estou começando a me apaixonar.

— Ah...

— Disse que acho que estou começando.

— Olhe, se admite que está começando é porque já se apaixonou.

— Pode ser, mas não tenho certeza. Você o conhece. É Rolando.

— E ele?

— É difícil para ele também. Sempre foram bons amigos, ele e Santiago. Não pense que não percebo que isso é uma complicação a mais.

— Escolheu o caminho mais difícil, hein!

— É verdade. Demais.

— E o que vai fazer? O que já fez? Escreveu para Santiago?

— Este é fundamentalmente o motivo pelo qual vim vê-lo. Não sei o que fazer. Por um lado, Santiago continua me escrevendo cartas apaixonadas e sei que é sincero. E eu me sinto uma cretina quando tento responder à altura. Por outro, acho pavoroso que um belo dia ele receba, lá em Liberdade, preso entre quatro paredes, uma carta minha (estou certa de que o sadismo dos milicos faria

com que a entregassem imediatamente) dizendo que não quero mais ser sua mulher e, para culminar, que estou apaixonada por um de seus melhores amigos. Há dias em que concluo que, apesar dos pesares, é necessário que lhe escreva de uma vez por todas, e outros em que digo a mim mesma que seria apenas uma crueldade inútil.

— É penoso, não?

— Sim.

— Tendo a pensar que o mero fato de lhe contar seria o que você disse por último: uma crueldade inútil. Você e Beatriz são para Santiago a razão de sua vida.

— E você?

— Eu sou o pai. É outra coisa. Os pais vêm de presente, ninguém pode escolhê-los. A mulher e os filhos são adquiridos num ato de vontade, de decisão própria. Santiago gosta de mim, claro, e eu dele, mas sempre houve entre nós uma certa distância. Com sua mãe era diferente. Ela sim conseguiu estabelecer com Santiago uma boa comunicação, e sua morte foi uma catástrofe difícil de assimilar para ele. Claro que tinha quinze anos na época. Mas, como ia dizendo, para ele, lá onde está, você e Beatriz são o futuro; a curto ou médio prazo, não importa. Ele pensa que algum dia virá se juntar a vocês duas e tudo vai recomeçar.

— Sim, é o que ele pensa.

— É bem verdade, como você disse, que se ele não estivesse preso tudo isso seria triste, porém mais normal. A separação de um casal nunca é uma coisa boa, mas às vezes uma continuidade forçada pode ser muito pior.

— O que me aconselha, Rafael?

O sogro vira o copo e acaba com o uísque que tinha se servido. Agora é ele quem suspira.

— Meter-se na vida dos outros é sempre uma imprudência.

— Mas Santiago é seu filho.

— E você também é um pouco minha filha.

— É como eu me sinto.

— Eu sei. Mas fica ainda mais complicado.

O telefone toca outra vez, mas o sogro não levanta o fone.

— Não se preocupe, não é Lydia. Já tinha dito o seu nome? Quem liga sempre a essa hora é um chato. Um aluno que faz consultas intermináveis sobre bibliografia.

Ao que tudo indica, o aluno é perseverante ou turrão ou as duas coisas, pois

o telefone continua a tocar. Finalmente, volta o silêncio.

— Já que está perguntando, eu seria favorável a que não lhe dissesse nada, ou seja, a que continue fingindo. Sei que isso faz com que se sinta mal. Mas tem que pensar que você está livre. Tem outros motivos de interesse e afeição. Ele, em compensação, só tem quatro paredes e algumas grades. Dizer a verdade seria destruí-lo. Não quero que meu filho se destrua justamente agora, quando conseguiu sobreviver a tantas calamidades. Algum dia, quando sair (se é que vai sair) poderá lhe contar com todas as letras e enfrentar também a sua amargura. E quando essa ocasião chegar, posso autorizá-la a dizer que fui eu quem a aconselhou o silêncio. No começo ficará furioso, explodirá como em seus melhores tempos, talvez chore, talvez pense que o mundo está vindo abaixo. Mas então já não estará entre quatro paredes, estará longe das grades e terá também, como você agora, outros motivos de interesse e afeição. Bem, essa é a minha opinião. Foi você quem pediu.

— Sim, pedi mesmo.

— E o que acha?

Agora o sogro parecia mais ansioso e nervoso que ela. Quando inclinou novamente a garrafa, percebeu que a mão que a segurava tremia um pouco. Graciela também percebeu.

— Fique calmo — disse, parodiando-o. Ele relaxou e riu, mas sem muita vontade. — Talvez seja o melhor mesmo. Ou pelo menos a única coisa sensata a fazer.

— Compreendo que nenhuma solução é totalmente aceitável. E sabe por que não? Porque a única coisa realmente inaceitável é a situação que Santiago está vivendo.

— Acho que vou seguir o seu conselho. Continuarei fingindo.

— Além disso, o futuro pode trazer surpresas. Para todos. Assim como não sente necessidade dele hoje, pode voltar a sentir.

— Pensa que sou muito inconstante, não, Rafael?

— Não. Penso que todos nós, os que estamos aqui e os que estão em outras partes, vivemos um desajuste. Uns mais, outros menos, nos esforçamos para nos organizar, para começar de novo, para botar um pouco de ordem em nossos sentimentos, em nossas relações, em nossas saudades. Mas assim que nos descuidamos, ressurge o caos. E cada recaída no caos (perdoe-me a redundância) é mais caótica.

Graciela fechou os olhos por um instante. O sogro fitou-a, intrigado. Talvez tivesse medo de que desandasse a chorar. Mas ela voltou a abri-los e só estavam

levemente úmidos ou apenas um pouco brilhantes. Olhou atentamente para o copo vazio que ainda tinha na mão e estendeu-o a dom Rafael.

— Pode me dar outro?

Dom Rafael (Notícias de Emilio)

Sinto-me como se estivesse esgotado, perdido. Como ofegante, mas sem ofegar. Como quem vivenciou a paternidade de forma miserável e primária. Como se me visse de longe num escaparate (já quase perdi o hábito de dizer vitrine) e minha própria imagem fosse a de um manequim no qual, para torná-lo ainda mais ridículo, só tivessem deixado uma gravata. Felizmente, parece que convenci Graciela, mas e eu, estou mesmo convencido? A hipocrisia é um vício, mas não estou muito convencido de que a franqueza seja uma virtude. Quero ser realista, quero ser amplo, quero ser flexível, quero ser contemporâneo. O foda é que além de tudo sou pai. Ou seja, quando Santiago finalmente sair de sua prisão (o advogado acabou de mandar uma carta bastante esperançosa), uma outra o espera aqui. Ver Graciela através das grades de um amor alheio. Pegar Beatriz nos fins de semana e levá-la ao zoológico e aos parques e algumas vezes ao cinema e perguntar muito poucas coisas que possam ser comprometedoras, pois cada resposta, por mais cândida que seja, lhe trará um desassossego, o levará a uma especulação. E mais: tratar Rolando como o quê, agora? O velho companheiro de militância e até de cela ou o homem que está dormindo com sua mulher? O que se passa, senhores, com meu filho? Sei o que possui e até o que lhe sobra, mas a pergunta hoje é o que lhe falta. Qual foi a carência dessa história? Não me custa imaginar as características que fazem com que as pessoas gostem dele, mas me declaro nulo acerca dos pontos que o conduzem ao desamor. Que carência herdou de mim ou de sua mãe? Preciso encontrá-la. Tenho que encontrar esse filho verdadeiro que por acaso ainda não sei quem é. Precisamente hoje desempoerei a carta clandestina, a única que (ainda ignoro qual foi o insólito canal) pôde enviar, até agora, com garantia total de que não passaria pela censura carcerária. E estranhamente essa carta singular foi endereçada a mim e não a Graciela. “Imagine, Velho, que confio tanto nesse *correio* que resolvi lhe dizer as imprudências que lerá. Tenho que mandar sinais daqui dessas paragens para alguém e a quem mais senão você? Tenho que mandar sinais para não me desarmar, para não me reduzir a pedaços. Não se aflija: é uma metáfora. Mas de alguma maneira traduz uma sensação, não? Vamos logo esclarecer as coisas: não tenha medo de que eu tenha falado ou delatado alguém. Isso não. Há algumas coisas que você me ensinou e essa é uma

das que aprendi. Ah, mas tampouco sou um herói. Ficaria espantado se lhe dissesse que ainda não sei se me calei por convicção ou por cálculo? Sim, por cálculo. Sempre observei que enquanto se nega tudo, se você se obstina em dizer que não e não com a cabeça, com as mãos, com os lábios, com os olhos, com a garganta, os caras enchem você de porrada da mesma maneira, claro, mas às vezes dá para notar que, no fundo, suspeitam que está mesmo dizendo a verdade, ou seja, que não sabe nada de nada; ah, mas em troca se você fraqueja e diz uma coisinha de nada, uma babaquice que não lhes sirva para nada e com a qual você não fode ninguém, então a atitude muda, pois a partir desse momento acreditam que sabe muito, muito mais, e aí sim arrebentam você, ficam encarniçados. Se você nega permanentemente, vão arrebentá-lo, é lógico, mas também é possível que a partir de certo dia o deixem tranquilo, pois talvez se convençam de que, efetivamente, não sabe nada. Mas se disser alguma coisa, um dado mínimo que seja, então nunca vão deixá-lo tranquilo. No máximo abandonam você por um tempo, para depois voltar à carga. Ficam obcecados em extrair-lhe o resto. Por isso repito que não sei se calei por convicção ou por cálculo. Talvez seja pelo último. Mas no fundo são defesas que a pessoa vai criando. De todo modo, estou bem, pois ninguém caiu por um vacilo meu. Mas não é disso que queria falar. Sabe qual tem sido a argumentação do advogado, de que não matei ninguém, certo? Pois matei. E não vá ter um enfarte, hein? Ninguém sabe disso, nem o advogado, nem meus companheiros, nem Graciela, ninguém. Só você vai ficar sabendo agora, e vai saber porque preciso tirar esse peso de cima de mim. Pode imaginar o risco que corro colocando tudo aqui preto no branco, por maior que seja a segurança do *correio*, mas faço isso porque não consigo carregar isso sozinho. Conto. Fazia uns dez dias que estava no *enterradero*, um dos muitos. Tinha passado os últimos dias sozinho no apartamento, sem sair nunca para a rua, comendo exclusivamente enlatados, lendo algum romance policial, ouvindo rádio de pilha, mas só com fones para não chamar atenção. De dia as persianas ficavam fechadas, de noite também, é claro, mas sem acender luz alguma. Era preciso manter o aspecto de casa desabitada. A grande vantagem desse *enterradero* era que tinha saída para duas ruas distintas, e isso, em meio a tudo, me dava certa segurança, porque a segunda saída estava bem oculta, no final de um corredor para o qual davam vários apartamentos. A maioria eram quitinetes, de modo que o movimento era pequeno e isso também ajudava. Mas eu dormia com um olho aberto e, certa noite, ruídos leves e passos quase imperceptíveis fizeram com que abrisse o olho número dois. Tive a impressão de que vinham do jardinzinho em frente. Olhei por entre as persianas e vi uma sombra que se

balançava, mas não consegui distinguir se era de um sujeito ou de um pinheiro meio anão que ficava no segundo canteiro. Fiquei imóvel, mas de repente tive a intuição de que alguém se movia dentro de casa. Pensando agora, acho que eles estavam tão certos de que não havia ninguém ali que se descuidaram um pouco das normas de segurança. Tenho, além disso, a impressão de que eram poucos, só três ou quatro, e de que tinham se aproximado do apartamento não porque soubessem de algo, mas porque naquela altura suspeitavam de tudo. Então uma lanterna iluminou-me, passou-se um minuto que foi uma eternidade para mim e uma voz disse bem baixinho: Santiago, o que está fazendo aqui? No começo pensei em algum companheiro, mas não podia ser, eles me conheciam por outro nome, mas em seguida o homem afastou um pouco a lanterna que me ofuscava e pude ver, primeiro o uniforme, depois a arma que empunhava e por último o rosto. Sabe quem era? Segure-se, Velho. Era Emilio. Sim, esse mesmo, o filho de tia Ana, seu sobrinho. Não tem ideia do desfile de imagens que passam pela cabeça de uma pessoa num momento desses. Dispunha de pouca margem para tomar decisões: a bem dizer, era ele quem dominava a situação, pois eu não tinha condições de alcançar minha arma. No jardinzinho ouviam-se passos, pequenos ruídos. Ele voltou a falar: Santiago, entregue-se, é melhor, não podia imaginar que estivesse nessa, mas se renda. E olhava a arma, não a sua, mas a minha, a que eu não conseguia alcançar. Eu também não imaginava que estivesse nessa, Emilio. Ambos falávamos em sussurros. Tantos anos sem nos vermos, murmurou. Má hora para nos encontrarmos, não?, sussurrei. E de repente tomei uma decisão instantânea. Juntei os dois punhos e inclinei-me para ele, como se entregasse os pulsos para que os algemasse. Está bem, eu me rendo. E ele confiou. Não teria confiado em nenhum outro. Deixou que me aproximasse e tenho a impressão de que até baixou a arma. Não sei agora que movimento vertiginoso fiz, mas o certo é que três segundos mais tarde essas duas mãos minhas que iam ser algemadas apertavam seu pescoço e continuaram apertando até que ficasse imóvel. Não sei como pôde acontecer tão silenciosamente. As sombras continuavam a se mover no jardinzinho, mas também não falavam, o que era compreensível, não podiam revelar sua presença sem mais nem menos. Eu estava descalço, mas vestido, sempre dormia vestido. Caminhei o mais rápido que pude para a segunda saída, recolhendo na passagem um par de alpargatas que estava numa cadeira. Cheguei à porta da outra rua, a que dava para o corredor dos quitinetes. Não havia persianas nem postigos, ou seja, tinha simplesmente que arriscar, e arrisquei. Saí e não havia ninguém. Eram três da madrugada. Avancei dez metros sem correr, e de repente o vi e mal pude

acreditar: um ônibus avançava lentamente, com apenas dois passageiros, um desses velhos ônibus da Cutcsa [11] com plataforma aberta. Subi num salto. Meia hora depois desci na praça Independência. Os jornais nunca mencionaram essa minioperação frustrada, nem o nome de Emilio apareceu como uma das nobres vítimas da subversão assassina. Só o aviso fúnebre. E nós (você, eu, Graciela etc.) entre os viúvos que participavam com profunda dor o seu falecimento. Talvez você tenha ido ao velório. Eu não, claro, embora por um momento tenha ficado tentado. Mas a essa altura dos acontecimentos já estava muito queimado. Um ano depois, quando nos pegaram na batida de Villa Muñoz, submeteram-me a centenas de interrogatórios, espancaram-me bastante, mas nunca perguntaram nada sobre isso. Por que não se deram conta do fato? Nunca saberei. A verdade é que ninguém na família sabia que Emilio era cana. Mas se sua profissão era tão misteriosa, por que usava uniforme? Deve estar se perguntando por que despejo tudo isso em cima de você. Conto porque nunca me livrei dessa ação, embora tenha sido inevitável para mim. Preconceito pequeno-burguês? Talvez. É minha única morte, que ironia. Estive em mais de um confronto e em várias ocasiões estiveram a ponto de acabar comigo, e eu também estive a ponto de liquidar alguém, mas parece que minha pontaria deixa um pouco a desejar. Não tenho nenhuma outra morte a creditar (ou será debitar?). Qual é o problema? Que a primeira não se apaga. Nem se apagam as minhas mãos crispadas apertando seu pescoço. Sonho com ele duas ou três vezes por mês, mas nunca no ato de matá-lo. Não são pesadelos. Sonho com um passo longínquo, quando ambos éramos pequenos (ele tinha um ano a mais, não?) e jogávamos futebol no campinho atrás da igreja ou durante os meses de férias quando íamos ao Prado, na hora da sesta, enquanto vocês adultos sucumbiam à sonolência, nós nos sentíamos particularmente livres e nos estendíamos na grama ou no colchão de folhas secas e divagávamos, divagávamos e fazíamos projetos nos quais estaríamos sempre juntos e viajando, mas de barco porque os aviões nos davam medo e além do mais, na coberta do barco, dizia Emilio, poderíamos pular carniça ou jogar cinco-marias, enquanto nos aviões isso era proibido pelas aeromoças, e continuávamos divagando e ele ia ser engenheiro, porque gosto de regra de três composta, dizia, e eu ia ser músico porque gostava de tocar *La Cumparsita* soprando num papel de cigarro através de um pente, e também falávamos de vocês, os velhos, e ele decretava, não nos entendem porque não querem, e fixamos a fronteira dos quatorze anos para escaparmos definitivamente de nossas casas, começando assim o volume de aventuras que tantas vezes construímos oralmente. É com esse Emilio que sonho e por isso não são pesadelos. O

pesadelo acontece quando acordo e vejo minhas mãos apertando o cangote que não era suave e fino como quando tínhamos oito nove dez, mas curto e maciço ou talvez tenha me parecido assim por causa da gola do uniforme. Em várias ocasiões, aqui na prisão ou antes, no quartel, seu nome veio à baila, mas ninguém sabia que era meu primo e todos concordavam que era um carrasco, um dos duríssimos, um canalha que gozava dando choque no cu ou nos colhões dos presos, e alguns sabem que morreu há algum tempo, mas ignoram em que circunstâncias e eu não esclareço nada quando alguém comenta tomara que não tenha sido de morte natural, tomara que tenham arrebentado o cérebro daquele filho da puta, sádico de merda e outros qualificativos igualmente elogiosos. De modo que não é exatamente um sentimento de culpa o que me desassossega às vezes, mas pensar que de alguma maneira enforquei minha infância naquela madrugada. E talvez me lembrar do olhar de confiança que tinha quando estendi os punhos unidos para que me algemasse. E talvez pensar hoje que naquele momento ele falou sussurrando por alguma razão. Quem sabe porque pensou que eu não estava sozinho na casa e ele não tinha o controle da situação, embora estivesse consciente de que a arma não estava a meu alcance. Ou para que os outros não me matassem por puro nervosismo ou por pura crueldade, pois afinal eu era seu primo Santiago e era melhor conseguir que eu me entregasse vivo e não me levar cadáver, imagine se algum dia a família ficasse sabendo de semelhante despropósito. Ou quem sabe porque todo o passado comum voltou de repente para ele também, com nossos devaneios na grama e no colchão de folhas, e isso o desconcertou, deixando-o sem ação. Ou quem sabe porque não foi assaltado tão rapidamente quanto eu pelas profundas diferenças ideológicas que agora nos colocavam frente a frente em uma batalha sem quartel e sem primos. Mas eu nunca tinha matado ninguém, Velho, e creio que essa primeira e única prova de fogo me marcou para sempre. Vai ver que isso quer dizer que sou um frouxo, embora tenha sido bastante forte em outras coisas. E digo mais: penso que não me sentiria assim se o tivesse matado a tiros num confronto. Sinto-me assim porque o matei desse outro modo, como direi, ignóbil, um pouco nefasto talvez, usando e abusando de seu assombro que era (se devo ser sincero, não consigo evitar de pensar nisso) um assombro afetivo. E embora eu saiba agora que se converteu num sujeito sinistro, numa pessoa sanguinária e sem escrúpulos, e todos digam, e eu também, que está melhor morto, o certo é que quando apertei seu pescoço com minhas mãos crispadas, ignorava tudo isso e matei-o simplesmente para sobreviver, a ele, que tinha devaneado comigo sobre um colchão de folhas e comigo tinha feito projetos comuns de fugas de sua casa

e da minha e de viagens de barco para jogar cinco-marias e pular carniça. São, como posso dizer?, dois valores distintos, duas identidades distintas, dois Emilios justapostos. Você me entende, Velho? Não conto nada a Graciela nem contarei porque ela não entenderia, pois tende a simplificar as coisas. Diria, fez muito bem, um carrasco a menos. Ou diria: como pôde fazer uma coisa dessas com seu primo? E não é uma coisa nem outra. É mais complicado, Velho, mais complicado. Mais uma coisa. Note bem que esta carta é uma oportunidade única (algum dia espero poder lhe contar como aconteceu esse inacreditável acaso) que certamente não se repetirá nunca mais. É impossível enviar uma resposta por essa mesma via ou por outra que seja tão digna de confiança. No entanto, você precisa me responder. Não é, Velho, não é verdade que vai responder? Terá que fazê-lo pela via normal, que passa infalivelmente pela censura carcerária. Teremos que nos limitar a apenas duas respostas possíveis, embora saibamos quantas nuanças podem existir entre uma coisa e outra. Anote, portanto. Se aceita a situação, não digo se aprova ou justifica, mas se pelo menos compreende, dê um jeito de fazer figurar, algumas linhas antes da despedida no final, a palavra *entendo*. Se ao contrário acha que se trata de algo abjeto e inadmissível, então dê um jeito de escrever *não entendo*. Certo? Tchau, Velho." Li aquela carta pelo menos dez vezes e esperei dois dias antes de começar a responder. Minha carta terminava assim: "Minha neta, que como segunda prioridade é também sua filha, linda e esperta como sempre, começou a estudar francês, o que me diz? Às vezes, quando vem me visitar, me põe a par de suas últimas francesices. Devo estar meio ruim do ouvido (os anos não passam em vão) ou talvez da memória, já que só a duras penas entendo quando recita, com o envernizado sotaque da Alliance, alguns contos de Perrault. Tchau, filho."

11 Companhia Uruguaia de Transportes Coletivos S/A. (N. da T.)

O outro (Embasbacado e tudo)

Para ele era uma sensação nova. E não é desagradável, mas vai ser. É certo, porém, que se meteu num atoleiro. Nunca tinha lhe acontecido isso com mulher alguma. Sempre tinha sido ele, Rolando Asuero, o dono da iniciativa, aquele que segurava as rédeas de cada relação, terminasse ou não na cama. E isso, sim, uma questão de princípios: que fosse provisório, com todos os dados e propósitos bem clarinhos, transparente como H2O, para que ninguém pudesse encurralá-lo com o certificado oral de uma promessa não cumprida. Como o Eclesiastes esqueceu de dizer: para não descumprir promessas, melhor não fazê-las. Felizmente, tinha que reconhecer, sempre encontrou mulheres fortes e bem dispostas, que aceitavam as regras do jogo logo de saída e que depois, quando ele acabava, desapareciam com um tchau cordial e até mais ver. Por outro lado, as donas ou escravas, esposas enfim, de seus amigos mais íntimos, sempre as tratou como irmãs e, embora lhes dedicasse de vez em quando uma olhadela incestuosa, nunca ia além do flerte bem-humorado de camaradagem, ainda que despertasse frequentemente a coqueteria inata das supracitadas. Olhadinhas incestuosas que não foram escassas, em tempos idos, para Graciela, que, lá em Solís, balneário afinal, quando botava o maiô de duas exíguas peças (não era um biquíni, sem dúvida, pois até aí não chegava o cauto liberalismo de Santiago Apóstolo) exibia uma figura ou palminho de cara ou corpo docente realmente dignos de consideração e êxtase, ah, mas nunca tinha ultrapassado a decorosa barreira do suspiro ou da admiração descaradamente visual por trás dos óculos escuros, é verdade que ocasionalmente estimuladas por algum comentário do mesmíssimo Santiago, que ao vê-la correr até a água como num comercial de TV, numa tarde de ondas por exemplo, murmurava como para si mesmo mas na verdade para os três, está linda a gata, hein?, provocando as brincadeiras ambíguas e risadinhas viris, é bom dizê-lo, dos outros casados e do único solteiro incorrigível, ou seja, ele, Rolando Asuero, a seu serviço e de sua senhora, frase célebre e nada ingênua que ele havia espetado, dez anos atrás, a um gerente-geral da empresa que imediatamente decidiu transformá-lo em ex-caixeiro.

Mas a Graciela de agora é outra coisa. E ele também está mudado. Como não? Primeiro foi a etapa política, com aqueles dois anos anteriores ao golpe que foram simplesmente do caralho. Quem você é, não é erótico? Linda e

substanciosa pergunta para se fazer à Esfinge, lacônica bisavó de Anwar El-Sadat. Ah, mas o difícil é ser simplesmente erótico em épocas de memoráveis patriotadas. Naquele renhido biênio, às vezes não se conseguia um catre nem mesmo para dormir decentemente, quanto mais para outras atividades. E depois a maldita cana, com seus capitulozinhos de plantões, choques, submarino e outras delikatessen. Aí sim que a banda toca incansavelmente. Você fabricará resignações, como não, e depois nem se lembrará, pois de noite, quando nem sequer a barata nossa de cada dia comparece como testemunha, vai enfiar a cabeça na paródia de travesseiro e soltar a franga até se desidratar de tanta lágrima (TH, ou seja, tango *habemus*: *transtornado em minha tristeza*, ah, mas nunca: *se fui frouxo, se fui cego*).[12] Sim, a Graciela de agora é outra coisa. Em primeiro lugar, mais mulher, e em segundo, mais confusa, talvez como consequência dessa maturidade. Como corpo (e como alma também, não sejamos dogmáticos) amadureceu notória e maravilhosamente, e vê-la, por exemplo, aproximar-se devagarinho pela calçada florida que leva a seu edifício (ele, como tantas outras vezes, esperando na porta) gera lindas expectativas nem sempre confirmadas. Está um pouco confusa, por certo, embora talvez o mais correto fosse dizer desorientada. E no centro vital da turbulência: Santiago. Santiago na Prisão, sem poder se defender nem atacar, sozinho com sua melancolia e seu acervo cultural, que terminologia, hein, e além disso que situação. Rolando chegou ao diagnóstico preliminar de que Graciela é uma mulher que não se dá bem com a distância e foi aí que, sem ter culpa no cartório, o pobre Santiago perdeu pontos. Mas daí a imaginar que ele, Rolando Asuero, teria um papel a desempenhar nessa história, há uma boa diferença. Não sabe. Ainda não sabe. Embora pouco a pouco vá se dando conta. Gosta de Graciela, é preciso descontá-lo e/ou impugná-lo. Mas reconhece que em várias ocasiões, quando ela falava de suas *teias de aranhas* ou dos estados alternados de ânimo e desânimo, tinha realizado sóbrios avanços, lançado indiretas abusivas, oferecido ajuda, digamos, fraterna e pouco a pouco, talvez sem querer, tinha semeado veladas mas concretas alusões a seu interesse afetivo por ela ou, melhor ainda, à atração que sentia por ela. E claro, nessa fase ambígua, com seus sentimentos e emoções em franca revolução e revisão, Graciela era receptiva como uma esponja. E com certeza tinha captado aqueles movimentos cautelosos, prudentes. E um dia, de repente, no meio de uma dessas conversas equívocas, de equilibrista, ela se saiu com aquela de não sinto necessidade de Santiago, ele me abandonou; e ele compreensivo, não Graciela não abandonou, mas foi levado embora; e ela, é absurdo ou será que o exílio me transformou em outra; e ele,

acaso não continua a partilhar a posição política de Santiago; e ela, claro, pois é a minha também; e ele, por fim, com a pergunta dos dez milhões, será que sonha com outros homens; e ela, refere-se a sonhar dormindo ou sonhar acordada; e ele, ambos; e ela, quando durmo não sonho com homem nenhum; e ele, e acordada; e ela, bem, acordada eu sonho, você vai rir, e aí deu uma parada, uma pausa não teatral mas apenas um breve silêncio para tomar fôlego e avaliar todo o peso do que ia acrescentar: sonho com você. Ele ficou embasbacado, sentiu um repentino mormaço nas orelhas e o próprio, ninguém menos que o tremendo pilantra e *don juán* de primeira, mordeu o lábio até sangrar, mas só foi notar horas depois. E ela tensa na frente dele, à espera de algo, não sabia exatamente o quê, mas tremendamente insegura pois, entre outras coisas, conjecturava que ele estaria se atormentando naquele momento com a palavra lealdade, lealdade ao amigo tão só num calabouço que por mais que estivesse limpo sempre estaria imundo, lealdade a um passado pesado e pisado e a uma moral não articulada mas vigente e a longuíssimas discussões até o amanhecer nas quais sempre estavam o Silvio, que já não está, e Manolo, que agora é técnico em eletrônica em Gotemburgo, e as esposas semialijadas pelo machismo-leninismo dos ilustres varões, mas participando de vez em quando com objeções óbvias, mas sobretudo preparando saladas churrascos nhoques empanadas milanesas doce de leite e lavando os pratos depois, enquanto eles faziam a sesta a bandeiras despregadas. Ficou embasbacado, ele, tão casanova e tão dado às putas, com a testa suada como um colegial seduzido por uma vedete do Maipo, e com uma comichão no tornozelo esquerdo, provavelmente uma reação alérgica diante do futuro nebuloso que se aproximava. Embasbacado e tudo, conseguiu balbuciar gragraciela não brinque com fofogo e até tentou levar o diálogo para o terreno da frivolidade, algo do tipo a carne é fraca e não cobiçar a mulher do próximo, tudo para tomar um pouco de fôlego, ah, mas ela manteve a expressão de austeridade intimidante, olhe que não estou brincando, isso é sério demais para mim, e ele, perdão Graciela, é a surpresa, você sabe, e a partir dessa frase de segundo ato de *vaudeville* portenho parou de gaguejar e de se sentir embasbacado para ficar definitivamente arrasado e mesmo assim conseguir murmurar é uma lástima que não possa responder pare de dizer loucuras, pois vejo em seus olhos que é terrivelmente sério e também é uma lástima que não possa dizer, olhe estou fora, pois estou dentro. E nem bem pronunciou esse *dentro*, pensou que tinha sido sincero e fatal, sincero porque esse era realmente o sentimento safári que começava a abrir caminho na selva de seu espanto, e fatal porque não lhe escapava que aquele *dentro* relativamente imprudente era algo assim como o

primeiro versículo de seu apocalipse pessoal. Mas já estava dito e sublinhado, e Graciela, que até então estava graciosamente pálida, coloriu-se de repente e suspirou como quem entra numa floricultura de luxo, e ele pensou que agora caberia estender-lhe a mão e, consequentemente, estendeu-a por sobre a mesinha de centro evitando habilmente o vaso sem cravos e o cinzeiro com guimbas, e ela ficou um momento, ou seja, quatro segundos vacilando e depois estendeu também a sua mão delgada que parecia de pianista e era de datilógrafa e essa acabou sendo a prova dos nove, pois afinal o contato foi suficientemente revelador e eles se olharam como quem se descobre. Em seguida, veio a longuíssima análise e a palavra lealdade saltando outra vez sobre o vaso sem flores e o cinzeiro com guimbas, detendo-se às vezes nos ásperos nós dos dedos dele e outras no fragrante decote dela, e Graciela, no momento mais atormentada do que feliz, eu compreendo que é uma situação injusta, mas a essa altura dos fatos não posso mentir para mim mesma e sei muitíssimo bem tudo o que devo a Santiago, mas evidentemente essa convicção não é um seguro vitalício contra o desapego conjugal, e Rolando, por seu lado, no momento mais desconcertado que feliz, vamos encarar com serenidade, como se Santiago estivesse presente em nosso diálogo, já que ele é uma parte indescartável da situação, vamos encarar como se Santiago realmente pudesse compreender e sobretudo tratando, em primeira instância, nós mesmos, de compreendê-lo. E assim falaram e fumaram durante um par de horas, quase sem se tocar, embaralhando soluções e resoluções, pegando com pinças a questão de Beatriz, ainda sem se atreverem a esmiuçar ou planejar o futuro, prometendo-se um tempo para se habituarem à ideia, prometendo-se de todo modo não fazer loucuras demais nem tampouco demasiadas prudências, e Rolando sentindo-se cada vez mais hipnotizado pelos verdíssimos olhos dela e pelas pernas dela e pela cintura dela, e Graciela evidentemente perturbando-se com tal reação que no entanto queria e esperava, e Rolando começando a apaixonar-se por essa perturbação, e Graciela de repente deslizando desarmada para um soluço nada premeditado e portanto persuasivo como poucos, e ele tomando seu rosto com ambas as mãos e notando, só então, no doce contato com os lábios dela, que, de tão zureta, tinha mordido os seus quando, uma hora antes, ela tinha dito sonho com você.

12 *Rechiflao en mi tristeza*: do tango *Mano a Mano*, de Carlos Gardel, José Razzano e Celedonio Flores; *si fui flojo, si fui ciego*: do tango *Cuesta abajo*, de Carlos Gardel e Alfredo Le Pera. (N. da T.)

Beatriz (A poluição)

Tio Rolando disse que essa cidade está ficando imbancável de tanta poluição que tem. Eu não disse nada, para não passar por burra, mas da frase inteira só entendi a palavra cidade. Depois fui ao dicionário e procurei a palavra IMBANCÁVEL e não achei. No domingo, quando fui visitar meu avô, perguntei o que queria dizer imbancável e ele riu e explicou de muitos bons modos que queria dizer insuportável. Aí sim entendi o significado, pois Graciela, ou seja, minha mãe, me diz às vezes, ou melhor, todo dia, por favor, Beatriz, por favor, às vezes você fica realmente insuportável. Precisamente nesse mesmo domingo ela me disse isso, mas dessa vez repetiu três vezes, por favor, por favor, por favor, Beatriz, às vezes você fica realmente insuportável, e eu, bem tranquila: você está querendo dizer que estou imbancável, e ela achou graça, mas não muita, mas me tirou do castigo, o que foi muito importante. A outra palavra, poluição, é bem mais difícil. Essa sim está no dicionário. Ele diz, POLUÇÃO: efusão de sêmen. O que será efusão e o que será sêmen. Procurei EFUSÃO e achei: derramamento de um líquido. Também achei SÊMEN e diz: germe, semente, líquido que serve para a reprodução. Ou seja, o que tio Rolando falou quer dizer o seguinte: essa cidade está ficando insuportável de tanto derramamento de sêmen. Também não entendi e assim que me encontrei com Rosita, minha amiga, falei do meu grave problema e de tudo o que dizia o dicionário. E ela: tenho impressão de que sêmen é uma palavra sexual, mas não sei o que quer dizer. Então prometeu que ia consultar sua prima Sandra, porque é mais velha e na escola dela tem aula de educação sexual. Quinta-feira ela veio me ver toda misteriosa: eu a conheço bem e quando tem algum mistério ela franze o nariz, mas como Graciela estava em casa, esperou com toda a paciência que fosse para a cozinha preparar empanadas milanesas para dizer, já descobri, sêmen é uma coisa que os homens grandes têm, não os meninos; e eu, então nós ainda não temos sêmen; e ela, não seja burra, nem agora nem nunca, só os homens têm sêmen quando são velhos, como o meu pai e o seu, o que está preso, nós, meninas, não teremos sêmen nem quando formos avós; e eu, que esquisito, hein; e ela, Sandra disse que todos nós, meninos e meninas, viemos do sêmen, pois é um líquido que contém bichinhos que se chamam espermatozoides, e Sandra estava muito feliz porque tinha aprendido na aula de

ontem que espermatozoide se escreve com zê. Quando Rosita foi embora, fiquei pensando e achei que tio Rolando talvez tenha querido dizer que a cidade estava insuportável de tantos espermatozoides (com zê) que tinha. De modo que fui falar outra vez com meu avô, porque ele sempre me entende e me ajuda, mas não demais, e quando contei o que tio Rolando tinha dito e perguntei se era certo que a cidade estava ficando imbancável porque tinha muitos espermatozoides, meu avô teve um ataque de riso tão grande que quase sufocou e tive que lhe dar um copo d'água e ele ficou todo vermelho e eu fiquei com medo de que tivesse um treco e eu sozinha naquela situação tão assustadora. Por sorte, ele foi se acalmando aos poucos e quando conseguiu falar disse, entre uma tosse e outra, que o que tio Rolando falou se referia à poluição, à contaminação atmosférica. Eu me senti ainda mais burra, mas em seguida ele explicou que a atmosfera era o ar, e como nesta cidade há muitas fábricas e automóveis toda essa fumaceira suja o ar, ou seja, a atmosfera, e isso é a maldita poluição e não polução, a do sêmen que vi no dicionário, e não devíamos respirá-la, mas como se não respiramos morremos do mesmo jeito, não temos outro remédio a não ser respirar toda essa porcaria. Disse a meu avô que tinha notado agora que meu pai tinha essa vantagenzinha lá onde estava preso, porque lá não havia muitas fábricas nem muitos automóveis porque os familiares dos presos políticos são pobres e não têm carro. Meu avô disse que sim, que eu tinha toda razão, e que devíamos sempre encontrar o lado bom das coisas. Então eu lhe dei um beijo muito grande e a barba me pinicou mais que das outras vezes e fui correndo procurar a Rosita, mas como na casa dela estava a mãe dela, que se chama Asunción, igualzinho à capital do Paraguai, nós duas esperamos com toda paciência até que ela fosse regar as plantas e eu também muito misteriosa: diga a sua prima Sandra que ela é muito mais burra do que você e eu, pois agora descobri tudo e nós não viemos do sêmen, mas da atmosfera.

Exílios (A acústica de Epidauro)

Quando se faz um ruído em Epidauro
Se escuta mais acima, entre as árvores
Em pleno ar.
Roberto Fernández Retamar

Estivemos em epidauro vinte e cinco anos depois de roberto
e também escutamos dos degraus mais altos
o riscar do fósforo que lá embaixo
era aceso pela guia, a mesma gordinha
que entre templo e templo
entre adarme socrático e pitadas de termópilas
contou como niarchos se ajeitava
para pagar apenas nove mil dracmas
digamos uns trezentos dólares de imposto por ano
e com sua jovem ênfase nos tinha anunciado
ante o assombro de cinco portenhos
especialistas em citações do astro da tv tato bores
a vitória próxima e seguríssima do socialista papandreu
estivemos portanto em epidauro respirando o ar transparente e seco
e contemplando os profusos imemoriais verdes
das árvores que deram e dão as costas ao teatro
e o rosto à pálida clareira
verde e ar provavelmente não muito alheios
aos que contemplou e respirou policleto o jovem
quando fazia seus cálculos de eternidade e enigma
e também eu desci ao centro mágico da orquestra
para que luz me tirasse a foto de praxe
em paragens de tão benquista e sólida memória
e de lá resolvi tentar a extraordinária acústica
e pensei olá líber olá héctor olá raúl olá jaime
devagarinho como quem risca um fósforo ou amassa um bilhete
e assim pude confirmar que a acústica era ótima

já que minhas sigilosas saudações não só se ouviram nos degraus
mas até lá em cima no ar com um só pássaro
e atravessaram o peloponeso e o jônico e o tirreno
e o mediterrâneo e o atlântico e a nostalgia
e por fim deslizaram por entre as grades
como uma brisa transparente e seca.

Intramuros (Uma mera possibilidade)

Ontem o advogado esteve aqui e me deu a entender que as coisas estão caminhando muito bem. Que não é improvável. Que talvez. Uma mera possibilidade, já sei. Mas devo reconhecer que me produziu uma comoção, creio que até uma taquicardia. Não é que alguma vez tenha perdido a esperança. Sempre soube que algum dia ia me encontrar com vocês novamente. Mas uma coisa é conjecturar que alguns anos terão que se passar antes que isso ocorra e outra bem diferente é que tal perspectiva ingresse de repente no campo do possível. Não quero alimentar ilusões. E, no entanto, as alimento, não posso evitar. É compreensível, não acha? Ainda anteontem admitia como provável a permanência aqui por vários anos e até fabriquei uma atitude mental para habituar-me a pagar esse dízimo, "a beijar o açoite", como dizia, lembra?, aquele padre saltenho com sua inflexão luciferina. Agora, em compensação, quando surge a possibilidade de que no máximo, de que talvez, de que porventura, de que quiçá seja um ano só ou até menos, é curioso que esse lapso tão mensurável em termos de resistência me pareça, sem a menor dúvida, bem mais insuportável do que o outro, extenso, quase infinito, ao qual de alguma maneira já tinha me resignado. Somos complicados, não? E você e o Velho, o que acham disso? Por enquanto não digam nada à pequerrucha, não quero que comece a construir ilusões para depois tudo acabar em frustração, algo que em seus verdes anos pode ser traumatizante. Só imaginar que posso vê-la em breve, digamos em um prazo alcançável, só isso já me arrepia todo. Ver você, ver o Velho, é outra coisa. Imagine se não os quero contemplar e abraçar. Falar longamente com vocês, que festa, santo deus. Mas com Beatriz me arrepio. Cinco anos sem ver um filho, sobretudo se é uma criança, significam uma eternidade. Cinco anos sem ver um adulto, por mais querido que seja, são simplesmente cinco anos e também é horrível. A mim, por exemplo, descobririam sem barriga alguma e com menos cabelo (não me refiro às razões do óbvio penteado local, mas a evidentes entradas que nada têm a ver com semelhante ortodoxia). Também tenho uma ou outra ausência incisiva e molar (e atenção que eu não disse *moral*, hein!). E o que mais? Bem, algumas sardas, novas pintas, alguma cicatriz. Como pode ver, me conheço de memória. O que acontece é que, numa circunstância como a que vivo, quase de monge cartuxo, o próprio corpo se transforma numa chave. E não por

narcisismo, mas porque durante horas e horas não se conta com nenhum outro sinal de vida à mão. De minha parte, sei que o Velho terá algum cabelo grisalho a mais. Mais rugas não, porque aquele velho ladino nasceu enrugado. Lembro que, quando menino, sempre me impressionaram os franzidos e as estrias que ele tinha junto aos olhos, na testa etc. Ao que parece, isso não o impedia de ter sucesso com as meninas. Acho que com a Velha ainda viva ele tinha lá seus casos. E como encontrarei você? Mais madura claro e, por isso, ainda mais linda. Às vezes, as angústias vividas deixam uma expressão de amargura; pelo menos era o que escreviam os romancistas do início do século. Os de agora não empregam floreios tão afetados, ah, porém esses rictos nunca saíram de moda; será que as amarguras continuam tão florescentes? Mas sei que você não tem desses rictos e, se tiver, eu a curarei deles. É provável, isso sim, que esteja mais séria, que não ria tão estrondosamente, tão primária e primaveril como antes. Mas também é certo que conservou e enriqueceu sua capacidade de alegria, sua vocação de eficácia. Se o que o advogado me deixou entrever efetivamente se realizar, não tenho a menor ideia de como (e se) poderei me unir a vocês. Quero dizer: ignoro se poderia nesse caso sair do país. Sei demasiadamente bem que, nesse aspecto, tudo será complicado, mas será sempre melhor do que essa separação, que nesse exato momento já nem sei se é injusta, absurda ou merecida. Preferiria viajar, claro, pois que família me resta aqui? Depois do falecimento de Emilio, só ficou tia Ana, mas não creio que tenha muita vontade de vê-la; afinal, nunca nem tentou me visitar. Dizem que está mais cheia de achaques que de costume, deve ser por isso. Quanto aos outros primos, não podem me ver por razões óbvias, nem penso, mesmo que saísse, que possa vê-los. Conseguir trabalho aqui seria muito difícil por vários motivos, de modo que insisto em que o melhor seria viajar, mas é prematuro conjecturar (com base apenas nos breves indícios que o doutor me deixou entrever) qualquer coisa sobre os detalhes. Enquanto isso, penso. E sobre coisas concretas. Diante dessa nova possibilidade, deixei imediatamente de fantasiar, de refugiar-me em lembranças, de reconstruir situações do balneário ou da casa, de reconhecer figuras e rostos nas manchas de umidade das paredes. Agora foco minha atenção em questões concretas: trabalho, estudo, vida familiar, projetos de naturezas diversas. Não seria nada mal se pudesse completar os estudos. Por que não vai verificando aí, na universidade, que matérias poderia revalidar e quais teria que fazer de novo? Se por uma eventualidade, sabe? E trabalho? Já sei que você tem um bom emprego, mas quero trabalhar o mais rápido possível. E não pense que é por machismo. Precisa entender simplesmente que trabalhei e estudei simultaneamente a vida

inteira, de modo que tenho esse costume e além do mais me agrada. Por que não vão pesquisando, você e o Velho, alguma possibilidade nesse sentido? Sabem bem o que sei fazer melhor, mas nessa altura dos fatos não posso pretender que o trabalho responda exatamente a meus conhecimentos ou a minha vocação. Posso fazer qualquer coisa, entende? Fisicamente estou bastante recuperado e com certeza acabarei de me recuperar aí, cuidando sempre, é claro, para que a barriga não volte. Sinto água na boca só de imaginar que poderia recuperar uma vida normal, uma vida com você e com Beatriz e com o Velho. Há quinze dias tenho alguém com quem compartilhar o espaço, um companheiro de quarto, digamos, que é muito boa gente, nos entendemos magnificamente. Claro que, com ele, não me atrevo a falar sobre minha nova perspectiva, simplesmente porque ele não a tem, pelo menos por agora, e se dou rédea solta a minha euforia (sempre com a íntima e inevitável desconfiança de que esteja padecendo de otimite aguda) temo provocar nele, mesmo que indiretamente, uma certa desesperança e dor. Todos somos muito generosos, aqui pelo menos aprendemos a sê-lo, sobretudo quando deixamos para trás a primeira etapa, que costuma ser egoísta, ensimesmada, arisca, até hipocondríaca; mas a generosidade também tem fronteiras, confins e extremos. Lembro perfeitamente que, há pouco mais de um ano, quando J. saiu, eu mesmo experimentei sentimentos desencontrados. Como não sentir alegria diante da realidade de que justamente ele, que é um sujeito excepcional, pudesse se reunir com a mulher e a mãe e trabalhar de novo e sentir-se outra vez plenamente humano. E no entanto sua ausência também me desalentou, em primeiro lugar porque J. é um sujeito incrível com quem compartilhar as vinte e quatro horas e depois porque sua ida revelava o rigor e a tristeza que me restavam. É curioso, mas o bom companheirismo não consiste sempre em falar ou ouvir, em contar vidas e mortes, amores e desamores, em narrar romances que lemos há muito tempo e que agora já não temos à mão, em discutir filosofia e seus meandros, em tirar conclusões de experiências passadas, em analisar e nos analisar ideologicamente, em intercambiar as respectivas infâncias ou, quando se pode, em jogar xadrez. O bom companheirismo consiste muitas vezes em calar, em respeitar o mutismo do outro, em compreender que é disso que o outro necessita naquela precisa e obscura jornada, e então envolvê-lo com nosso silêncio ou deixar que ele nos envolva com o seu, porém, e esse porém é fundamental, sem que nenhum dos dois o peça ou exija, mas que o outro compreenda por si mesmo, numa espontânea solidariedade. Às vezes uma boa relação de clausura ou reclusão, uma relação que pode se converter em amizade para sempre, constrói-se melhor com silêncios oportunos do que com

confidências intempestivas. Existem até mesmo pessoas que se sentem tão obrigadas a trocar peripécias autobiográficas que chegam a inventá-las. E não se trata sempre de mitômanos ou mentirosos, que também existem; às vezes inventa-se um episódio como uma deferência, como uma cortesia para com o companheiro, acreditando que com isso o estamos distraindo ou ajudando a esquecer o desamparo ou retirando-o de um poço de angústia, e com isso lhe estamos provocando saudades, acendendo suas memórias e até contagiando-o com o vírus da lembrança-ficção. Bicho raro o ser humano quando está condenado à sua própria solidão ou quando o castigo consiste em compará-la cotidianamente com as respectivas solidões de um ou dois ou três próximos, cuja proximidade nenhum deles escolheu. Não acredito (nem sequer depois desses últimos e duríssimos anos) quando o taciturno existencialista diz que o inferno são os outros, mas em compensação posso admitir que muitas vezes os outros não são exatamente o paraíso.

Feridos e contundidos (O adormecido)

À primeira hora da tarde, o silêncio está fora e está dentro. Graciela sabe o que vai encontrar se resolver olhar através das persianas. Não é somente o passeio dos floristas que está deserto, mas também os arredores: os canteiros, as ruas internas do condomínio, as janelas, as pequenas varandas do edifício B.

Os únicos habitantes móveis naquela hora são uns estranhos besouros que se apoiam zumbindo nas persianas, mas não conseguem entrar. A distância, bem a distância, soam de vez em quando, em ondas quase imperceptíveis, os gritos e as risadas de um colégio misto que fica a umas doze ou quinze quadras.

Então, por que se levanta para olhar através das persianas se sabe de antemão o que vai encontrar? Esse exterior é rotina e, ao contrário, no interior, na cama, por exemplo, há uma novidade.

Graciela apaga o cigarro apertando-o contra um cinzeiro na mesinha de cabeceira. Ergue-se um pouco, apoiando-se num cotovelo. Examina sua própria nudez e sente um calafrio, mas não faz nenhuma menção de recolher o lençol amontoado aos pés da cama.

Continua olhando para as persianas, mas sem que nada atraia seu interesse. Provavelmente é apenas uma maneira de dar as costas para o resto da cama, não como uma rejeição, mas antes como o adiamento de um prazer. E então, antes de se virar, antes de olhar, vai movendo lentamente a mão até pousá-la sobre a pele do adormecido.

A pele do adormecido estremece, um pouco à maneira dos cavalos quando tentam espantar as moscas. A mão não dá mostras de se importar e permanece ali, tenaz, até que aquela carne volta a serenar.

Em seguida, Graciela move seu corpo semilevantado a fim de confrontá-lo totalmente ao adormecido, e sem abandonar o arquipélago de sardas que a palma da mão cobre, ela o olha de cima a baixo e vice-versa, detendo-se em pontos, rincões, breves territórios que no curso das últimas horas foram ganhando suas preferências e perturbando sua bússola.

E se demora por exemplo no ombro maciço que horas antes acariciou com a orelha e a maçã do rosto; e no peito não muito peludo; e no umbigo estranho, como de criança, que a fita como um olho de assombro, movido indiretamente pelo compasso da respiração; e na cicatriz profunda no quadril, aquela que

fizeram num certo quartel que ele nunca menciona; e no veludo desordenado e meio ruivo do triângulo inferior; e no sexo mágico, agora em repouso depois de tanta faina; e nos testículos desiguais, pois o esquerdo nunca se recuperou e ficou meio pisado e contraído depois de tanto choque no quartel sem nome; e nas pernas bem trabalhadas do corredor de oitocentos com obstáculos que ele foi faz algum tempo; e nos pés toscos e grandes, de dedos longos e um pouco torcidos e uma unha a ponto de encravar-se.

Graciela retira a mão daquela orografia e aproxima a boca da outra boca. Nesse preciso instante, a dele, que talvez sonhe, esboça um sorriso e ela resolve afastar-se para vê-lo melhor, para imaginá-lo melhor até que o sorriso se transforma em suspiro ou ronco ou arpejo e vai esmorecendo até se converter outra vez em mera boca entreaberta. Ela afasta a sua, de lábios apertados.

Agora se estende de costas, com as mãos sob a nuca e olhando para o céu claro. Do exterior continua a chegar o silêncio e também a insistência dos besouros, mas já não se ouvem as risadas e os gritos do colégio misto.

Não é o colégio de Beatriz, nem tem o mesmo horário, mas Graciela levanta um braço até ver a hora no relógio digital, presente de seu sogro. Volta a colocar a mão sob a nuca e, em tom suave, para que o adormecido não acorde com um sobressalto, diz:

— Rolando.

O adormecido se move um pouco, estira lentamente uma perna e, sem abrir os olhos, pousa a mão sobre o ventre liso da mulher desperta.

— Rolando. Levante. Beatriz vai chegar daqui a uma hora.

O outro (Sombras e meias-luzes)

O pior de tudo era deixar o tempo passar sem ter chegado a um acordo sobre o futuro. Porque não importava quantas horas tinham conversado sobre o assunto nem quantas vezes se animaram a discuti-lo. Todos os argumentos e contra-argumentos acabavam caindo quando ele, Rolando Asuero, voltava a repetir o gesto já clássico, o do primeiro dia da criação, ou seja, segurar seu rosto com ambas as mãos e beijá-la com uma convicção que a cada novo ensaio ia se ajustando e amadurecendo e deixando um sedimento mais entranhado. E quando a despia com a mesma responsabilidade e o mesmo prazer da primeira vez, e ela se deixava acariciar e acariciava com uma alegria corporal que, ao iluminá-la, a transformava rapidamente de seduzida em sedutora, então se acabavam todas as humilhações e todas as dores de consciência e o colocar-se arbitrariamente no lugar do ausente. Nunca o faziam de noite, porque Graciela não queria que Beatriz soubesse antes de Santiago. Graciela não queria que sua filha convertesse, com seu olhar de espanto ou com seu ouvido involuntariamente atento, aquele ato translúcido em ar confinado, aquela necessidade mútua em enigma a ser decifrado. Por isso eles faziam de tarde, ele estava de acordo, enquanto a cidade fazia a sesta e só se ouvia o zumbido dos besouros que perambulavam no passeio dos floristas ou junto às persianas.

Graciela disse que essa hora imperiosa acabou com um preconceito antigo, mais arraigado em seus hábitos do que jamais pensou ou admitiu. Com Santiago, nunca tinha feito amor de tarde, porque exigia escuridão absoluta para a cerimônia, não queria que nada a distraísse do tato, já que o tato era para ela o sentido cardeal da união amorosa, e Santiago, que não estava de acordo com essa preponderância e exclusividade do tato, tinha, apesar disso, se resignado, embora de má vontade, a essa exigência que atribuía a um puritanismo mal digerido e ponto final, e sobretudo a sua educação em colégios de freiras. Contra o céu não há quem possa, dizia Santiago, para justificar o caráter irremediável de sua concessão. Mas Graciela sempre teve muito claro que as Irmãs não tinham culpa e que, de todo modo, a razão última residia nela mesma, num pudor obscuro do qual não se orgulhava. Por seu lado, Rolando se mostrava muito aberto e condescendente, mas na realidade não gostava nem um pouco desse reconhecimento tão pormenorizado daquelas noites alheias nuas, e só para se

vingar moderadamente desse mal-estar, perguntava como era antes de Santiago, e ela não se indignava, mas antes se envergonhava de confessar que antes de Santiago nada, e embarcava outra vez no liame de sombras e meias-luzes, e a prova você tem agora, porque fazendo amor como fizemos em plena hora da sesta e mesmo com as persianas fechadas a penumbra é tão luminosa que tudo fica bem à vista. Mas era tão poderoso o seu desejo de outro corpo, tão prioritário e tão terno o prazer de juntar-se a ele, que em nenhum momento ela tinha fincado pé em seu anacrônico culto do escuro, e não apenas tinha se distraído do tato, como tinha descoberto, quase sem perceber, o quanto a decisão de olhar o outro corpo em todas as suas manobras e rotinas e novas propostas enriquecia o tato, e o quanto ser olhada em todos os seus vales e musgos e colinas enriquecia o tato. Só depois do gozo e do relaxamento, quando ele, Rolando Asuero, acendia um cigarro e depois outro e o estendia para ela, só então, ou melhor, um pouco depois, quando voltava do banho e se enrodilhava contra ele, só então a questão do ausente voltava a se instalar entre eles, entre os dois corpos satisfeitos e cansados.

Ela falava e falava, dava voltas e mais voltas à situação, e chegava a dizer que nunca tinha sentido seu próprio corpo tanto quanto sentia agora, nunca tinha tirado tanto partido, não somente físico, mas também espiritual, de um fato que afinal não tinha tantas variantes assim (sobre isso Rolando não está muito de acordo, mas se limita a sorrir) e, sem dúvida, tal plenitude não a levava a fazer comparações, pois não queria afrontar a lembrança de Santiago, nem mesmo a lembrança de seu corpo (aqui Rolando deixa de sorrir), não queria de forma alguma obscurecer sua imagem, pois também não tinha direito de fazer isso, já que quando ela e Santiago faziam amor eles eram mais jovens, mais urgentes, mais vitais talvez (aqui Rolando franze o cenho), mas também mais inexperientes e, afinal de contas, o que sofreram em carne própria e alheia durante aqueles anos todos os tinha transformado em seres mais duros e ao mesmo tempo mais ternos, em homens e mulheres mais reais e ao mesmo tempo mais irreais, mais concretos e, no entanto, mais moldáveis pela imaginação, e tudo isso, todo esse desmoronamento de rituais e normas, toda essa contradição entre passado e presente, entre presente e futuro, toda essa chamejante objetividade, despojada de horóscopos (sorriso de Rolando com suspiro adicional) e melancolias, convertia-se de repente na única vantagem de uma triste história: ser menos mentirosos no trato recíproco, menos injustos na relação mútua, mais humanos de terceira classe, pois os de primeira e segunda já estavam ou já não eram mais ou talvez tivessem pertencido a estratos de fingimento e dissimulação.

Até que, da outra vez em que fizeram amor, quando ela recomeçava seu padre-nosso pós-afrodisíaco, Rolando apagou o cigarro e pegou o dela, apagando-o também, e tomou sem violência os seus cabelos soltos, deitou-a suavemente e trepou sem pressa naquele corpo assombrado e estremecido e depois de beijá-la junto à orelha disse simplesmente, Graciela não comece de novo, você e eu conhecemos a história inteira, então para quem a está contando?, ele é seu marido e eu sou amigo dele, e além do mais é um grande sujeito, mas não podemos continuar com esse pingue-pongue da consciência, entende, temos que decidir e aparentemente já o fizemos. Encontramos algo que nos importa muito e, portanto, vamos continuar juntos, com todos os problemas e desajustes que isso vai implicar. Os próximos capítulos serão duros, mas vamos seguir juntos. Você sabe disso e eu também. Então vamos deixar a questão de Santiago para quando ele estiver em condições de saber, de se adaptar à nova realidade. Você e dom Rafael resolveram não contar nada a ele enquanto estiver em cana. Eu não estou tão certo de que é o melhor, não se esqueça de que também estive preso e acho que sei como essas coisas são avaliadas lá de dentro, mas aceito essa decisão e aceito também minha responsabilidade na omissão. Sim, em que pese tudo isso, você continua a respeitar Santiago e eu também o respeito, mas não podemos continuar falando obsessivamente dele toda vez que fazemos amor. Continuará pensando, eu sei, e eu continuarei pensando também, cada um por sua conta e risco. Fez uma pausa, voltou a beijá-la e quando ele, Rolando Asuero, já estava no ponto, acrescentou como pôde: o simples fato de não triturar o assunto com palavras que se repetem e se gastam e nos desgastam, esse simples silêncio irá nos ajudar, irá nos ajudar a nos amarmos como somos realmente e não como teríamos a frágil obrigação de ser.

Exílios (Adeus e boas-vindas)

Holweide é um bairro de Colônia, na República Federal da Alemanha. Melhor chamá-la de Köln, para não confundir com a de Sacramento. Em Holweide, portanto, estabeleceu-se (em caráter provisório que já acumula sete anos) uma família uruguaia, quer dizer, Olga e seus três filhos, que em 1974 eram crianças e agora já são adolescentes. Família incompleta, pois o pai, David Cámpora, estava preso no Uruguai desde 1971. Para ganhar sua liberdade, obtida em 1980, foi decisivo o papel desempenhado pela escola onde estudam os três jovens: Ariel, Silvia, Pablo.

Segundo os Cámpora, "Holweide é um bairro proleta, um pedaço de povoado alemão. Tem de tudo: gente trabalhadora e excluídos sociais, praças de esportes, pequenos comércios, velhas simpáticas e velhas fofoqueiras, várias igrejas, um par de bancos, uma escola-piloto extremamente progressista, gente simples, enfim".

"A escola foi inaugurada", conta Olga, "justamente quando as crianças começaram a frequentá-la. Hoje, tem uns mil e duzentos alunos. Das atividades desenvolvidas para a libertação de David, participaram pais, professores, alunos, a diretora da escola e até o próprio Ministério da Educação, que reconheceu que para aquela escola os direitos humanos eram algo mais do que uma aula teórica. Criou-se uma Comissão Cámpora e nos reuníamos quinzenalmente para bolar novas atividades. Às vezes pensávamos que não havia mais nada a fazer, mas sempre surgia alguma ideia nova".

Foram feitos vários atos pelo Uruguai. No primeiro deles, a escola convocou uma assembleia de pais para informá-los sobre a situação de David e consultá-los acerca do que se podia fazer. "Esperávamos que viessem uns trinta", diz Olga, "mas, para nossa surpresa, apareceram quinhentos e daí surgiu a ideia de fazer uma manifestação diante da embaixada uruguaia. Contrataram ônibus, fizeram coletas e foi preciso até pagar um seguro para as crianças, já que a manifestação implicava transportá-las de Köln até Bonn. Algumas crianças contribuíram para o financiamento com parte de sua mesada. O custo total foi de 4.000 marcos e mais de 800 pessoas participaram. Isso representa muito aqui, sobretudo levando em conta que as crianças menores tinham que estar acompanhadas por seus pais ou trazer uma autorização por escrito. Assim começou uma bem nutrida série de atividades. Foram enviadas ao governo uruguaio 20.000 cartas, outras tantas assinaturas, e treze outras

escolas da cidade foram convencidas a participar. Foram publicados artigos na imprensa e o caso Cámpora foi ficando conhecido e, ao mesmo tempo, era encarado como uma coisa própria. Boas mães de família que nunca tinham distribuído um panfleto agora recolhiam assinaturas na rua e explicavam o que estava acontecendo no Uruguai. Alguns poucos diziam 'Se está preso, alguma coisa deve ter feito', mas constituíam realmente uma exceção".

Aquela solidária comunidade viveu todas as alternativas com a família, tanto as esperanças de libertação como as negativas categóricas da ditadura. "Por fim, e antes que o próprio David, ficamos sabendo que sua libertação era iminente, e a diretora da escola consultou-nos para decidir o que podíamos fazer quando ele chegasse, já que muitos pais queriam esperá-lo no aeroporto. Isso era claro: quem tanto tinha feito por sua liberdade tinha todo o direito de compartilhar de nossa alegria. Fui até Frankfurt para prevenir David, já que ele, por razões óbvias, ignorava a magnitude da mobilização. Em seguida, no aeroporto de Köln, 300 pessoas esperavam por ele: crianças com desenhos, flores e maçãs de presente e também muitas lágrimas."

Resolvemos, então, que faríamos uma grande festa na escola, assim "todos poderiam ver e tocar David, que era seu sucesso, sua conquista, o resultado de seu trabalho solidário. Antes foi preciso, é claro, recauchutá-lo".

A festa teve sua parte oratória. Falou a dra. Focke, 65 anos, da velha guarda da socialdemocracia: de certo modo, ela é algo assim como a garantia moral de David na Alemanha. "Na realidade", prossegue Olga, "é nossa madrinha protetora". Falaram também a diretora da escola, um representante dos pais ("operário da construção e um dos melhores amigos que temos aqui"), um aluno ("que se transformou num político brilhante") e uma representante dos professores. Em seguida, David devia agradecer em apenas cinco minutos, mas com a tradução (feita por Silvia, sua filha) chegou a oito. Finalmente, falaram um deputado, o prefeito da cidade e (como também foram convidados os vários grupos que trabalham pela América Latina) uma delegada da Frente Democrática Revolucionária salvadorenha. "E aí, enfim, começou o baile com uma orquestra integrada por trabalhadores italianos. No fim, grande arrasta-pé, com comida, bebida, prantos etc."

Estas são as palavras que David Cámpora pronunciou nesse 20 de março de 1981: "Esta noite tem um significado especial. De alguma querida e estranha maneira estamos nos despedindo e, ao mesmo tempo, dando boas-vindas: estamos nos despedindo, sem tristeza, de um homem que esteve preso nove anos. Que esteve preso por se negar a cruzar os braços quando seu povo teve fome, dor e sofreu injustiça.

Estamos nos despedindo, sem esquecimento, de uma experiência muito dura, um pouco longa, mas enormemente valiosa. Todo preso político deve agradecer a seus carcereiros por confirmarem, nos fatos e em sua pessoa, a validade de suas convicções, a razão de seus passos. Um homem nunca estará mais seguro do que faz do que quando percebe que nem uma dor prolongada conseguiu lhe tirar o alento e derrotá-lo. Estamos nos despedindo de uma situação, mas dela conservaremos copiosa memória. Hoje também damos, nesta escola, boas-vindas a um pai. Três filhos e uma esposa me trouxeram pela mão: querem me mostrar a excelência que se aninha nos seres humanos. Homens e mulheres do povo capazes de dar e de se dar. É um pai emocionado, que se sente em sua própria casa, esse que hoje pode lhes dizer 'olá' e perguntar para onde iremos juntos. Sinto dentro de mim que esta festa é algo de especial, muito diferente de tudo, algo novo e importante. Tão, mas tão importante que não sou capaz de dizer as palavras exatas que gostaria. Tão, mas tão novo quanto pode ser o calor das pessoas voltadas para fora de si mesmas, das pessoas capazes de querer bem aos outros. Aqui também há muita grandeza, nesta noite. Há a necessidade imperiosa de continuar fazendo, de continuar podendo. Porque vocês puderam. Puderam mais que a brutalidade de uma ditadura, mais que a obstinação e o ódio dos carcereiros, mais que a preguiça e a comodidade de uma vida para si mesmos. Vocês puderam e estou aqui como prova do poder de vocês. Prova, mas não medida. Pois não há medida que possa abarcar tudo o que se torna possível para pessoas que começaram a poder. Atrevo-me hoje a tomar as vozes de meus tantos irmãos presos, a representá-los por inteiro, para dizer: muito obrigado por não nos deixarem sozinhos, muito obrigado por nos quererem tanto bem. Para pedir-lhes que mantenham sua solidariedade para com a América Latina, continente que está comprando com sangue o seu direito de ser livre. Esta noite, podemos falar de prisão e morte sem perder a alegria. Pois nossa alegria é a alegria do triunfo militante, pois nossa festa é a festa do esforço combatente. Estamos felizes porque soubemos assumir a dor das outras pessoas. Não existe forma adequada para agradecer pelo que me deram. A vocês devo o ar livre, a luz, as ruas e as vozes, o sonho e os livros. Vocês me devolveram meus filhos e minha esposa: meu lugar de carinho, minha permanente ternura. Tenho vergonha de estar aqui falando, dizendo coisas. A única coisa que posso lhes transmitir é minha fé no homem, é minha obscura sabedoria de preso. Precisamente a vocês, obstinada gente boa que acaba de realizar o impossível. Vocês que sabem e podem. É para vocês a festa, para vocês o carinho. Sou eu quem os abraça e aplaude."

Os alemães choraram e dos latino-americanos é melhor nem falar. Não era para menos. Segundo nos conta Olga (pois David é muito discreto) "uma moça abraçou-o e acariciou suas costas durante um longo instante, agradecendo o muito que tinha lhe dado". Depois de tudo, a moça tinha razão. Sem saber nem pretender, David tinha brindado aquela comunidade com a excepcional ocasião de expressar o melhor de si mesma.

Dom Rafael (Um país chamado Lydia)

Sou estrangeiro? Há dias em que tenho certeza de sê-lo, outros em que não dou a menor importância à questão e, por último, outros ainda (melhor diria que são noites) em que não admito de modo algum essa estraneidade. Será que a condição de estrangeiro é um estado de espírito? Provavelmente se estivesse na Finlândia ou nas ilhas de Cabo Verde ou no Vaticano ou em Dallas iria me sentir inexoravelmente estrangeiro, mas ainda assim, quem pode garantir? De passagem, uma observação: por que começamos sempre qualquer lista de distâncias, de lonjura, de extraterritorialidades pela Finlândia? Quem terá posto esse preconceito em nossas cabeças? Falar de alguém que está na Finlândia sempre foi para nós como dizer que está nos quintos dos infernos e se nem sempre assimilamos as duas acepções é porque nunca se viram quintos dos infernos com tanto gelo e tanta neve. Afinal, o que sabemos dos fineses ou finlandeses, à parte o *Kalevala* e o Nobel para Sillampää, aquele dos quatro pontinhos sobre dois as? Até as olimpíadas de 1952, os jornais do Cone Sul escreviam Helsinski, com um S antes do K, mas um tempo depois começaram a escrever Helsinki. O que terá acontecido nos jogos olímpicos para que Helsinki perdesse seu segundo S?

No entanto, não estou na Finlândia, mas aqui. E aqui, sou estrangeiro? Não faz muito tempo, li numa boa obra de um autor alemão desses nossos dias ambivalentes: "É curioso que os estrangeiros aprendam primeiro os insultos, as expressões indecorosas e a gíria do país em que vivem (a moça com apenas alguns meses em P. já solta gritos de dor em francês e diz: *Ai*! em vez de *Au*!)." Segundo essa definição, eu não seria estrangeiro pois continuo xingando tal e qual fazia em minha terra púrpura e quando sinto uma dor intensa não pronuncio nenhuma interjeição, nem as importadas, nem as domésticas, simplesmente porque emito um som estranho que seria melhor definido como onomatopaico, embora o dicionário registre alguns exemplos de onomatopeias (miau, gluglu, catapluft) que, sem dúvida e por sorte, nada têm a ver com os grunhidos, os bufos ou estridências guturais que costumo produzir em tais lancinantes ocasiões.

Por exemplo, o que pensaria eu de mim mesmo se, no mês passado, exatamente na quarta-feira, 9, eu tivesse gritado gluglu ou catapluft quando o

professor Ordóñez apertou meu dedo com a costumeira e consistente porta de seu Volkswagen? Em troca, minha modesta estridência gutural, acompanhada de um olhar incisivo (não na acepção de "categórico", mas de "que talha ou corta"), certamente não deixou ao pobre Ordóñez a menor dúvida acerca de meu ódio instantâneo, ódio por outro lado injusto, além de instantâneo, já que ele só tinha esmagado meu indicador por uma imperdoável distração e não por xenofobia militante. Reconheço no entanto que não representou nenhum consolo ou atenuante para mim a indubitável certeza de que aquele tarado seria capaz de massacrar, com toda a imparcialidade e igual falta de jeito, o dedo de qualquer um de seus queridos compatriotas. Embora pareça mentira, aquela desgraça me fez rir, pois durante alguns minutos parecíamos dois "caras pálidas" (felizmente não apareceu nenhum *sioux* no horizonte): eu, porque estive a ponto de desmaiar em meio a meus grunhidos guturais, e Ordóñez porque ele também. Com a única diferença de que o dedo era meu. No entanto, eu teria sentido, no mesmo grau, esse ódio instantâneo e injusto, devo reconhecer, que senti por meu colega quando estive a ponto de desmaiar, se o dono do Volkswagen fosse um uruguaio de Paso Molino, de Tambores ou de Palmitas? Tenho minhas dúvidas a esse respeito, mas como a única forma de resolvê-las seria que um compatriota de Paso Molino, de Tambores ou de Palmitas me esmagasse o dedo com a porta de seu Volkswagen (bem, a marca poderia ser outra), não vejo nenhum inconveniente em manter-me no precário e confortável território da dúvida filosófica. De todo modo, se meu ódio instantâneo pelo palerma do Ordóñez tivesse conotações internacionais, ou pelo menos interamericanas, meu caso já não seria de xenofobia, mas bem ao contrário.

A mudança forçada é dura em qualquer idade. Sofri isso em minha própria carne. Mas talvez os jovens sejam mais castigados. Não falo por Graciela, por Rolando ou pelo próprio Santiago, quando algum dia for libertado. Penso antes nos garotos que ainda eram uns fedelhos quando a confusão começou. Para eles deve ser quase impossível conceber esse episódio de suas vidas como algo não transitório, como uma frustração a longuíssimo prazo. E o perigo é que tal sensação possa convertê-los em vítimas de uma erosão irreversível.

Quantos deles que vimos antes militando bravamente em La Teja ou Malvín ou em Industrias, e hoje vemos em Paris, na frente do Sacré-Coeur ou na Ponte Vecchio florentina ou no Rastro de Madri, estendidos junto a produtos artesanais que eles mesmos moldaram ou teceram; quantos desses rapazes e moças, de sorriso vago e olhar distante, não terão visto, meses ou anos atrás, os camaradas mais queridos caírem a seu lado, ou não terão ouvido gritos

aterrorizados de uma cela nauseabunda ao lado? Como julgar com justiça esses neopessimistas, esses céticos prematuros, se não começarmos a entender que suas esperanças foram abruptamente mutiladas? Como omitir que para esses jovens, segregados de seu meio, de sua família, de seus amigos, de suas aulas, foi suspenso o humaníssimo direito de rebelar-se como jovens, de lutar como jovens? Só lhes restou o direito de morrer como jovens.

Às vezes os jovens têm uma coragem à prova de bala e, no entanto, não possuem um ânimo à prova de desencantos. Se pelo menos eu e outros veteranos pudéssemos convencê-los de que sua obrigação é só a de continuarem jovens. Não envelhecer de saudade, de tédio ou de rancor, mas continuar jovens, para que na hora da volta voltem como jovens e não como resíduos de rebeldias passadas. Como jovens, quer dizer, como vida.

Depois dessa tirada, penso que tenho direito a respirar fundo. Decididamente, quando me ponho sério posso ficar insuportável. Mas também cabe a possibilidade de que o verdadeiro Rafael Aguirre seja esse, o insuportável, o chato, o retórico, e que, por outro lado, o outro Rafael, o que se diverte fazendo jogos de palavras e debocha um pouco dos outros e bastante de si mesmo, seja na realidade uma máscara do outro.

Talvez essa seja uma maneira irregular, anômala, de responder minha própria pergunta: sou estrangeiro? E respondo-me assim, com uma mão, a direita, na mortalha, e a outra, a esquerda, desenhando um sol que oxalá fosse tão espontâneo e luminoso como o que minha neta me trouxe, com suas cores insólitas e insolentes. Só que não posso desenhar um sol verde e nuvens rosa como ela faz, sem a menor retórica do céu. E definitivamente acho que em mim pode mais o sol (apesar de ortodoxamente amarelo e laranja) do que a mortalha.

A única coisa que pode redimir um velho é que a duras penas se sinta jovem. Note bem, eu falei jovem e não verde. Não que queira se fazer de garotão, vestindo roupa colorida ou ouvindo essas porcarias com que se aturdem nas discotecas (ah, os incomparáveis Beatles de minha pré-velhice, os Beatles de *Michelle* ou *Yesterday* ou *Eleanor Rugby*), mas se sentindo, a duras e maduras penas, um velho jovem.

Talvez isso tenha sido a primeira coisa que Lydia entendeu e talvez isso (quero dizer, o fato de que tenha entendido) tenha sido a primeira coisa de que gostei nela. E sem alimentar esperanças demais. Talvez tenha acontecido assim porque ela é daqui, porque não é compatriota, digamos. Ninguém quer nem pode abandonar suas nostalgias, mas o exílio não deve se transformar em frustração. Criar vínculos, trabalhar com a gente do país como se fosse nossa

própria gente é a melhor forma de nos sentirmos úteis e não há melhor antídoto contra a frustração do que a sensação de utilidade.

Criar vínculos com a gente do país. Bem, eu me vinculei a Lydia. Como costumo dizer: afinal, como se pode ver, estou lydiando. E me sinto melhor. O simulacro da bengala já vai longe. E também por isso não me sinto estrangeiro, porque ela não é *minha estrangeira*, mas algo assim como *minha mulher*. Tem seu pouco de sangue índio, em boa hora. Ou talvez de sangue negro, também em boa hora. Digamos que sua linda pele é mais escurinha do que a de Graciela ou a de Beatriz. E ainda mais escurinha (e muito menos enrugadinha) do que a minha.

Talvez tenha me vinculado a um país chamado Lydia. E trata-se de um vínculo diferente de todos os anteriores. Faltam vários ingredientes clássicos: urgência, paixão, opressão no peito, não me atreveria nem mesmo a dizer que estou apaixonado, mas pelo menos me atrevo a pensá-lo. É claro que se cometer o erro de olhar-me no espelho, encho-me automaticamente de prudência. Não há (e talvez não haja) casamento, mas o que não posso negar é que, embora Lydia não seja de minha aldeia, ela é, em compensação, de minha casta, de minha tribo. E isso de ter me vinculado ao país Lydia não é simplesmente linguagem figurada, pois foi ela quem me introduziu nas coisas, nas comidas, nas gentes daqui. Já comecei a festejar (não a pronunciar, hein) os modismos locais, não apenas os definitivos, mas também os transitórios, como por exemplo quando o concunhado de Lydia confessa que já está com vontade de mexer o bigode e isso significa que quer almoçar.

Continuo, porém, a me encontrar com os compatriotas. Há um monte de assuntos dos quais só posso falar com eles, quer dizer, falar com plenitude, com conhecimento de causa, embora nem sempre com conhecimento de efeitos. Fazer o complexo balanço do passado, tão mais árduo quanto mais próximo, ou como diz o bonachão do Valdés (medicina geral e vias respiratórias) com sua deformação profissional: é preciso auscultar o país, senhores, colar a orelha em seu lombo para ouvir como respira e então ordenar, diga trinta e três, diga, por favor, Trinta e Três Uruguaios.

Mas nessa altura dos fatos isso não me basta. Não posso viver aqui e assim, com a obsessão de que amanhã ou em outubro próximo ou dentro de dois anos vou soltar as amarras e empreender o regresso, o mítico regresso, pois o estilo provisório jamais concede plenitude, e então interno-me no país Lydia, e isso é muito mais do que um símbolo sexual (sem prejuízo de internar-me lá também e de ser uma linda viagem), é também ficar sabendo aquilo que as pessoas do país

Lydia ficam sabendo, é ouvir os noticiários de rádio e televisão de cabo a rabo e não somente na hora das notícias internacionais, na espera cotidiana de que algo de bom chegue enfim lá de baixo. Mas o que chega é que desapareceram mais quatro ou morreram três na prisão e nem sempre por causa do que certo defenestrado presidente chamava de "o rigor e a exigência nos interrogatórios", mas pura e exclusivamente por cansaço e superlotação do cárcere. O que chega é que houve mais batidas e caíram quinhentos e depois soltaram apenas quatrocentos e vinte, como era previsível, mas quem serão os oitenta restantes, o que farão com eles?

Estamos perdendo o saudável costume da esperança. Já quase não entendemos que outras sociedades continuem a gerá-la. Me lembro da madrugada de trinta de novembro. Tinha dito a Lydia que não viesse. Queria ficar sozinho com meu ceticismo. Não acreditava no plebiscito, pois me parecia uma armação ridícula. Mas às três da manhã acordei com o impulso de ligar as ondas curtas. E a notícia veio como que misturada em meu sonho (que não era particularmente estimulante): o NÃO tinha derrubado a proposta dos milicos e só quando me convenci de que não se tratava de um adendo do meu sonho, mas de uma notícia real, só então pulei da cama e gritei como se estivesse no estádio e me dei conta de repente de que estava chorando sem nenhuma vergonha e até soluçando e que esse pranto não era excessivo nem ridículo e me surpreendi tanto com minha própria explosão que tentei lembrar quando tinha chorado assim pela última vez e tive que retroceder a outubro de 67, em Montevidéu, também sozinho e de noite, quando outra onda curta pormenorizou a tristeza informativa de Fidel sobre a morte de Che.

Mas em novembro de 80, as pessoas do país de Lydia me deixaram chorar a sós e eu agradeci. Só vieram no dia seguinte para me abraçar, depois de se certificarem de que estava com os olhos secos e para que explicasse o inexplicável; e então fui dizendo enquanto eu mesmo me convencia: a ditadura resolveu abrir, não uma porta, mas uma fresta, uma fresta tão pequena que só uma única pequena sílaba conseguiu passar por ela, e então as pessoas perceberam aquela fresta e, sem pensar duas vezes, colocaram nela a sílaba NÃO. É provável que amanhã batam a porta, tranquem de novo a fortaleza que pensaram ser inexpugnável, mas já será tarde, a rotunda sílaba ficará lá dentro, será impossível se desfazer dela. Nessa época de bombas de nêutron e ogivas nucleares, é incrível o que uma pobre sílaba negativa ainda pode fazer.

E Lydia veio, claro (não o país Lydia, mas Lydia apenas e sua alma) e não disse nada e também lhe agradeci por isso, e depois de assegurar-se, ela também,

de que eu tinha os olhos secos, sentou-se no chão junto a mim (eu estava como sempre na cadeira de balanço, mas parei de balançar) e apoiou em meus joelhos sua cabeça morena e seus cabelos negros.

Beatriz (A anistia)

Anistia é uma palavra difícil ou, como diz meu avô Rafael, mit o cabeluda, porque em espanhol tem um M e um N que vêm sempre juntos.[13] Anistia é quando perdoam e retiram o castigo de alguém. Por exemplo: se eu venho da escola com a roupa suja e Graciela, ou seja, minha mãe, me diz vai ficar sem sobremesa por uma semana e depois eu me comporto muito bem e três dias depois trago boas notas em aritmética, então ela me dá uma anistia e posso voltar a tomar sorvete, daquele que vem numa taça canoa e que são três bolas, uma de baunilha, uma de chocolate e outra de morango, o que vem a ser a mesma coisa que meu avô Rafael chama de *frutillas*.[14]

Também quando Teresita e eu estivemos brigadíssimas porque ela me deu um sopapo cheio de barro e passamos quase duas semanas sem dar nem oi e sem emprestar nem a escova de dentes, vi de repente que a pobre estava muito arrependida e não podia viver sem meu carinho e me dei conta de que suspirava fundo quando eu passava e comecei a ficar com medo de que se suicidasse como na televisão, de modo que a chamei e disse olhe, Teresita, vou anistiar você, mas ela pensou que eu tinha chamado só para xingar e começou a chorar lágrimas cada vez mais fortes até que não tive outro remédio senão dizer deixe de ser burra, Teresita, anistiar quer dizer perdoar e então ela começou a chorar de novo, mas com outro choro, porque esse era de emoção.

Também outro dia vi na televisão uma tourada que é como um estádio onde um senhor brinca com um manto vermelho e um touro que se faz de furioso mas é boníssimo, e depois de muitas e muitas horas brincando o homem se aborreceu e disse não quero brincar mais com esse bicho que se finge de furioso, mas o touro queria continuar e então foi o homem quem ficou furioso e como era muito estúpido enfiou-lhe bem aqui na nuca uma espada muito comprida e o touro que já estava quase pedindo anistia olhou o senhor com uns olhos muito, mas muito tristes e desmaiou bem no meio do campo sem que ninguém lhe desse anistia e eu fiquei com tanta pena que me saiu um suspiro fininho fininho e naquela noite sonhei que acariciava o touro e dizia fofo, fofo, como digo para Sarcasmo, o cachorro de Angélica, e ele sacode o rabinho contentíssimo, mas no sonho o touro não sacudia o rabo porque continuava desmaiado no meio do campo e eu lhe dava anistia, mas em sonho não vale.

Meu dicionário diz que anistia é o esquecimento dos delitos políticos e eu estava pensando que talvez deem anistia para meu pai, mas também fico com medo de que o general que botou meu pai preso político tenha boa memória e não esqueça os delitos. Claro que, como meu pai é muito, mas muito bom e sabe até varrer os calabouços, no mínimo o general que o botou preso político vai fazer vista grossa, igual meu avô faz comigo, como se esquecesse os delitos, embora na verdade não esqueça, e talvez uma noite o general que botou meu pai preso político lhe dê anistia assim de repente e, sem dizer nada, deixe a porta sem passar a chave para que meu pai saia na ponta dos pés e chegue bem quietinho até a rua e pegue um táxi e conte muito feliz ao chofer que acabam de lhe dar anistia, de modo que é melhor que o leve imediatamente para o aeroporto porque quer vir logo nos ver, a Graciela e a mim, e saiba que eu tenho, dirá ao chofer, uma filhinha que não vejo há muitos anos, mas que sei que é lindíssima e muito boa e o chofer dirá ah, que interessante, senhor, eu também tenho uma menina e continuarão falando, falando, falando porque até o aeroporto é uma quantidade bárbara de quilômetros e quando chegarem já será noite e meu pai dirá o problema é que, como estive preso político, agora não tenho dinheiro para lhe pagar e o chofer dirá não se aflija senhor, são apenas trinta e oito milhões, pague quando puder e conseguir trabalho; e meu pai, como o senhor é bom, muito obrigado; e o chofer, não há de quê e dê lembranças à sua senhora e à sua menina que é tão boa e tão linda e faça uma boa viagem e meus parabéns pela anistia.

Angélica, em compensação, é muito rancorosa e quando Sarcasmo a morde um pouco, não muito porque tem os dentes bem pequenininhos e não faz por mal, ela bate forte nele e não fala com ele por três dias e eu sei que Sarcasmo quase morre de tristeza e ela, mesmo assim, não lhe dá anistia. Eu fico com muita pena do Sarcasmito e até levaria ele para casa, mas Graciela sempre diz que no exílio não se deve ter animaizinhos, pois a pessoa se afeiçoa e de repente um dia tem que voltar a Montevidéu e não pode levar o cachorro ou o gato porque eles fazem xixi nos aviões.

Quando vier a anistia vamos dançar tango. Os tangos são umas músicas tristes que se dançam quando se está alegre e assim se fica triste de novo. Quando vier a anistia, Graciela vai me comprar uma boneca nova porque a Mónica já está boa para ser aposentada. Quando vier a anistia, não haverá mais touradas nem vão me sair mais espinhas. E meu avô Rafael vai me comprar um relógio de pulso. Quando vier a anistia não haverá mais amnésia. A anistia é como um feriado que vai se esparramar por todo o país. Os aviões e os navios

chegarão lotados de turistas cheios de grana que virão para ver a anistia. Os aviões ficarão tão cheios que haverá gente de pé nos corredores e as senhoras dirão aos senhores que estiverem sentados ah, o senhor também vai ver a anistia e então o senhor não terá outro remédio senão lhe ceder o lugar. Quando vier a anistia haverá colherinhas e camisetas e cinzeiros com a palavra anistia e também bonecas que dirão a-nis-ti-a e tocarão uma musiquinha quando alguém apertar suas barrigas. Quando vier a anistia acabarão as tabuadas de multiplicar, sobretudo a de oito e a de nove que são uma chatura. Imagino que quando meu pai vier um dia ficará pelo menos um ano falando sempre da anistia. Teresita diz que Sandra disse que os países muito frios têm menos anistia, mas acho que não deve ser tão grave, porque como lá fora está nevando e sopra um vento gelado os presos políticos não vão querer ser postos em liberdade, porque no calabouço está mais quentinho. Às vezes penso que a anistia está demorando tanto que quando vier no mínimo eu já vou ser grande como Graciela e trabalharei em arranha-céus e até poderei atravessar as ruas com sinal vermelho como gente grande sempre faz. Quando vier a anistia é capaz que Graciela diga a tio Rolando, bem, tchau.

13 Em espanhol, *amnistia*. (N. da T.)

14 Em espanhol da Espanha, morango é *fresa*. (N. da E.)

O outro (Use o corpo)

Então está me achando estranho? Pode ser, Rolando, pode ser. Além disso, fazia muito tempo que não nos víamos. No entanto, deveria estar feliz. Quem sabe não estou feliz e é justamente isso que me deixa estranho? Acha que é impossível? Estamos tão acostumados com as mortes que quando por exemplo um nascimento acontece nos pega desprevenidos, ou como diria um aficionado local de beisebol (está vendo como estou me adaptando?) nos pega "fora da base". Você sem dúvida estará se perguntando o que houve. E não vai querer acreditar que o ocorrido seja algo estimulante. Desconfia, não é? Eu também me tornei desconfiado. Entretanto, o elemento novo é uma boa notícia: soltaram Claudia, que já está na Suécia. Não imaginava, hein? Pois foi solta e já está na Suécia e já me escreveu e eu já respondi. O que acha? Seis anos são longuíssimos, sobretudo quando se leva em conta que eu pude me safar e ela não, ela teve que engolir esses seis anos de merda, de humilhações, de podridão, de delírio. E agora diga, como ia poder aproveitar minha liberdade, como ia ter prazer com meu trabalho (por fim, estou fazendo alguma coisa de que gosto, que corresponde à minha vocação), com o mero e simples fato de dizer em voz alta o que me der na telha, como ia usufruir minha vida se sabia que Claudia estava lá, arrebentada, corajosa, mas ferida, leal, mas terrivelmente ansiosa? Tenho trinta e dois anos e sou um sujeito robusto e sexualmente são, em pleno vigor. Sabe bem que nessa idade, quando se é normal, é impossível passar seis anos sem ter, de vez em quando, uma mulher. Eu também sei e Claudia sabe e em suas cartas me sugeria indiretamente e por outras vias me mandava dizer sem evasivas: "Não se preocupe, Ángel. Eu o amo como nunca, mas não posso exigir uma coisa assim de você. É um homem jovem e está aí fora. Não pode se negar ao que o corpo espera. É *seu* corpo. Não vou ficar ofendida. Nunca. Estou falando sério. Por favor, acredite. Mais tarde, quando eu sair, veremos o que fazer. Sim, continuo amando você como nunca, mas não fique sem mulher, não se condene a viver sem um corpo de mulher. Sei melhor que ninguém o quando necessita disso." E sempre assim. Só faltou transcrever aquele verso de Vallejo: "Já vai chegar o dia. Use o corpo." Era quase uma obsessão em suas cartas e mensagens. Eu respondia que não se preocupasse, que talvez mais adiante, mas que agora não tinha vontade, nem desejo, nem nada. E ela insistindo. Até que finalmente se deu uma

situação que não procurei, algo que aconteceu muito naturalmente, e resolvi usar o corpo, ou seja, fui para a cama com uma moça estupenda, e fizemos amor, claro, mas em outro sentido foi um fracasso. Eu olhava meu vaivém, sabe?, como se fosse de outro. Os órgãos reagem, claro, ao contato de uma linda carne contígua: podem se desenvolver, se excitar, chegar por si mesmos a um ápice, mas eu continuava alheio a esse gozo, eu estava lá, em uma cela remota, murmurando meu apoio a uma mulher distante e minha, consolando-a, sem tocá-la, de feridas que nunca cicatrizarão; dizendo-lhe palavras, palavrinhas isoladas que para nós dois têm o significado de um ritual, são como marcos de nossa história particular. Vai me dizer que isso acontece com todos os casais. Ah, mas nesse casal um estava aqui, livre, mas sentindo-se estupidamente culpado de sua liberdade, e a outra estava lá, em clausura e em luta, acompanhada e solitária, pensando provavelmente em mim, pensando em mim me sentindo estupidamente culpado de minha liberdade. E a moça que estava comigo logo compreendeu claramente toda a situação e compreendeu-a apesar de ser daqui ou talvez por isso mesmo, e quando já estávamos deitados e em silêncio, olhando o teto, apoiou sua mão em minha perna e disse: "Não se aflija, isso está acontecendo porque você é boa gente", e levantou-se e vestiu-se e foi embora sem dizer mais nada, depois de me dar um beijo no rosto. Assim, imagine se não foi uma boa notícia para mim saber que, depois de seis anos, a outra, ou seja, a única, a martirizada, a leal, estava livre e na Suécia e com amigos. Essa é a história. Por enquanto. Nós nos escrevemos, nos falamos ao telefone. Posso garantir que o telefone não foi o meio de comunicação ideal, pois ambos chorávamos e no final ainda custou um monte de dinheiro só para ouvir, durante quinze minutos, três monossílabos e quatro soluços. Desde o primeiro momento, escrevi dizendo que viesse em seguida e comprei uma passagem de avião, *open*, para que viajasse quando quisesse e pudesse. Mas em resposta notei certa reticência e comecei a imaginar coisas absurdas. Imagine a liberdade que se tem quando se começa a imaginar coisas absurdas. As razoáveis têm a ver com vistos, residências, passaportes etc., mas eu escolhi as outras, pelos menos algumas, e enumerei-as em minha outra carta. E hoje acabo de receber sua resposta. Diz assim, vou ler: "Você continua pensando na Claudia que deixou de ver há seis anos, mas nesses seis anos aconteceram muitas coisas e até os rostos mudam e essa transformação tem um ritmo distinto da simples passagem do tempo. Sei que você, por exemplo, tem o mesmo aspecto, só com seis anos a mais. É o normal, não? Mas eu, querido, não tenho o mesmo rosto. Essa é a reticência que percebeu em minha carta. Mas como imaginou tantas

barbaridades, tomei a seguinte decisão: fiz várias fotos e confesso que, embora não acredite, selecionei a melhor e, bem, é essa que estou mandando, Ángel, quero que antes de decidir se devo ir ou ficar por aqui veja como esses seis anos passaram por meus olhos, por minha boca, por meu nariz, por minhas orelhas, por minha testa, por meu cabelo. E, se me quer de verdade e me respeita, quero (sabe bem que sou católica, assim eu lhe peço pelo amor de Deus) que seja rigorosamente sincero comigo." Você se dá conta, Rolando, de tudo que essa carta diz? Pode ler, como eu, todas as entrelinhas? Por isso eu disse há pouco que talvez esteja feliz e é isso que me deixa um pouco estranho. Estar feliz e, no entanto, não ser feliz. Ah, nunca imaginei que estar feliz pudesse incluir tanta tristeza, sabe?

Feridos e contundidos (Merda de vida)

— E o que você sentiu quando ele leu a carta, quando lhe contou a história da foto?

— Desconcerto. Realmente, acho que me senti desconcertado.

— Desconcertado e culpado?

— Não. Culpado, não.

— E então por que chegou aqui com essa cara de velório?

— Não seria porque esse enredo não é exatamente uma festa?

— Quando diz enredo, está se referindo ao nosso?

— Sim, o que mais poderia ser?

— Não acho que seja um enredo.

— Ah, não? Mas é.

— Está arrependido?

— Não. Mas não é uma festa.

— Você já disse isso. Mas a situação deles também não é uma festa.

— A de Claudia e Ángel? Também não. Mas pelo menos é transparente. Uma dor transparente. Um amor transparente.

— Ao contrário do nosso, que é opaco.

— Não foi o que eu disse.

— Mas deu a entender. Tudo o que não diz, você está dizendo do mesmo modo. Pensa por acaso que eu não me digo isso?

— Sabe muito bem que para mim a única coisa opaca é que ainda não contamos a Santiago. O resto, não. Eu a amo de verdade, Graciela, e isso não é opaco.

— De nada adianta voltar a esse assunto. Falei com Rafael e ele me convenceu. E continuo a acreditar que ele tinha razão. Ficar sabendo assim e lá, entre quatro paredes.

— Bem, agora ele vai chegar.

— Sim, e fico contente com isso.

— Contente com isso quer dizer arrependida do resto?

— Não, Rolando, também não estou arrependida. Contente quer dizer contente, nada mais. Contente porque ele vai ficar livre, coisa que ele bem merece. E também porque vou poder lhe contar.

— Vai?

— Sim, Rolando, vou. Sou bem mais forte do que você pensa. Além do mais, sinto-me segura. Sei agora que não funcionaria de outra forma. E respeito Santiago demais para continuar mentindo.

— Merda de vida, não? O sujeito sai depois de tantos anos e o que o espera é isso. Quer dizer: nós, que o esperamos com essa boa-nova.

— Não sei. Afinal, como dizia Rafael, é melhor que fique sabendo aqui, com outras perspectivas.

— E os outros também vão ficar sabendo. Os companheiros. Seu admirado Rafael acaso lhe falou disso?

— Não. Mas sei bem disso.

— Não creio que fiquem do nosso lado.

— Provavelmente não. Todo mundo gosta de Santiago. Vai ser difícil.

— E como você vai contar?

— Não sei, Rolando, não sei.

— Prefere que falemos juntos?

— Olha, não sei como vou lhe contar. Improvisarei. Mas sei, em compensação, que quero falar com ele a sós. Tenho esse direito, não?

— Tem todos os direitos. E Beatricita?

— Anda meio distante. Isso também me deixa arrasada.

— Já sabe que o pai vai chegar em quinze dias?

— Já sabe desde domingo. Apesar da advertência de Santiago, resolvi contar. Sabe por quê? Porque pensei que tinha sabido da história por alguma estranha via ou que a intuía e que talvez a sua atitude distante se devesse ao fato de eu não ter lhe dado a notícia. Mas depois que contei, ela continuou igual.

— É muito esperta, a pequena. Tenho certeza de que suspeita de nós dois.

— Também acho.

— Bem, afinal é uma reação inevitável.

— Pode ser, mas fico preocupada.

— E agora, por que está chorando?

— Porque você tem razão.

— Sim, claro, mas em quê?

— Nisso que disse: merda de vida.

Exílios (Os orgulhosos de Alamar)

Morei mais de dois anos em Alamar, uma região situada a uns quinze quilômetros de Havana e integrada basicamente por blocos de moradias construídos incessantemente por brigadas de trabalhadores da capital. É uma das maneiras que os cubanos inventaram para tentar resolver seu árduo problema habitacional sem que a produção se ressentisse com isso. Em cada fábrica ou oficina ou armazém forma-se pelo menos uma brigada de 33 trabalhadores cada. Como não são, em geral, operários da construção civil, começam com um curso básico e em seguida dedicam-se à construção de edifícios de cinco a doze andares, que serão ocupados posteriormente pelos colegas (ou por eles próprios) que necessitem mais urgentemente de uma nova casa. O vazio laboral que cada brigada deixa em seu centro de trabalho é compensado pelas horas extras dos outros. Curiosamente, a ideia veio dos operários: o governo limitou-se a viabilizá-la.

Mas há um detalhe adicional que nos concerne diretamente. Em cada um desses edifícios, as brigadas cedem um apartamento (se for de cinco andares) ou quatro (se for de doze) a famílias de exilados latino-americanos, que os recebem já mobiliados, com geladeira, rádio, televisão, fogão a gás e até lençóis e louças. Tudo gratuito.

Vem daí que um bom número de latino-americanos concentra-se precisamente em Alamar. As crianças e os adolescentes uruguaios costumam ser, se não bilíngues, pelo menos bitonais. Quando brincam e correm pelas ruas com seus cupinchas locais, falam com um puro sotaque cubano. Mas quando entram em casa, onde os pais continuam usando robusta e conscientemente o chê, então os moleques, que os cubanos chamavam de fiñes*, voltam a ser* botijas *novamente*.

Alamar é um lindo lugar, talvez com menos ônibus e árvores do que seria necessário, mas com um ar leve e salitroso, o mar ao alcance da mão e uma fraternidade sem ostentações.

Em 30 de novembro de 1980, dia do plebiscito, armadilha que a ditadura uruguaia armou para si mesma, eu já não estava em Alamar, mas na Espanha. Naquela madrugada, enquanto as notícias do explosivo triunfo popular iam ganhando as primeiras páginas das notícias internacionais, pensei em muitas coisas, claro, mas entre outras também em Alamar, onde teria sido muito bom comemorar a incrível goleada.

E quando em janeiro seguinte fui a Havana, esse foi o primeiro assunto que comentei com Alfredo Gravina. Alfredo e eu temos várias coisas em comum, mas sobretudo duas que são muito importantes: a literatura e Tacuarembó, embora ele seja da capital do departamento e eu apenas de Paso de los Toros.

"Ah, essa noite." E revirou os olhos. Sempre achei que Alfredo (seu segundo nome é Dante, mas nunca me atrevi a pegar no pé dele, pois o meu terceiro é Hamlet) tinha fugido, com seu passinho inimitável, de algum filme de Vittorio de Sica com roteiro de Cesare Zavattini. Ah, mas quando revira os olhos fica igualzinho a Totó.

"Olhe, naquela noite, tínhamos nos reunido, vários da colônia, para conversar e beber. O plebiscito? O mais previsível era a fraude." Entre suas rugas de farra aparece esse sorriso aberto e sempre disposto a se ampliar, e quem não o conhece pode pensar que é de zombaria contra o próximo, mas nós sabemos que é autoironia. Não autocrítica, é bom esclarecer, mas deboche de si mesmo. Existem matizes, não?

"Começamos a cantar tango, velhos tangos, talvez como forma de sublimar a saudade. Mas uma companheira mais realista (como costumam ser as mulheres) estava com a orelha grudada no rádio apesar da cantoria. De modo que o panorama era o seguinte: nós com Gardel e ela com a BBC. E de repente deu um pulo: 'Ganhou o NÃO! Ganhou o NÃO com mais de 60%!' Aí, claro, abandonamos o pobre Gardel e nos grudamos na BBC, que confirmava a notícia."

Naquele mesmo 30 de novembro, em Mallorca, eu também fiquei sabendo pela BBC: nunca antes aquele espanhol belo e desinfetado, aquela espécie de mistura de Guadalajara com Ushuaia, me pareceu tão esplêndido.

"Descemos para a rua com uma bandeira", continua Alfredo, "nem sei de onde a pegamos. Era preciso comunicar a todos e festejar. Fomos bater nas casas dos compatriotas, mas a maioria não tinha vacilado, como nós, entre o Mago e a BBC: tinha simplesmente escolhido o colchão, pois segunda é dia de trabalho. Muitos pensaram que era brincadeira, mas pouco a pouco foram se convencendo e se somando ao coro, cada vez mais entusiasmado e desafinado. O escândalo já era tanto que a polícia não teve outro remédio senão se aproximar, um pouco assustada diante de semelhante alvoroço num Alamar que naquelas horas só descansa e faz amor. O que era aquilo? O que havia conosco? Nosso primeiro argumento foi a bandeira e a partir dela eles entenderam o resto. Sugeriram apenas que não fizéssemos tanto barulho, mas creio que não tinham nenhuma esperança de que seguíssemos o conselho. Na realidade, a comemoração só terminou quando o sol começou a raiar".

"Mas afinal, como estavam?" "Orgulhosos, chê, orgulhosos", conclui o velho Alfredo, magro, enrugado e ereto, estufando o peito como em Tacuarembó.

Dom Rafael (Remover os escombros)

É estranho. Meu filho vai sair da prisão, vai chegar aqui qualquer dia desses e eu recebo a notícia com toda a naturalidade, quase como se fosse o corolário de um presságio. Seria mesmo tão previsível? Quantos, até com menos anos de prisão que Santiago, um dia não aguentaram mais a angústia ou o câncer ou sua própria história e morreram? Quantos outros enlouqueceram de desalento e impotência? No entanto, desde o começo eu sabia que ele ia sair. Por instinto, talvez, por intuição de um velho coração. O mais curioso é que quando Graciela me contou, nesse primeiro instante revelador, não pensei nele, nem em mim, nem em minha neta, nem no problema cabeludo que o espera aqui. Só pensei em sua mãe, em Mercedes. Pensei nela como se estivesse viva, como se meu legítimo, razoável impulso fosse ir correndo avisá-la, dizer que logo poderia abraçá-lo, apertá-lo, tocar seu rosto, chorar em seu ombro, sei lá mais o quê. E assim percebi que, apesar dos anos transcorridos, apesar de Lydia hoje e outras mais ontem e anteontem, ainda existe um vínculo especial que me une a Mercedes, ao nome e à lembrança de Mercedes, com seu vestido invariavelmente marrom; seu olhar quieto, que sempre tinha lá no fundo uma pontinha de emoção; suas mãos fracas e no entanto seguras; seu sorriso inconfundível e muitas vezes hermético; sua terna solicitude para com Santiago. Às vezes me passa pela cabeça (uma loucura como outra qualquer) que ela bem que gostaria de um biombo atrás do qual pudesse falar com Santiago, acariciar Santiago, olhar Santiago sem que o resto do mundo (eu incluído no mundo) a importunasse com sua curiosidade, sua deferência ou sua desconfiança. Mas como, é claro, não havia biombo, sofria um pouco, não escandalosamente, mas com moderação, como era de seu estilo. Não era feia, Mercedes. Nem linda. Tinha um rosto personalíssimo e atraente, impossível de confundir ou esquecer. E uma bondade bastante complicada, mas legítima. Agora, a tanta distância, se quisesse ser descaradamente franco comigo mesmo, talvez não soubesse reconhecer por que me apaixonei ou se realmente me apaixonei algum vez por essa mulher tão descomedidamente comedida. Digo-me isso e sinto imediatamente que estou sendo injusto. É claro que devo ter me apaixonado. Só que não me lembro. Conversávamos entre nós bem menos do que um casal comum conversa, mas, claro, não éramos um casal comum. Entretanto, essas

poucas conversas certamente não eram banais. Ela me desconcertava bastante, mas nunca pude ofendê-la, ou gritar ou recriminar-lhe alguma coisa. Sempre parecia alguém recém-salvo de um naufrágio, que ainda não se habituara à própria sobrevivência. Foi difícil para mim comunicar-me com ela, mas nas poucas vezes em que consegui foi uma comunicação milagrosa, quase mágica. Fazer amor com Mercedes era, talvez, como fazer amor com um conceito e não com um corpo, mas em seguida ela ficava tão doce e tão trêmula que esse epílogo representava uma união mais estreita do que o ato em si. Só conseguia recuperar essa mesma expressão de modelo de Filippo Lippi quando ouvia boa música. Quando tínhamos apenas dois anos de casados, em um de seus infrequentes impulsos de confidência, que eram como uma concessão que nos fazia às vezes (a ela e a mim), disse que bom seria morrer ouvindo alguma das *Quatro Estações* de Vivaldi. E muitos anos depois, exatamente em dezessete de junho de mil novecentos e cinquenta e oito, quando estava lendo e de repente ficou imóvel para sempre, no rádio (não era sequer um toca-discos) estava tocando a *Primavera*. Santiago ficou sabendo e talvez por isso essa palavra, primavera, tenha se ligado para sempre à sua vida. É como o seu termômetro, seu padrão, sua norma. Embora a pronuncie muito raramente, sei que para ele os acontecimentos do mundo em geral e de seu mundo em particular se dividem em primaveris, pouco primaveris e nada primaveris. Suponho que estes últimos cinco anos não tenham lhe parecido primaveris. Pois bem, agora vai sair. Terei feito mal em aconselhar Graciela a não escrever sobre a nova realidade? Faltam apenas doze dias para que fique sabendo. Mas talvez seis meses ou seis anos tenham que se passar para que possa comprovar efetivamente se meu conselho foi um acerto ou uma burrada. A vida continua, dizem e repetem as canções banais ou, se não o dizem, pelo menos insinuam. E como são as canções banais que dizem isso, nós, os sensatos, descartamos radicalmente essa xaropada. E, no entanto, em tudo o que é cafona há sempre uma semente de realidade. A vida continua, evidente, mas não há uma forma única de continuar. Cada um tem seu caminho e seu rumo. Conheço o caso diáfano desse casal, Ángel e Claudia (tenho a impressão de que ele foi meu aluno), porque a própria Graciela me contou, espantadíssima. Para eles a vida continuou desse modo terno, comovedor. Ah, mas isso não é lei. É comovedor e terno justamente porque aconteceu sem violência interior, com uma inevitabilidade absolutamente natural. Confio em Santiago. Creio que, apesar do muito que amou e admirou sua mãe, puxou mais a mim do que a ela. Imagino o que eu faria, qual seria a minha atitude num caso assim. E por isso confio em Santiago. É claro que tenho

sessenta e sete e ele apenas trinta e oito. Mas tem Beatricita, que é uma maravilha e que preencherá plenamente essa nova existência de Santiago. Até agora tinha guardado essa história para mim mesmo, mas ontem à noite contei a Lydia. Ouviu meu longo monólogo sem me interromper nem uma única vez. Tinha (foi o que confessou em seguida) duas sensações desencontradas. Por um lado, curtia aquela prova de confiança. Penso que a partir dessa noite, murmurou, nos aproximamos mais, penso que já somos um casal. Talvez. Mas também ficou preocupada com minha preocupação. Ficou um momento em silêncio. Enrolou e desenrolou muitas vezes uma de suas lindas madeixas negras e depois disse, deixe-os sem deixá-los, não intervenha a não ser que peçam, deixe-os e verá que a vida não somente continua, como diz você, mas também se acomoda, se reajusta. Talvez tenha razão. Todo esse terremoto nos deixou mancos, incompletos, parcialmente vazios, insones. Nunca mais seremos o que éramos antes. Melhores ou piores, cada um saberá. Por dentro, e às vezes por fora, uma tormenta passou sobre nós, um vendaval, e essa calma de agora tem árvores caídas, telhados desmoronados, terraços sem antenas, escombros, muitos escombros. Temos que nos reconstruir, é claro: plantar novas árvores, mas talvez não haja nos hortos as mesmas mudas, as mesmas sementes. Erguer novas casas, fantástico, mas será melhor que o arquiteto se limite a reproduzir fielmente o projeto anterior ou será infinitamente melhor que repense o problema e desenhe um novo projeto, que contemple as nossas necessidades atuais? Remover os escombros, dentro do possível, pois também haverá escombros que ninguém poderá remover do coração e da memória.

Extramuros (Fasten seat belt)

já se apagou o *fasten seat belt* ou seja recupero minha vida e a aeromoça é linda / quando me passa o suco de laranja vejo suas unhas de um discretíssimo rosa pálido e muito mas muito cuidadas / percebo que minha boina lhe chama um pouco a atenção mas não vou tirar nem morto

cinco anos dois meses e quatro dias e ainda existo hurra são mil oitocentas e oitenta e nove noites bah

que sono tenho e no entanto quero usufruir com plenitude essa tremenda mudança / saber que posso tirar e colocar e tirar o cinto de segurança quando quiser enquanto ouço o murmúrio dos besouros / nenhum dos trezentos passageiros desfruta dos besouros a jato comoeste e seu servidor

a aeromoça me entrega um jornal e peço mais outro / então olha para a boina e deixa os dois / e então que bomba de nêutrons hein permanecerão as prisões mas não os presos mas também os milhões e não os milionários / ficarão as escolas e não as crianças mas também os canhões e não os generais / ah e o míssil que partirá de hamburgo talvez caia em moscou mas pode ser que a resposta não caia em hamburgo mas em oklahoma trocas trocas trocas que sono e no entanto quero recordar todas as caras dos meus lá / os que ficaram / aníbal não é um número esteban não é um número rubén não é um número / quiseram nos transformar em coisas mas fodemos com eles não nos coisificamos / esteban irmão você tem alento para dar e vender / terá que ajudar os desalentados / ah mas quem vai ajudar você

que ódio e no entanto não quis despedaçar-me nele perder-me nele / durante os primeiros anos eu o reguei cotidianamente como se fosse uma planta exótica / depois compreendi que não podia lhes render essa homenagem e além disso havia muita coisa a pensar e programar e analisar e fazer / vão apodrecer sozinhos é isso aí

conseguiram arrastar o andrés até a loucura / talvez isso tenha lhe acontecido por excesso de inocência excesso de fé no homem / tudo o surpreendia sempre pensava até aqui chegaram e acabou não podem ser tão cruéis mas sim eles eram

/ vou convencê-los e começava a falar e arrebentavam sua boca / excesso de inocência por isso enlouqueceu

pelo relógio de meu vizinho sei que dormi mais de uma hora / já posso pensar melhor / me sinto ágil e resolvo ir ao banheiro / inimaginável essa liberdade de ir ao banheiro todas as vezes que quiser / minha primeira mijada de homem livre / salve

o da minha direita está lendo *time* e à esquerda fica o corredor / como encontrarei o espírito do mundo a formação e deformação do mundo / seria muita falta de sorte se justo agora que saí o planeta explodisse

beatricita que festa nos espera / a verdade é que não sei exatamente o que me aguarda / evidentemente há um problema sei que há um problema / nas últimas cartas graciela não é a mesma e não é coisa para se ler nas entrelinhas / às vezes parece que está doente e não quer me dizer / ou talvez a menina e isso nem pensar beatricita que festa nos espera / até o velho ficou enigmático e no começo atribuí isso à censura mas não é

cinco anos é muito / graciela é um encanto mas o exílio é uma fenda que se aprofunda diariamente / graciela é um encanto e temos muito passado em comum e isso pesa / decididamente eu a amo como não vou amá-la mas essa dúvida um pouco louca não favorece o amor e o mais provável é que esteja sendo injusto

o velho respondeu em código quando perguntei do emilio / foi prudente mas logicamente um pouco obscuro embora tenha a impressão de que efetivamente entendeu e já estou melhor já não sonho com emilio da carniça e das cinco-marias / aníbal falou longamente dele sem saber nada sobre os pormenores é claro / ele sofreu em sua própria carne / parece que era um monstro com todas as letras

como soa bem o besouro / senhores estou voando

a aeromoça sorri e eu sorrio para ela / talvez tenha se impressionado com minha boina mas não vou tirá-la só faltava essa

o que pensaria a velha de tudo isso / talvez seja melhor que não tenha visto nem sentido / falava pouco mas comigo falava / entre ela e o velho havia uma terra de ninguém mas em certas ocasiões a atravessavam algumas vezes ele algumas vezes

ela / o velho sempre se mostrou um pouco desconcertado e não era para menos mas a velha se comprazia em me dizer muito em segredo o quanto o amava / sempre sob o juramento de que jamais abriria a boca / linda velhinha a velha ainda sinto falta dela

depois desses cinco anos de inverno ninguém vai me roubar a primavera

a primavera é como um espelho mas o meu está com a ponta quebrada / era inevitável não ia sair inteirinho desse bem nutrido quinquênio / mas apesar da ponta quebrada o espelho serve a primavera serve

o sagacíssimo neruda perguntava em uma de suas odes / agora primavera revela-me para que serves e a quem serves sorte que recordei / para que serve / eu diria que é para resgatar as pessoas de qualquer poço / só a palavra já é um ritual de juventude / e a quem serve bem minha modesta impressão é de que serve à vida / por exemplo pronuncio simplesmente primavera e me sinto viável animado vivo

parece que mexi os lábios quando pronunciei primavera porque o da minha direita está me olhando alarmado / coitado / tenho a impressão de que só sabe dizer inverno / e além do mais eu poderia estar rezando o que caralho ainda se usa

uma ponta quebrada / talvez a nova graciela a tenha quebrado a graciela distante mas isso é certamente uma loucura e ela estará me esperando no aeroporto com beatricita e o velho / tudo recomeçará normalmente naturalmente mas que o espelho da primavera está com uma ponta partida lá isso está

assim que puder comprarei um relógio

a aeromoça me passa uma bandeja com a comida e dada a minha condição necessitada e pós-masmorra peço apenas coca-cola não como concessão ideológica mas porque não cobram / salada mariscos bisteca pêssegos em calda / minha boca se enche de saliva incrédula / linda a colherinha gostaria de guardá-la para me sentir pelo menos uma vez delinquente comum

pensando bem não é tão grave que em suas últimas cartas graciela tenha estado lacônica e distante / conseguirei me aproximar de novo / artigo primeiro beijá-la / quantas vezes discutíamos aos berros e nos dizíamos coisas muito idiotas e muito duras e de repente nos olhávamos assombrados e então eu ia beijá-la e outra vez o mundo voltava a ficar em ordem ou melhor dizendo em esplêndida

desordem / mas mesmo assim durante um bom tempo com sua boca tapada pela minha ela continuava censurando-me não sei o que cada vez mais suavemente mais ternamente e concluía num murmúrio e finalmente ela também beijava / artigo segundo beijá-la / a verdade é que faz cinco anos que não beijo / só isso já dá para enlouquecer qualquer um

cinco anos dois meses e quatro dias é provavelmente tempo demais como preço de um erro / é quase a oitava parte de minha vida vivida / erro logo existo disse certa vez santo agostinho ao errôneo / às vezes penso o que teria acontecido comigo se fosse um operário e não um notório membro do tão depreciado setor terciário / teria ido em cana igualmente / seguríssimo / mas talvez tivesse me adaptado melhor digamos à comida / à máquina não porque a isso ninguém se acostuma / vamos ver que diferença há entre minha consciência de classe e a consciência de classe de um proleta / no fim das contas também sou trabalhador mas claro existe uma tradição um âmbito familiar / aníbal é proleta jaime também / para os milicos eram números assim como nós / não sabem diferenciar / pelo menos é preciso ensinar-lhes que há números arábicos e números romanos / com essa equiparação todos aprendíamos e verdadeiramente nos equiparávamos

é claro que um proleta está sempre mais seguro e dificilmente se deixará arrastar aos meandros mentais em que costumamos nos contorcer / mas na hora de ser leal todos podemos sê-lo / digo se precisar / eles talvez mais naturalmente mais modestamente e nós em compensação explicando a fundo o suposto sacrifício e tirando da manga todos os princípios que tivermos colecionado / repisando todas as honoráveis razões que existem para calar / os proletas complicam menos a vida / sofrem e ponto / calam e tchau

será preciso voltar mas para que país que uruguai / ele também terá uma ponta quebrada e mesmo assim refletirá mais realidades do que quando o espelho era virgem / será preciso voltar mas para que primavera / não importa em que estado calamitoso esteja mas quero recuperar minha primavera / eles a cobriram de folhas secas de neve televisionada de papais noéis suando de alunos de dan mitrione de mundialito ganho e mundialote perdido de assessores subdesenvolventes mas o que ignoram é que sob essas camadas de merda permanecem a velha e a nova primavera talvez com uma ponta partida mas com trigais e umbuzeiros e tangos proibidos e autorizados e o compadre gervasio e cielitos lindos e central operária e pastoreios e rebeldias e regulamento provisório e comitês de base e povo ingovernável e via láctea e autonomia universitária e

mate amargo e o plebiscito e o time do colombes / será preciso voltar / naturalmente / e o uruguai com uma ponta quebrada mostrará sem vaidade essa ferida em linha reta e o universo acatará compreenderá respeitará

levaram a bandeja e agora meus joelhos doem um pouco / que coisa será essa que até estou achando bom que os joelhos me doam

as pernas de graciela as coxas de graciela o bosquezinho de graciela

o que os meus de lá estarão fazendo agora

enquanto o suave letárgico besouro continua zumbindo o senhor do *time* adormeceu em meu ombro / pensei que merecia melhor destino / por sorte uma jovem que está à sua direita espirra providencialmente e com vontade / o vizinho acorda sobressaltado e se endireita murmurando sorry / o *time* cai para o meu lado e eu o devolvo / na cana podíamos ler *claudia* que amplidão não sei de que se queixa a cruz vermelha / preciso dormir mas confio que não me apoiarei no ombro pontiagudo de meu vizinho

não posso / acontece que agora descobri / o que ocorreu é que a boina me dá comichão mas juro que não vou tirá-la

terei que começar do zero como se fosse um recém-nascido e sou / como recém-nascidos são os pelinhos ousados que espetam sob a boina

vamos ver o que gostaria de ter / operação franqueza / prioridade número um relógio / depois uma esferográfica que funcione / e que vergonha um jogo de pingue-pongue com rede e tudo / como jogávamos lá em solís com silvio manolo e também com maría del carmen era danada de boa a moçoila / sempre pegava a raquete à chinesa e dava à bolinha um efeito do caralho / rolando não / rolando ficava de lado olhando debochado e sempre com o mesmo estribilho / não entendo como gente tão cheia de marra e dialética pode levar a sério esse cocozinho de celuloide / e silvio entre um saque e outro recordava olhe que mao é campeão nisso / é por isso que nunca vou ser maoísta dizia rolando / não me distraaaaaaiam vociferava a moçoila isso exige tanta concentração quanto o xadrez / como no xadrez e no coitus interruptus respondia rolando exalando fumaça / porco porcãããão gritava outra vez a moçoila não me distraaaaaaia que o magro já me tirou cinco pontos / mas nem o magro nem eu nunca conseguimos ganhar dela por mais de vinte e um a dezenove

e também quero falar e ouvir e falar e ouvir / não mais esses entrecortados diálogos com aníbal ou esteban que em certas ocasiões duravam dois meses repartidos em quatro meias horas / trinta minutos por quinzena nos recreios

grande sujeito o rolando / com seus tangos suas minas / sempre galinhando até que se politizou ou melhor dizendo nós o politizamos mas ele ficou surpreso / se autodenominava solteiro impenitente / quem sabe se ainda se mantém invicto / vai cair vai cair / como defini-lo / lúmpen elegante / cavaleiro arruinado / manolo dizia que era um duque em desgraça e no final todos o chamávamos de duque e quando ficava fino reclamava salada de endívia ou nada então silvio completou seu tratamento nobiliárquico e ele tornou-se para sempre o duque de *endives* / e adorava / uma vez em el chajá foi apresentado à recém-importada esposa de um diplomata norueguês e beijou sua mão e murmurou muito elegante sobrepondo-se ao short puído e às alpargatas duque de endives senhora para servi-la e claro para a pobre escandinava foi a mesma coisa que dissesse patati-patatá

o joelho continua me fodendo / deve ser outra vez a ameaça de reumatismo artropático / mas agora vou fazer ginástica e além de seis metros quadrados qualquer pocilga vai parecer para mim o salão dos passos perdidos

estou contente / não sei se dá para notar mas estou contente / espero que não se note / o da minha direita vai pensar que sou um pirata do ar / e sou de terra míster sou de terra / que curioso os únicos piratas que se tornaram completamentre anacrônicos foram os do mar / sandokan incorporated e ramos anexos

os amigos caramba / silvio nunca mais porém rolando e manolo eu vou poder encontrar / bem parece que o duque está no méxico / bárbaro / manolo em gotemburgo / separou-se da tita / provavelmente os dois têm razão / a culpa não está neles / é essa sacudidela que nos abalou a todos / além do mais o exílio achata tritura / o exílio também é uma máquina / tem que botar em alguém a culpa de toda a frustração de toda a angústia e claro sacaneia-se o vizinho o próximo mais próximo / oxalá graciela e eu

também tenho vontade de ver o mar

afinal de contas saí melhor do que entrei / que primeira semaninha / bem basta basta basta / sou o mesmo e sou outro / e esse outro é melhor / gosto desse outro

em que me transformei

a primavera ainda não está ao alcance da mão / a primavera não chegará amanhã mas talvez depois de amanhã / reagan neurótico e turrão não poderá impedir que a primavera chegue depois de amanhã

o cheiro de sovaco não é meu

pensamento profundo / a unidade latino-americana tem nesses momentos dois motores essenciais / reagan e o zê / do rio grande até a terra do fogo renegamos o imbecil e não pronunciamos o zê / ou seja não se *rechaza* o sujeito mas se rechaça o sujeito

ah mas a outra unidade a que não é legal / claro que a cana une a cana acaba com todas as fissuras / mas essa não deve ser a fórmula ideal / acho eu

tive medo às vezes para que negar / um medo cujos gemidos tinha que engolir / não um mas muitíssimos medos / medo de depreciar-me de preferir morrer de ficar sem o mundo / sem o mundo e sem colhões / de terminar como um trapo / é horrível ter tanto medo porém mais horrível é ter que engolir os gemidos

e depois o medo passava e até mesmo o fato de tê-lo pressentido parecia mentira / de tão corajoso e estoico que podia me sentir logo depois / e me transfigurava tanto que podia sentir certo desdém por algum outro que sentia medo e tinha que engolir os gemidos / alguém que em algum momento sempre e quando parasse de gemer haveria de sobrepujar esse instante de merda e sentir-se tão corajoso e estoico que até podia sentir certo desdém por algum outro que no cepo de seu medo tinha que engolir os gemidos etc. etc.

o medo é o pior abismo e só existe um capaz de se arrancar do poço agarrando os próprios cabelos e puxando para cima / pouco a pouco vai se aprendendo a não ter medo do medo / muito pouco a pouco / e quando você o enfrenta o medo foge

a aeromoça das unhas rosa pálido passa oferecendo fones de ouvido para os que quiserem ver o filme / mas não é uma gentileza da casa / custa dois dólares e meio e estou pobre de solenidade e solene de pobreza dá no mesmo / e digo que pelo sim pelo não só queria dormir / por acaso queria

a tristeza também é temível / não somente a própria mas também a alheia / o

que fazer por exemplo diante do companheiro de cela um homão daqueles que de repente se sacode e soluça em meio à eterna penumbra da noite na prisão / vá saber o que recorda ou anseia ou lamenta ou suporta / o soluço fraterno empapa como uma chuvinha pertinaz da qual é impossível proteger-se / e assim que você fica calado até os ossos começam a despertar uma a uma as tristezas pessoais / as tristezas são como os galos / canta uma e em seguida as outras se inspiram / e só assim a pessoa se dá conta de que a coleção é enorme e que inclusive há tristezas repetidas

o filme é de pianistas / deve ser algo assim como um concurso internacional para jovens talentos / sem som não parece música mas ginástica / cúmulo da coincidência os dois são pianistas / a moça prolixa e o rapaz desalinhado / na primeira parte ela domina e trocam beijos prolixos na segunda domina ele e trocam beijos desalinhados / e eu que há cinco anos não beijo nem prolixo nem desalinhado / o filme claro é norte-americano mas uma das jovens competidoras deve ser soviética pois está sempre acompanhada de dois desses atores de linhagem escocesa que antes faziam papel de nazistas e agora passam por russos e além disso a professora da jovem promessa pede asilo ostensivamente embora para isso precise superar o enorme carinho que lhe inspira a sua prodigiosa aluna que por influência nefasta do marxismo-leninismo é um robô de tranças / o final é disputadíssimo mas a vitória é do teclado ocidental cristão / piano piano

o concerto silente me deu sono / é impressionante vê-los na telinha espancando o instrumento e enquanto isso você igual a uma porta / pior surdo é o que quer ouvir

também está presente a ideia da morte / vem e vai / às vezes coincide com o medo e outras não / em mim geralmente não coincidia / no fim a dor provoca mais medo que a morte / pode-se inclusive encarar a morte como um analgésico definitivo mas há sempre um pedacinho de primavera que resiste

tenho vontade de ficar uma semana sentado conversando com o velho / tenho vontade de dizer a ele tudo o que não disse nesse período e também de que fique sabendo tudo o que aprendi / pensamos diferente em muitas coisas mas ficarmos a par das diferenças é também uma forma de diminuí-las

durante cinco anos o mais estimulante era o sol

como ficam distantes a infância o ginásio as lutas estudantis o trabalho os salários

/ parecem de outra pessoa / às vezes lembro até os detalhes mas como se alguém tivesse me contado em uma noite de neblina

foi em buenos aires quando beatricita ainda não tinha nascido foi em buenos aires quando graciela me disse é inimaginável não ter você / uma tarde de chuva caminhando juntinhos por lavalle para aproveitar o único guarda-chuva quando todas as portenhas saía dos cinemas

para mim a única prova da existência de deus são as pernas de graciela

na cana muitos deram para escrever versos / eu não / dei para cantar tangos sem volume caladinho caladinho em completo silêncio e como saíam bem / desafinar jamais

para não delatar para nunca amolecer há que erguer uma paliçada e ter consciência de que mesmo sofrendo mesmo temendo mesmo vomitando a paliçada deve ser defendida até a morte / obrigado john ford

quando você está livre e apreensivo imediatamente começa a sentir dores imaginárias e pensa que são reais / em cana é diferente / quando se sente uma dor real há que pensar que é imaginária / às vezes ajuda

fora para que a solidariedade se faça sentir há que reunir milhares de pessoas e coletas e denúncias e direitos humanos / dentro em compensação a solidariedade pode ter o tamanho de meio biscoitinho

quando são os cabos e sargentos que olham pelo buraquinho para nos vigiar nunca acordo nem dou a menor bola / só acordo sobressaltado quando depois das duas são os oficiais que espiam

suponhamos que chego ao aeroporto e não tem ninguém me esperando / nada disso / apago e conto de novo / suponhamos que lá estão graciela e o velho e beatricita

jogar uma partida de vôlei ou de futebol era tão importante quanto fundar uma dinastia ou descobrir a lei da gravidade

no total estive incomunicável vinte dias / de lá ou seja da famosa ilha se sai louco ou se sai mais forte / eu saí mais forte mas o ruim é que não descobri o método

a aeromoça passa tão silenciosa entre os adormecidos que quase todos acordam e

pedem desculpas e olham dissimuladamente para a braguilha / em alguns países são chamadas de portinhola mas deve ser uma derivação de portinha

a jovem que está à direita do que está à minha direita dorme literalmente desconjuntada e de um bolso de sua linda jaqueta desponta a metade de um garfo / uma delinquente comum

está começando a se mexer / *fasten seat belt* / despertar unânime / a desconjuntada trata de conjuntar-se e esconde o garfo rapidamente

meu estômago também se mexe mas mesmo assim estou contente / não é hora nem ocasião de vomitar / meu estômago sobe até a garganta e cumprimentam-se como vai como vai / a despedida também é comovedora

por razões óbvias eu não recebia visitas / é ruim e não tão ruim / quando alguém tem visitas angustia-se a semana inteira / tenta inutilmente não correr o risco de alguma sanção / espera essa curta espiada familiar como se fosse uma maravilha e às vezes até é / em compensação quando não há visitas não há sanção que valha / você se sente asquerosamente só porém mais solto ou menos preso

quanto eu tinha nove anos mais ou menos a idade de beatricita havia duas coisas que valiam a pena nas férias / uma era sentar-se na escada de mármore na hora da sesta e com a bunda fresquinha fresquinha ler e ler / assim devorei verne e salgari inteiros e até tarzan dos macacos / é bom lembrar que na escola nossa palavra-chave era Kagoda / e outra era ir para o sítio de meus tios no litoral / dos nove aos catorze fui para lá todos os verões / não havia outros moleques de modo que tinha que me virar sozinho e então escapulia para o rio / contei a graciela em uma carta ou talvez em um projeto de carta ou em um pobre monólogo solitário que subia no bote e remava até o centro do rio ou então ficava na margem ou ainda deitado ao pé de umas árvores enormes ou que pareciam sê-lo para mim e tudo era um descobrimento as pedras os cogumelos os bichinhos da umidade ou um casal de cães sebentos que em certa ocasião fornicaram ostensivamente embora eu ignorasse o sentido de sua ginástica e ficaram grudados com cara de pobres resignados / sentia-me no próprio centro do universo e queria averiguar o segredo de cada cortiça de cada centopeia de cada bem-te-vi e não me mexia porque sabia que somente ficando imóvel teria alguma chance de descobrir a verdadeira intimidade daquela minisselva / e curiosamente nunca me ocorreu gritar Kagoda porque sabia que o ultimato tarzanista não tinha nenhuma validade ali ninguém poderia ouvi-lo nem seria afetado por seu sentido

intimidatório / e nessa realidade apareceu certa manhã bem cedinho um ser estranho embora tenha ficado sabendo depois que ele podia ser parte legítima da paisagem com muito mais propriedade que eu / pois era um menino mas descalço e andrajoso / a cara e as pernas e os braços tinham uma crosta que me pareceu cósmica / assustei-me um pouco porque no meio de meus devaneios não tinha percebido sua aproximação ou talvez tenha pensado que o rumor entre as plantas era causado pelos cachorros vagabundos de sempre e quando me assustei ele riu um pouquinho não muito riu como a contragosto e sentou na minha frente sobre um tronco / eu disse olá e ele emitiu um soprinho / às vezes mexia a cabeça ou as mãos para espantar as moscas / perguntei você é daqui e ele emitiu outro sopro / não sabia o que fazer ou que iniciativa tomar e então tive a ideia de pegar uma pedrinha e fazendo um enorme esforço o máximo que podia atirei-a na direção do rio e ela afundou logo ali perto do bote / ele então sorriu de novo e emitiu outro soprinho e levantou e pegou outra pedrinha e quase sem esforço colocando o braço um pouco de lado jogou na direção do rio e aquele seixo insignificante não só chegou a uma distância descomunal mas além disso foi dando saltos sobre a água quase parada e então senti que meu peito se enchia de admiração e disse que bárbaro e aplaudi e ri e não sei quantas coisas mais disse para que ele percebesse o quanto tinha me deslumbrado e para culminar disse você é um campeão / e então ele me olhou dessa vez sem assoprar e falou pela primeira vez / não sou um campeão porque é a única coisa que sei fazer

com esse fundo de lembrança silvestre e infância remota creio que agora a modorra me pega / vou contar miliquinhos e ver se durmo

de modo que outra vez *fasten seat belt* / está bem está bem / devo ter dormido umas duas horas / o ruim é que sonhei novamente com emilio

Beatriz (Os aeroportos)

O aeroporto é um lugar a que chegam muitos táxis e às vezes está cheio de estrangeiros e revistas. Nos aeroportos faz tanto frio que sempre instalam uma farmácia para vender remédio para as pessoas com propensão. Eu tenho propensão desde pequenininha. Nos aeroportos as pessoas bocejam quase tanto quanto nas escolas. Nos aeroportos as malas sempre pesam vinte quilos de forma que as balanças poderiam ser poupadas. Nos aeroportos não tem barata. Na minha casa tem porque não é aeroporto. Os jogadores de futebol e os presidentes são sempre fotografados nos aeroportos e saem muito bem penteados, mas os toureiros quase nunca e muito menos os touros. Deve ser porque os touros preferem viajar de trem. Eu também gosto muito. As pessoas que chegam aos aeroportos são muito abraçadoras. Quando alguém lava as mãos no aeroporto elas ficam bem mais limpas mas enrugadinhas. Tenho uma amiguinha que rouba papel higiênico nos aeroportos porque diz que é mais macio. A alfândega e os carrinhos de bagagem são as coisas mais bonitas que o aeroporto tem. Na alfândega é preciso abrir as malas e fechar a boca. As aeromoças andam juntas para não se perderem. As aeromoças são muitíssimo mais bonitas do que as professoras. Os maridos das aeromoças se chamam pilotos. Quando um passageiro chega tarde ao aeroporto, tem um policial que pega seu passaporte e põe um carimbo que diz Essa criança chegou tarde. Entre as coisas que às vezes chegam ao aeroporto está por exemplo meu pai. Os passageiros que chegam sempre trazem presentes para suas filhinhas queridas mas meu pai que vai chegar amanhã não vai trazer presente nenhum porque esteve preso político cinco anos e eu sou muito compreensiva. Quando o aeroporto está de folga, é muito mais fácil pegar um táxi para o aeroporto. Tem alguns aeroportos que além de táxis têm aviões. Quando os táxis fazem greve os aviões não podem aterrissar. Os táxis são a parte mais importante do aeroporto.

O outro (Por enquanto improvisar)

A esta altura dos acontecimentos, Rolando Asuero para de questionar-se. Fabricou uma resposta aos trancos e barrancos e além do mais está sinceramente convencido. Agora só resta ir ao aeroporto e enfrentar passado, presente e futuro, tudo junto. Provavelmente Graciela tem razão e o melhor é improvisar. Improvisação sobre um mesmo tema, é claro. Mas o que fazer quando Santiago chegar e abraçá-las, ela e Beatricita, como suas razões e desrazões de viver. O que fazer. Onde pôr as mãos. Até para onde olhar. O que fazer quando Santiago abraçar Rafael e ele acariciar um pouco a sua nuca porque é um gesto próprio dessa geração em retirada. E sobretudo o que fazer, caralho, quando ele o abraçar e disser que sorte, duque, que você está aqui, vim pensando em você no avião, temos que começar a juntar todo o clã, o que acha? E que cara vai fazer Graciela quando ele a encarar por sobre o ombro de Santiago, na metade do abraço. No entanto, os piores momentos vão acontecer depois, quando Graciela finalmente lhe contar e o recém-chegado começar a reconstruir a ceninha do aeroporto e a se achar ridículo a mais não poder e a se menosprezar e a nos menosprezar porque todos sabíamos do enredo menos ele e a refazer os beijos que deu em Graciela na minha frente e o abraço que me deu na frente de Graciela e vai ser muito duro remontar esse passadozinho que fica logo ali, a umas poucas horas. Como convencê-lo de que tudo foi acontecendo sozinho, de que ninguém premeditou nada, de que aquele velho companheirismo dos sete foi de certa forma o caldo de cultura dessa aproximação e definitivamente desse amor. Porque é amor, Santiago, e não uma aventurazinha. Isso é o bom e o fodido, pensa Rolando, é o que afinal nos justifica humanamente, a mim e a Graciela, mas também transforma Santiago em perdedor obrigatório. Obrigatório? Uma pergunta lógica é se vai se dar por vencido ou vai lutar, se vai aceitar os fatos evidentíssimos ou se, jogando a cartada inteligente da serenidade, dirá a Graciela não vamos resolver nada agora, lembre que acabei de chegar, recém-saidinho da prisão, e que preciso me acostumar não somente a essa nova situação mas ao mundo em geral, é melhor a gente conversar, acho que ainda não os três, mas nós dois que vivemos tantas histórias a quatro mãos, por que vamos decidir tudo agora se temos todo o tempo do mundo, antes de decidir, deixe-me desfrutar um pouco de Beatricita, deixe-me falar longamente com ela, e também com

Rolando, mas depois, por enquanto tudo me parece incrível e a cada minuto tenho a impressão de que vou acordar de outra cochilada no avião. Claro, essa é uma variante bastante verossímil, sobretudo conhecendo Santiago, que quando se propõe a não perder a calma geralmente consegue, e temos que considerar que aqui se trata de não perder nem a calma, nem a mulher. Rolando pensa também que isso é o que faria se fosse Santiago. Por enquanto, remexe nas suíças e levanta as sobrancelhas. Queria que tudo chegasse o quanto antes a um desenlace. Na realidade, a decisão última cabe a Graciela, já que Santiago, por um lado, e ele, por outro, querem ficar com ela, dormir com ela, viver com ela. E talvez resida aí a reduzida vantagem que ele, Rolando Asuero, tem sobre Santiago, porque lhe consta que na semântica dos corpos Graciela e ele se entendem às mil maravilhas e que, além do mais, nos últimos tempos ela lhe deu repetidas vezes uma segurança terna, uma segurança quase feroz de que vai ficar com ele e não com Santiago. Mas a vantagem dele pode se chamar Beatricita, porque se, diante dos acontecimentos e das decisões, Santiago quiser levá-la consigo, já não é tão certo que Graciela, que como mãe é uma leoa, se conforme sem mais nem menos a perder a menina, que além de tudo está evidentemente encantada com um pai que passou cinco anos na prisão e que é uma grande novidade para ela. Bem, diz Rolando Asuero consigo mesmo enquanto se encaminha para o aeroporto, essa é, por acaso, uma situação, não vou dizer ideal, mas pelo menos razoável? Que benefício profundo Santiago pode tirar de uma união tão forçada, onde a menina se transforme meramente em motivo de chantagem? Com certeza não gosta dessa palavra, reconhece que é uma falta de respeito com Santiago e decide mentalmente apagá-la de suas colocações. Mas o ser humano é tão imprevisível. Pode acontecer também que Santiago prefira ter Graciela em uma relação deteriorada a ter Graciela na cama de outro, embora esse outro seja um amigo da alma ou justamente por causa desse detalhe não tão descartável. Bem, aqui está enfim o aeroporto, e Rolando desce do ônibus ruminando tanto que por pouco não perde um degrau.

Extramuros (Arrivals Arrivées Chegadas)

estranho me sinto estranho pisando esse solo / menos mal que chove / com a chuva tudo se equivale e o guarda-chuva se transforma no denominador comum da humanidade / pelo menos da humanidade protegida

sinto-me estranho mas já vai passar / não se morre de estranheza, mas pode-se morrer de saudade[15] / o que acontece é que coisas demais se juntaram / a notícia / a despedida dos meus lá / os trâmites fodidos / a careta jactanciosa do penúltimo oficial / carrasco / a partida sem ninguém para mim / a viagem a longa viagem com sonhos e ardis e projetos / bem e as comidas / como não me sentir desconcertado depois de cinco anos daquele guisado infame

o funcionário que examina longamente o documento / a verdade é que quatro minutos podem ser uma eternidade / por favor poderia tirar a boina e cuidadosa comparação com a foto / sempre sério mas muito à vontade de modo que mais uma comparada / sim mais uma / e eu também muito à vontade / só então um sorriso e o rosto fechado se transforma em cara de indiozinho bacana / boa sorte amigo / ele me disse boa sorte amigo e agora esperar as malas / a minha a pobre minha virá ou não virá / isso vai demorar / e os que esperam / o montão de cabeças atrás das vidraças / se pudesse vê-los encontrá-los

mas lá estão / são eles claro que são eles / uruguaios pátria ou morte / trabalhadores do mundo inteiro uni-vos / eureca / salve a celeste / fiat lux / nosce te ipsum / pátria ou morte venceremos / viva os que lutam / caralho que alegria

graciela e o velho e essa coisinha maravilhosa que deve ser a minha menina / graciela linda / e pensar que essa é a minha mulher / beatricita que festa nos espera / e esse outro que levanta os braços / mas é o duque / mas é o duque de endives em pessoa

Palma de Mallorca
outubro de 1980 a outubro de 1981

[15] Em espanhol *extrañar* significa tanto estranhar, com o sentido que tem em português, quanto sentir falta, sentir saudade de alguém ou algo. Donde o jogo de palavras entre "não se morre de *extrañeza*, mas pode-se morrer de *extrañar*", que não faz sentido em português.

(N. da T.)